



Simone Luciano Vargas

MEMÓRIAS
de uma
MENINA
RUSSA



a condição de estrangeira
de Tatiana Belinky



O Brasil é um país multiétnico e, portanto, multicultural. Suas características atuais deram-se pela presença dos indígenas e de povos africanos e imigrantes de diferentes nacionalidades que se instalaram no país. São identidades que contribuíram para a formação do povo brasileiro e nos fez ser como somos. Assim, a identidade cultural vai além da gastronomia, do esporte, de notas musicais e passos de dança, pois também diz respeito a outras formas artísticas de se expressar. É essa perspectiva que, neste livro, eu tenho a intenção de prestigiar a tradutora, teatróloga e escritora infantojuvenil Tatiana Belinky, imigrante judia-russa-letã que se instalou na cidade de São Paulo nos anos 1930, onde viveu até 2013, ano de sua morte. Como muitos imigrantes, ela deixou sua marca na história de nosso país por meio de sua arte e dedicação. Como tradutora, estabeleceu pontes entre culturas, aproximando o povo brasileiro de obras reconhecidas mundialmente, escritas em russo, inglês e francês. Como teatróloga, criou peças inéditas ou adaptadas de contos de fadas europeus, todas voltadas para o público infantojuvenil, embora o reconhecimento tenha vindo com a adaptação do Sítio do Pica Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, para a televisão. Também destaco sua atividade como escritora infantojuvenil – a qual somente passou a exercer na década de 1980, aos 66 anos. Qual o elo entre as múltiplas atividades que Belinky exerceu em vida? Atrevo-me a dizer que foi o seu talento em narrar histórias. Pode-se dizer que Tatiana Belinky, como contadora de histórias, inspirou-se num dos personagens mais queridos de Lobato: a Dona Benta. A partir de sua maestria em criar ou registrar as histórias que conheceu na infância, adaptando-as em sua fase adulta para o público infantojuvenil, gerações de crianças brasileiras podem ter contato com um mundo onírico onde reina a fantasia, o amor, a amizade, a coragem.



Memórias de uma menina russa



Comitê Editorial

Prof. Dr. Jonas M. Vargas

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Prof.^a Dr.^a Clarice Gontarski Speranza

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Prof. Dr. Alisson Droppa

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Prof.^a Dr.^a Elisabete Leal

Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Memórias de uma menina russa

A condição de estrangeira de Tatiana Belinky

Simone Luciano Vargas



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Série Fronteiras e Identidades - 8

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VARGAS, Simone Luciano

Memórias de uma menina russa: a condição de estrangeira de Tatiana Belinky [recurso eletrônico] / Simone Luciano Vargas -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

208 p.

ISBN - 978-65-5917-192-7

DOI - 10.22350/9786559171927

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Memórias; 2. Tatiana Belinky; 3. Biografia; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

Em memória de meus avós, Laura e Ettore Olindo Luciano.

Desde então a nossa história se escreveu várias vezes em minha cabeça, sempre um pouco diferente, sempre com novas imagens, novos retalhos de atitudes e pensamentos. Assim, ao lado da versão que escrevi há muitas outras. A garantia de que a história escrita é a certa está no fato de eu tê-la escrito e de não ter escrito as outras versões. A versão escrita quis ser escrita, as muitas outras não o quiseram.

O leitor, Bernhard Schlink.

Sumário

Apresentação **13**

Simone Luciano Vargas

Introdução **17**

1 **26**

A escrita de si

<i>Ethos</i> discursivo ou a imagem de si	33
Gênero memorialístico.....	42
Memória.....	56
O Carnaval.....	79
A Roda dos Expostos.....	82

2 **89**

A condição de estrangeira

A Rússia bolchevique.....	90
A questão judaica no Brasil	93
A adaptação a um novo território	98
Uma nômade na cidade de São Paulo	113
O hibridismo cultural	123

3 **128**

Os espaços

Letônia: Rua dos Navios.....	133
O transplante	143
São Paulo: Rua Jaguaribe	150

Conclusão **183**

Referências **196**

Apresentação

Simone Luciano Vargas

O Brasil é um país multiétnico e, portanto, multicultural. Suas características atuais deram-se pela presença dos indígenas e de povos africanos e imigrantes de diferentes nacionalidades que se instalaram no país. São identidades que contribuíram para a formação do povo brasileiro e nos fez ser como somos. Assim, a identidade cultural vai além da gastronomia, do esporte, de notas musicais e passos de dança, pois também diz respeito a outras formas artísticas de se expressar.

É nessa perspectiva que, neste livro, eu tenho a intenção de prestigiar a tradutora, teatróloga e escritora infantojuvenil Tatiana Belinky, imigrante judia-russa-letã que se instalou na cidade de São Paulo nos anos 1930, onde viveu até 2013, ano de sua morte. Como muitos imigrantes, ela deixou sua marca na história de nosso país por meio de sua arte e dedicação. Como tradutora, estabeleceu pontes entre culturas, aproximando o povo brasileiro de obras reconhecidas mundialmente, escritas em russo, inglês e francês. Como teatróloga, criou peças inéditas ou adaptadas de contos de fadas europeus, todas voltadas para o público infantojuvenil, embora o reconhecimento tenha vindo com a adaptação do Sítio do Pica Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, para a televisão. Também destaco sua atividade como escritora infantojuvenil – a qual somente passou a exercer na década de 1980, aos 66 anos. Qual o elo entre as múltiplas atividades que Belinky exerceu em vida? Atrevo-me a dizer que foi o seu talento em narrar histórias.

Pode-se dizer que Tatiana Belinky, como contadora de histórias, inspirou-se num dos personagens mais queridos de Lobato: a Dona Benta. A partir de sua maestria em criar ou registrar as histórias que conhecera na infância, adaptando-as em sua fase adulta para o público infantojuvenil, gerações de crianças brasileiras podem ter contato com um mundo onírico onde reina a fantasia, o amor, a amizade, a coragem.

Em 2003, Belinky registrou, no livro autobiográfico *Transplante de Menina: da Rua dos Navios à Rua Jaguaribe*, suas memórias da infância à pré-adolescência. A partir desse relato, é possível conhecer sua trajetória de criança burguesa na Letônia à imigrante sem recursos no Brasil, com todas as dificuldades inerentes àqueles que tentam uma nova vida em outro país; porém, sob a perspectiva infantil, à qual ela tentou ser fiel. É sobre suas memórias que trata o presente livro.

Este foi organizado em capítulos, sendo que o primeiro, “A escrita de si”, trata do processo de escrita, considerando a reconstrução de um sujeito ficcional que relata suas experiências de vida e, conseqüentemente, as tomadas de consciência sobre essas experiências. A fragmentação da autora-narradora-personagem em devires-outros transpareceu na narrativa como marcas de diferença em busca de uma singularidade; porém, a autora também teve de lidar com a interpretação que seu público formou de sua pessoa. Na narrativa, portanto, colocou em jogo uma imagem de si que acreditava estar de acordo com o que os leitores esperavam de alguém com uma produção reconhecida para o público infantojuvenil.

Neste capítulo também se reflete sobre as diferenças entre os gêneros textuais que fazem parte do gênero memorialístico, como a autobiografia, a memória e a biografia, cuja intenção foi verificar qual gênero seria mais adequado para se referir a *Transplante de menina*: memórias ou romance autobiográfico. Como a narrativa busca reconstruir a percepção daquele

que migra, o autobiográfico apresenta-se pertinente por seu caráter reflexivo e íntimo ao discorrer sobre sua condição de estrangeira. Também se faz uma reflexão sobre as características de composição dos gêneros memorialísticos, bem como uma discussão sobre verdade e ficção da narrativa pessoal. A memória também é abordada, principalmente nas estratégias narrativas para a reconstrução dessa memória pela linguagem, bem como a verificação de vestígios culturais disseminados na obra.

O segundo capítulo, “A condição de estrangeira”, começa refletindo sobre as origens da autora Tatiana Belinky. Primeiramente, revê questões sócio-históricas silenciadas no texto que levaram sua família ao “exílio voluntário” e à visão político-brasileira sobre os estrangeiros judeus. Em seguida, é abordado o processo de des(re)territorialização de Belinky e a autopercepção como exilada, assim como a integração ao novo território. Outra questão abordada neste capítulo é o nomadismo linguístico de Belinky. No início do século XX, a Letônia vivenciava um ambiente multilíngue em seu território devido aos fatores históricos e políticos; por isso, Belinky aos 10 anos já falava russo, alemão, letão e iídiche. Ela manteve contato com as línguas alemã e russa através da literatura, aprendeu o inglês na escola Mackenzie, em São Paulo, e o francês com o pai. O português, por ser a língua oficial, também foi integrada a seu cabedal linguístico, pois era necessário para ter êxito na sua integração à cultura brasileira.

O nomadismo ocorre de forma que Belinky, radicada no Brasil, não deixou o alemão e o russo de lado, ao contrário, fez dessas línguas instrumentos de trabalho ao traduzir obras alemãs e russas para o português. Dessa forma continuou errante, porém, por sua mobilidade não ser física, pode-se caracterizar por uma errância linguística (Steiner, 1990). A necessidade de o estrangeiro aprender o idioma do país de acolhida também foi uma das abordagens feita por Belinky em seus relatos e, por isso, tema de

reflexão. Se atualmente os estrangeiros ainda veem o idioma português como uma barreira que os impede de se integrar à sociedade brasileira, no início do século XX, esse fator foi vital, pois “a dificuldade de aprender o português pode gerar dificuldades para o mercado de trabalho e até mesmo estigma para a convivência” (Rodrigues, 2010, p. 142). Nesse sentido, quando chegou ao Brasil, ela já apresentava uma formação cultural híbrida, a qual aparece na composição estética de *Transplante de menina*. Com sua vinda para o Brasil, ela incorporou outros elementos à sua formação num processo de hibridização (Canclini, 2003). Ao incorporar novos hábitos sociais, a menina judia-russa-letã também passou por um processo de transformação identitária.

O terceiro capítulo, “Os espaços”, faz referência à estrutura espacial da narrativa e à percepção sobre os espaços sociais das cidades de Riga, São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda em relação aos espaços, são analisadas as diferenças socioculturais que promoviam a nostalgia (Letônia) e a expectativa de exploração de um novo mundo (Brasil). Frente às explorações, a característica de uma espectadora que analisa o novo espaço – antes de efetivamente poder agir sobre ele – é bastante clara, não é apenas a intenção de informar ao leitor como era a cidade de São Paulo e o Rio de Janeiro de então, mas também um reconhecimento das possibilidades de negociações culturais nesses espaços.

Este estudo é fruto do mestrado em Estudos Literários, na Pós-Graduação em Letras, na Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Agradeço à Capes, órgão de fomento à pesquisa do Governo Federal, que possibilitou que eu pudesse me dedicar à realização desta pesquisa.

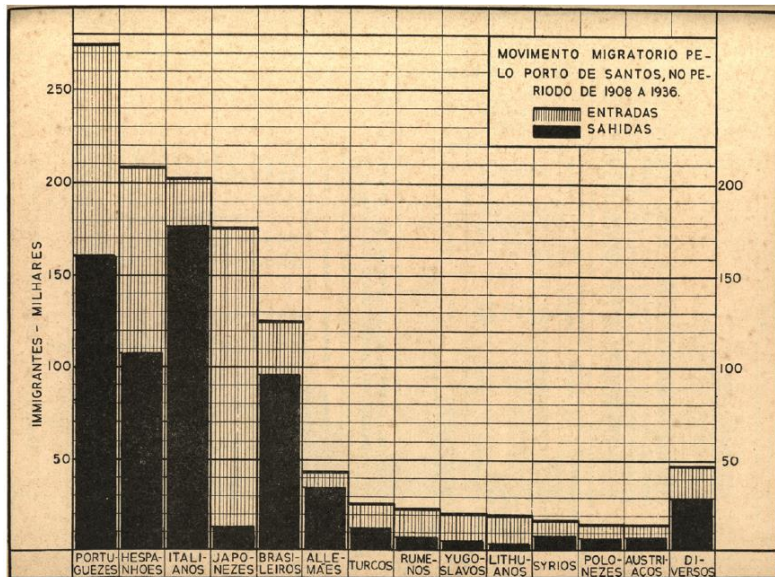
Desejo a você uma boa leitura!

Introdução

Desde o século XIX, com o advento da Primeira (1914-1918) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Brasil foi destino para muitos imigrantes europeus, inicialmente alemães e italianos, para, no século XX, também acolher imigrantes de várias nacionalidades vindos da Europa Central e Oriental, muitos de origem judaica. Além desses, também migraram para o Brasil espanhóis, sírios e japoneses. Os imigrantes criavam raízes e integravam-se às culturas locais, um fenômeno que trouxe mudanças aos países que os acolhiam, pois não se tratava apenas de um deslocamento físico, mas também afetivo, emocional e, principalmente, cultural. Odair Paiva (2013, p. 22) afirma que a presença de imigrantes “também é notada por meio de suas contribuições culturais. [...] Novos conhecimentos e formas de percepção do mundo também tendem a oxigenar os valores tradicionais da sociedade hospedeira”. Dessa forma, assim como ocorreu em países como Estados Unidos, Canadá e Argentina, com o Brasil não foi diferente.

Nem todo o estrangeiro que veio para o Brasil fixou-se no território, para muitos o Brasil foi apenas um país de passagem para a Argentina ou Estados Unidos; mas também há casos em que imigrantes se instalaram primeiro na Argentina para, posteriormente, vir para o Brasil. O gráfico extraído dos registros sobre a entrada e saída de estrangeiros pelo porto de Santos ilustra o contingente de imigrantes que passaram pelo estado de São Paulo:

GRÁFICO 1 – MOVIMENTO MIGRATÓRIO INÍCIO DO SÉCULO XX



Fonte: Paiva (2013, p. 66).

De acordo com Paiva (2013), fatores econômicos e sociais levaram o Brasil a acolher os imigrantes no século XIX e início do XX, como a necessidade de mão de obra para trabalhar nas fazendas de café em São Paulo (em substituição ao trabalho escravo) e para povoar, por meio da implementação de colônias, as províncias do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Espírito Santo. Aos governos dessas províncias “interessava povoar áreas de floresta situadas próximas ao litoral, mas que constituíam vales de rios, verdadeiros caminhos naturais para o interior. [pois] Havia necessidade de abrir vias de comunicação [...]” (Seyferth, 1990, p. 14). As construções de estradas de ferro também arremeteram estrangeiros já instalados em colônias brasileiras, bem como em seus países de origem (Espig, 2012).

Diferente do que ocorreu nos séculos XIX e XX, com o advento da globalização, eventos de mobilidade humana tendem a ser mais complexos

e desafiadores do que foram nos séculos passados, pois cada mudança política, social ou econômica (ou tudo ao mesmo tempo), que um país em particular enfrenta, ecoa em outros, independentemente do continente onde se situe. No século XXI, verifica-se uma mobilidade constante de pessoas no planeta, considerada uma nova onda de migração (maior do que a da Segunda Guerra Mundial), cujos fatores principais são as crises políticas e as perseguições religiosas em alguns países, o que tem forçado o deslocamento de seus habitantes. Além desses, as mudanças climáticas no planeta têm originado os desastres ambientais, o que também tem contribuído para a mobilidade demográfica em âmbito mundial:

[...] o relatório anual, “Tendências globais” (*Global Trends*), que registra o deslocamento forçado ao redor do mundo com base em dados dos governos, de agências parceiras e do próprio ACNUR, aponta um total de 65,3 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos até o final de 2015 – um aumento de quase 10% se comparado com o total de 59,5 milhões registrado em 2014. Esta é a primeira vez que o deslocamento forçado ultrapassa o marco de 60 milhões de pessoas. No final de 2005, o ACNUR registrou uma média de seis pessoas deslocadas a cada minuto. Hoje, esse número é de 24 por minuto. (ACNUR, 2016).

Nesse sentido, isso explica ter nas capitais brasileiras, ou até mesmo em pequenas cidades, pessoas de diversas nacionalidades. Já faz parte do cotidiano o som de um linguajar estrangeiro, alguns tão singulares que é difícil reconhecer a nacionalidade de seu falante, pois grande é a diversidade de estrangeiros que vivem no Brasil.

Entretanto, a situação no século XXI é diferente. O polo industrial brasileiro não necessita de mão de obra, o agronegócio (sempre em expansão) é mecanizado, e mais interessante é ocupar o território com plantações de soja do que com pessoas. Os motivos que levam o governo a

uma política que beneficie a entrada de estrangeiros no Brasil estão relacionados à política externa, visando uma maior cooperação com a Organização das Nações Unidas (ONU). Visto como um país em desenvolvimento, o Brasil apresenta-se atuante ao participar da ONU que trata sobre as questões humanitárias, como “na Cúpula Mundial de 2005, e na participação em suas atividades, tais como o Conselho de Direitos Humanos, a Comissão de Consolidação da Paz e as novas missões de paz multidimensionais, como a Missão de Estabilização do Haiti (MINUSTAH)” (Rodrigues, 2010, p. 139). Dessa forma, o reconhecimento de refugiados e o seu reassentamento também são uma forma de o país projetar-se internacionalmente, mostrando assim uma face cordial para o resto do mundo, reforçando um estereótipo brasileiro.

A cordialidade é um dos traços identitários que, segundo Holanda (1995), faz parte da herança colonial portuguesa. Com a receptividade política no acolhimento de estrangeiros, desde o século XIX, foi reforçado o traço identitário de que o povo brasileiro seria cordial e o país passou a ser visto como hospitaleiro. Trata-se de uma interpretação difundida por viajantes estrangeiros, como Stefan Zweig¹ que retratou o povo como amistoso, cujas etnias viviam em harmonia, sem preconceito étnico:

O Brasil, pela sua estrutura etnológica, se tivesse aceito o delírio europeu de nacionalidade e de raças, seria o país mais desunido, menos pacífico e mais intranquilo do mundo. Nele ainda são nitidamente reconhecíveis, já nas ruas, as diversas raças e sub-raças de que é constituída sua população. [...]. Com maior admiração verifica-se que todas essas raças, que já pela cor evidentemente já se

¹ Stefan Zweig (1881-1942), austríaco de origem judaica, foi biógrafo, romancista, poeta, dramaturgo, jornalista. Em vida foi um escritor célebre na década de 1920 até o ano de sua morte, suas obras tinham grande aceitação pelo público, por isso teve reconhecimento mundial. Zweig e a esposa se suicidaram em 1942, na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. De acordo com o prefácio, de Afrânio Peixoto, o ensaio *Brasil, país do futuro*, de Zweig, publicado em 1941, teve várias “edições, na América, na Inglaterra, na Suécia, na Argentina, em francês e alemão também – seis de uma vez... a menor, a brasileira... É o mais ‘favorecido’ dos retratos do Brasil” (Peixoto apud Zweig, 1960, p. 2). O ensaio, devido às edições publicadas em outros países, alcançou um vasto número de leitores e contribuiu para difundir algumas crenças que ainda se fazem presentes na mentalidade do estrangeiro naquilo que se refere ao Brasil.

distinguem umas das outras, vivem em perfeito acordo entre si e, apesar de sua origem diferente, porfiam apenas no empenho de anular as diversidades de outrora, a fim de o mais depressa e o mais completamente se tornarem brasileiras, constituindo nação nova e homogênea. (Zweig, 1960, p. 8).

Uma visão superficial da realidade social da época, própria de quem não estava ciente dos conflitos² existentes entre os nacionalistas e as comunidades étnicas, justamente por causa de diferenças culturais e de cor. Como escritor reconhecido, de fama internacional, é de se deduzir que o círculo social que frequentou durante o período em que viveu no Brasil lhe tratasse com cordialidade. Entretanto, são obras como essa que ajudaram a difundir o mito da democracia racial brasileira, que foi se consolidando através dos anos devido ao convívio e à miscigenação entre europeus, asiáticos, índios e africanos. Segundo Rodrigues (2010, p. 141-142),

O mito da democracia racial brasileira, ainda vivo, tem sido duramente criticado e desconstruído por cientistas sociais, tais como o antropólogo Roberto Da Matta e o sociólogo Octavio Ianni.

Apesar desses problemas, o Brasil é, comparativamente a outros países, um lugar em que os estrangeiros podem viver mais à vontade e longe de guerras. Essa afirmação também pode ser relativizada, quando se verificam os números gritantes da violência urbana nas grandes cidades. Mas de qualquer maneira, há um sentimento de liberdade e de paz que é partilhado por muitos estrangeiros que vivem no Brasil. Esse é um poderoso capital cultural que atrai e facilita a vinda e a vida dos solicitantes e refugiados no Brasil.

No entanto, o comportamento de alguns brasileiros (até mesmo de descendentes de estrangeiros) não expressa a alardeada hospitalidade

² A política de assimilação, como demarcadora de nacionalidade, empreendida pelo governo Vargas a partir de 1937, propunha medidas coercitivas que atingiam, principalmente, as organizações comunitárias étnicas. Essas medidas foram implementadas por meio de mudanças na legislação e a ação direta do Exército junto às comunidades étnicas, interferindo na vida cotidiana de uma parcela significativa da população, sobretudo na região Sul e no estado de São Paulo. Em nome da unidade nacional, a então denominada Campanha de Nacionalização foi planejada e executada durante o Estado Novo, como processo de assimilação forçada. (Seyferth, 1999).

brasileira. Basta acompanhar os noticiários sobre casos de xenofobia no país para verificar que a cordialidade não é generalizada. Os refugiados do século XXI têm os mesmos objetivos que os do século XX: fugir da guerra, da fome ou ter liberdade de credo. Será que mudamos? Ou somos hospitaleiros apenas àqueles que vêm ao Brasil por um breve trânsito, uma viagem de férias ou de estudos? Uma hospitalidade seletiva, pois olha para a cor da pele e para a origem. Nessa medida, são essas questões que ajudam a compreender a receptividade aos imigrantes, sua inserção na cultura brasileira e a sua participação na sociedade. A sociedade brasileira, desde a sua formação histórica, sempre compreendeu a diversidade étnico-cultural que, em conjunto, construiu a nação brasileira.

Que *corpus* seria melhor para compreender isso do que as memórias de um imigrante? De alguém que após anos de silêncio resolveu abrir as “gavetas da memória” e dar voz à criança transplantada que havia dentro de si? Dessa forma, a escritora Tatiana Belinky³, em *Transplante de*

³ Tatiana Belinky foi casada com Júlio Gouveia, com quem iniciou, em 1948, sua carreira no teatro infantil: ela como roteirista, ele como diretor. Com apoio da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Tatiana Belinky e Júlio Gouveia com amigos – entre eles Paulo Autran e Haydée Bittencourt – fundaram o Teatro Escola de São Paulo (TESP) e encenaram peças infantis em diferentes bairros da cidade, de 1948 a 1951. Com a chegada da televisão ao Brasil, o grupo foi convidado pela PRF3-TV (TV Tupi) a encenar suas peças teatrais ao vivo (na época não havia *vídeo tape*), tornando-se pioneiros na dramaturgia do teleteatro infantojuvenil. A partir desse momento, eles mantiveram um programa semanal, chamado *Fábulas Animadas*. Também adaptaram o *Sítio do Pica-Pau Amarelo* para a televisão, encenando “A Pílula Falante” e o “Casamento de Emília”, do livro *Reinações de Narizinho* (1931), em 1952, na TV Tupi, ao todo foram 360 episódios encenados e roteirizados por Belinky. Além desses eles adaptaram para o teatro obras da literatura brasileira e estrangeira, as quais eram encenadas duas vezes por semana, como minisséries. Em novembro de 1952, principiaram o programa *Era uma vez*. Depois, o programa passou a se chamar *Teatro da Juventude*, de mais de 1h30 de duração, com histórias completas. O teatro escola encerra suas atividades em 1964. Tatiana é convidada, em 1965, a organizar o setor infantojuvenil na Comissão Estadual de Teatro (CET) por Nagib Elchmer. Nessa ocasião, Tatiana cria um caderno de teatro escolar, estudantil e amador, nos moldes de publicações semelhantes em países da Europa e nos Estados Unidos, a revista *Teatro da Juventude*. O primeiro número saiu em 1995, tendo 45 edições ao todo, encerrando as atividades em 2002. A partir de 1958, Tatiana inicia sua carreira como cronista no Diário de São Paulo, escrevendo para a coluna “Nossa vida com a TV”, até meados de 1962. A partir de 1971, Tatiana Belinky passa a trabalhar para a TV Cultura e os jornais Folha de São Paulo, Jornal da Tarde e Estado de São Paulo. Outra atividade praticada foi a de júri em concursos de dramaturgia infantil. Além do trabalho no teatro, desde a década de 1940, Belinky traduzia para o português obras de escritores estrangeiros, como Anton Tchêkhov, Charles Perrault, Lev Nicolai Tólstoi, Fiódor Dostoiévski, Lewis Carrol, entre outros. A partir do convite da editora Ática, em 1985, ela começa a escrever literatura infantojuvenil. Os primeiros livros infantis por ela escritos foram *A Operação Tio Onofre* e *Medroso! Medroso!*, atualmente sua bibliografia conta com mais de 200 títulos entre traduções e produção própria. Durante sua carreira, Belinky recebeu muitos prêmios e homenagens pelas adaptações de peças teatrais, traduções e livros infantojuvenis. Como reconhecimento pela sua dedicação às artes literárias, em 2010, Tatiana Belinky ocupou a cadeira de n.º 25 na Academia Paulista de Letras. (Martins, 2011; Carrara, 2015).

*menina*⁴ (2003), buscou reviver as experiências vivenciadas pelo olhar infantil, trazendo à luz agentes sociais que ficaram à sombra do discurso histórico oficial, como o ponto de vista dos imigrantes sobre sua situação política na formação da identidade brasileira.

Além disso, sua narrativa não se limita a relatar acontecimentos sobre imigrantes, por isso pode ser considerada “literatura migrante” ou “literatura de migração”, conforme conceituou Zilá Bernd (2013, p. 122-123), “em que os dois horizontes culturais – o do país de origem e o do país de chegada – são contemplados e onde se pode verificar passagens transculturais, ou seja, quando uma cultura fertiliza a outra, gerando algo de novo”.

Transplante de menina é uma narrativa memorialística sobre a experiência de vida de Tatiana Belinky (São Petersburgo, 1919 – São Paulo (SP), 2013), que abrange a fase infantil, na Letônia (na Rua dos Navios), até a pré-adolescência, dos 10 aos 13 anos de idade, no Brasil (Rua Jaguaribe – São Paulo), tempo histórico de 1919 a 1933. Foi nesse recorte temporal de sua existência que se sucederam os conflitos devido à sua condição de estrangeira. Além dessa obra, a autora também apresenta eventos sobre sua infância até a vida adulta por meio de crônicas nos livros *17 é Tvov* (2005) e *Bidínsula e outros retalhos* (1990).

Quanto aos aspectos sócio-históricos desse período, embora não fale expressamente sobre alguns eventos factuais que ocorreram durante o período mencionado, foi inferido à narrativa de memória eventos como a Revolução Russa (1917-1918) e a perseguição nazista aos judeus⁵ no Leste

⁴ A primeira edição do livro foi em 1989. A pesquisa teve por *corpus* a 3ª edição, na sua 18ª impressão.

⁵ A diáspora judaica produziu uma cisão entre os judeus que se instalaram na Europa em séculos passados, como os judeus provenientes da península ibérica que se identificam como sefardim (sefarad=Espanha) e falam o ladino, e os judeus provenientes do vale do Rio Reno que se identificam como asquenaz (ashkenaz=alemão) e falam uma mistura de hebraico com as línguas do Leste europeu, o iídiche. Da mesma forma, há muitos tipos de judeus que migraram e adquiriram características que os diferenciavam dos demais, principalmente na questão linguística. (Associação Brasileira dos Descendentes de Judeus da Inquisição, 2012). Os judeus do Leste europeu que migraram para o Brasil

européu; no Brasil, inferiu-se a perseguição dos nacionalistas, contrários a crescente entrada de imigrantes, e o desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo que vivenciava, então, a modernidade. Eventos como a Segunda Guerra e a Revolução de 1932, em São Paulo, são citados na narrativa.

A autora tinha 70 anos quando publicou a 1ª edição do livro. A narrativa caracteriza-se por um lá (viagem ao passado) e um cá (tempo presente da escrita); de certa forma, os tempos entremeiam-se ao aproximar as duas temporalidades. O fluxo da memória, que passa por diferentes tempos, permite que isso ocorra, entretanto, não há coincidência entre o autor e o personagem. A personagem que desembarcou na Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro, não era a mesma personagem que doou uma correntinha de ouro para a causa paulista. Três anos passaram-se de um acontecimento a outro. Da mesma forma, a Tatiana que chegou ao Brasil não era a mesma Tatiana que havia escrito o livro. Isso ocorre porque as experiências vivenciadas mudam as pessoas.

Pela macroestrutura da obra – dividida em duas partes por espaços representativos na vida da autora (Rússia – Brasil) –, percebeu-se que, na primeira parte, a intenção foi mostrar a sua formação sociocultural na comunidade da Letônia, situada no Leste europeu. Dessa maneira, ela narrou eventos sobre a relação familiar harmoniosa, não apenas com o pai e a mãe, mas também com os demais parentes: avós, tios, primos. Fez referência ao clima da Letônia (tão diferente do clima brasileiro), aos costumes, às brincadeiras e à imersão cultural, com idas a teatros, óperas e balés, mais o contato com os livros e as histórias do imaginário russo que o pai lhe contava. A segunda parte da narrativa tematizou o choque

no século XX, em sua maioria, pertenciam ao ramo dos asquenazes, como Tatiana Belinky, que falava iídiche com os avós.

cultural vivenciado por ela no Brasil. Apesar de apresentar o Brasil como um lugar maravilhoso – principalmente quando descreveu os passeios no Rio de Janeiro –, a sua narrativa contém as tristezas, as angústias, as dificuldades de adaptação nesse novo espaço. Muitos eventos traumáticos foram postos em destaque, principalmente aqueles que se referem ao convívio com as crianças da Rua Jaguaribe e da escola.

Os motivos que levaram a autora à escrita autobiográfica não estão claros. Entretanto, segundo Gusdorf (1991b), a principal tarefa da autobiografia é a salvação pessoal; nesse sentido, aquele que se reconstrói dá a si uma segunda chance, reconcilia-se consigo mesmo. Além disso, o autobiógrafo também acredita que seu testemunho é importante para as gerações futuras. No caso da autobiografia de Belinky, pode-se pensar, como justificativas para a escrita de si, a preservação de sua memória entre os vivos e a de sua origem por meio do registro escrito das experiências vivenciadas, pois considera o seu testemunho importante e poderia interessar a seus leitores. A possibilidade de revisar fatos que lhe causaram dores e traumas também foi um meio de se reconciliar com seu passado. Nesse sentido, a revisão dos conflitos identitários gerados devido à migração explicaria a escolha pela fase infância/pré-adolescência para ser narrada, já que na fase adulta parece não ter tido problemas com a sua condição de estrangeira. A autora busca, através da reconstrução de seu passado, apresentar os acontecimentos pela percepção de uma criança/pré-adolescente. Suas memórias referem-se a fatos importantes sobre a trajetória e o dia a dia dos imigrantes que se instalaram no Brasil na década de 1930, especificamente na cidade de São Paulo. Entretanto, ao se ver como neobrasileira, de certa forma, a autora reconheceu a sua identidade híbrida, e a autobiografia viria a mostrar o processo desse hibridismo.

1

A escrita de si

A escritora Tatiana Belinky, em *Transplante de menina*, apresentou alguns acontecimentos que lhe sucederam durante sua infância e pré-adolescência. Trata-se de uma narrativa de cunho pessoal que oscilou entre o tempo e o espaço, entre a criança e o adulto. Embora apresentasse os eventos que lhe sucederam na infância e na pré-adolescência, a ênfase recaiu sobre as impressões relacionadas às experiências vivenciadas:

Aqueles primeiros anos foram anos de aprendizado e adaptação, de luta para absorver e assimilar uma enorme quantidade de impressões e de dados novos, de novas coordenadas. Coisas que ora me pareciam boas e agradáveis, ora más e dolorosas; ora interessantes e fascinantes, ora estranhas e incompreensíveis. (Belinky, 2003, p. 11).

A escrita de si é uma escrita autorreferencial que abarca gêneros como a autoficção, a epistolar, a autobiografia, o diário; tal como se concebe nesta pesquisa, trata-se de um meio, uma “técnica de si”¹, que a autora usou para se expor e refletir sobre os conflitos gerados pela migração. No texto “A escrita de si” (1992), Michel Foucault fez uma análise da função da correspondência na elaboração de uma escrita de si. A partir de textos de filósofos da antiguidade greco-romana, como Sêneca, Foucault investigou as “técnicas de si”. Dentre elas estudou a escrita de si como uma prática diária a qual, ao final do dia, o indivíduo deveria expor os feitos,

¹ “As ‘estéticas da existência’ dos gregos e romanos eram constituídas por ‘técnicas de si’, como a meditação, a escrita de si, a dieta, os exercícios físicos e espirituais, a parrésia ou coragem da verdade, que envolviam o cuidado de si e do outro, isto é, por práticas relacionais de construção subjetiva como um trabalho ético-político” (Rago, 2013, p. 43-44).

não apenas as ações, mas também as sensações, os sentimentos, os pensamentos, tudo que se relacionasse com a alma e o corpo. Tendo por objetivo adquirir o

[...] hábito de “passar em revista o seu dia”: é o exame de consciência [...] um exercício mental ligado à memorização; tratava-se simultaneamente de se constituir como “inspector de si mesmo” e, portanto, de avaliar as faltas comuns, e de reactivar as regras de comportamento que é preciso ter sempre presentes no espírito. (Foucault, 1992, p. 157).

De acordo com Foucault (1992), pode-se pensar a narrativa memorialística também como um exame de consciência que, entretanto, passa em revista experiências vivenciadas em um passado mais ou menos remoto, sujeitas à avaliação e à reconsideração.

Importa destacar que a escrita de si de Belinky, similar ao que os filósofos greco-romanos faziam, estava direcionada a um leitor. Em relação a isso, Judith Butler (2015), em seus estudos sobre o relato de si mesmo, observou que uma marca do gênero é que “enquanto estou engajada em uma atividade reflexiva, pensando sobre mim mesma e me reconstruindo, também estou falando contigo e assim elaborando uma relação com um outro na linguagem” (Butler, 2015, p. 70). Esse leitor virtual não é conhecido, nem pode ser apreendido totalmente; contudo, ele se fez presente na escritura e pode estar explicitado na narrativa. Em relação à escrita de si de Belinky, o fato de tratar do universo infantojuvenil pôde tê-la predisposto a virtualizar “os jovens de hoje” como um possível leitor-modelo²: “Uma infância tão rica de experiências e emoções, de sustos e surpresas, de alegrias e tristezas, de tantas emoções e vivências, que sinto vontade de

² O Leitor-modelo é um tipo ideal de leitor criado no texto pelo autor. Sua função é colaborar com o autor, interpretando o texto da forma como ele imaginou ao criá-lo. “O leitor-modelo de uma história não é o leitor-empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto” (Eco, 1994, p. 14), e podemos lê-lo de várias formas, pois não há regras que determine como se deve interpretá-lo.

contar algumas delas aos jovens de hoje” (Belinky, 2003, p. 11). Entretanto, no posfácio, Belinky ampliou o rol de possíveis leitores de sua narrativa:

[...] esse livro inteiro outra coisa não é senão um, e nem tão pequeno, bate-papo com os meus eventuais leitores, os brasileiros natos e os “chegados” de todos os quadrantes. E os filhos e netos e bisnetos – os *oriundi* dos quatro pontos cardeais, “transplantados” e enraizados como eu, ou aqui nascidos, com suas contribuições multicoloridas, culturais, genéticas, étnicas e outras [...]. (Belinky, 2003, p. 160).

Belinky reconheceu no posfácio que a sua história poderia atingir um público diversificado, tanto de brasileiros natos quanto de estrangeiros e seus descendentes, já que, finalizado, o autor não tem mais poder sobre o texto. Para ela, *Transplante de menina* era um bate-papo, revelando que não pretendia impor uma formalidade à narrativa. A forma como estruturou a história de sua vida foi para dar a impressão de que estivesse contando uma história face a face, para isso optou por uma linguagem acessível aos eventuais leitores e, algumas vezes, recorreu a expressões que se dirigiam diretamente a eles, como se estes estivessem presentes no momento da escrita, por exemplo: “Foi um... não riam! Um cacho de bananas” (Belinky, 2003, p. 66).

A forma como a Tatiana-autora exercitou sua narrativa, como se fosse um bate-papo com o seu leitor, lembra os contadores de histórias de antigamente, os quais Benjamin (2012) afirmou estar em vias de extinção, porque raras são as pessoas que sabem narrar de forma a intercambiar experiências. Entretanto, hoje as formas de sociabilidade são diferentes do início do século XX, as narrativas orais perderam espaço com a introdução dos meios tecnológicos. Dessa forma, as situações de narrativas orais transformaram-se, mas Belinky as revitalizou ao compartilhar suas experiências com o leitor de uma forma que pouco se distinguia de uma história

contada oralmente. Se para o povo “quem viaja tem muito a contar” (Benjamin, 2012, p. 214), conforme o excerto, o Brasil foi solo fértil para que ela desenvolvesse a competência de narrar:

Só que essas histórias não nos interessavam: havia tantas novidades, tantas impressões, tanta coisa nunca vista, para nós, crianças!

Mas antes preciso contar o que me causou o primeiro impacto assim que descemos do navio. Foi no próprio cais do porto [...]. (Belinky, 2003, p. 66).

Nesse excerto, Belinky se referiu às histórias dos outros hóspedes da pensão Laranjeiras, no Rio de Janeiro, onde cada um queria contar sua história pessoal sobre os porquês de terem vindo para o Brasil. No entanto, para as crianças, diante de um mundo novo a ser explorado, as histórias dos adultos não lhes interessavam. O primeiro enunciado subentende que a narradora tinha muitos eventos para contar: expor as novidades e suas impressões. Na tentativa de pôr em ordem a narração a seguir, ela a iniciou com a expressão, “Mas antes preciso contar...”, e depois, como se contasse oralmente a história, “Foi no próprio cais do porto...”, a alguém.

A construção da estética do texto, em que mistura melancolia e lirismo, caracteriza-se pelo excesso de adjetivos e hipérboles para descrever as sensações e os sentimentos. *Transplante de menina* caracteriza-se por uma linguagem livre de formalismos e pela manipulação de um vocabulário rico e heterogêneo que um leitor com repertório restrito teria dificuldades em acompanhar, tendo de se valer do contexto enunciativo ou, até mesmo, de um dicionário. Porém, ao assumir a oralidade como estratégia em sua narrativa, a Tatiana-autora trouxe o leitor para dialogar com a obra, de forma sutil. A pontuação também foi utilizada com este fim, como se pôde perceber pelo uso de reticências; há também as ironias e as metáforas, em que cabe ao leitor perceber as pistas no texto e preencher

as lacunas para que realmente tenham sucesso os efeitos de sentido alme-
jados por Belinky.

Entretanto, ao mesmo tempo que a narrativa abrangeu um número maior de leitores, o idioma também o restringiu. Isso se deve à opção por escrever suas lembranças de infância no idioma do país de adoção, o que restringiu o público leitor a falantes de língua portuguesa, bem poderia ter escrito em russo, a língua que interagia com os pais, ou nas outras línguas que estava habituada a traduzir, como o alemão, o inglês e o francês.

Ao reconstruir-se na escrita de si, singularidades foram postas em jogo, porque “somos seres que, por necessidade, têm sua vulnerabilidade e singularidade *expostas* aos outros, e que nossa situação política consiste parcialmente em aprender a melhor maneira de manejar – e honrar – essa exposição constante e necessária” (Butler, 2015, p. 46, grifo da autora), o que ocorre tanto por meio da escrita quanto pela interação face a face, talvez uma tentativa de estar presente no ato da leitura, impressão a qual apenas o leitor virá a ter.

Na autobiografia as fronteiras entre autor, narrador e personagem são difusas, o que se apresenta é uma presença que permeia a narrativa como um simulacro. Na obra tem-se a memória reconstruída pela linguagem que fica mesmo após a morte, aquilo que se quis registrar para a posteridade. Além de um olhar para si que permite julgamentos de valor sobre sua própria existência, bem como a autoconsciência de um ser no mundo que revela sua singularidade.

No livro *A aventura de contar-se* (2013), a historiadora Margareth Rago viu a escrita de si não como uma escrita que se voltasse para um ser objetivado, com a intenção de afirmar a própria identidade a partir de uma autoridade exterior, mas “de um trabalho de construção subjetiva na experiência da escrita, em que se abre a possibilidade do devir, de ser outro

do que se é”. (Rago, 2013, p. 52). Nesse sentido, pode-se estender essa possibilidade para a escrita de si de Belinky, visto que a autora passou em revista experiências vivenciadas em um passado remoto, sujeitas à avaliação e à reconsideração. Belinky se reconstruiu por meio da linguagem, pela qual materializou a sua descentralização identitária, apresentando devires-outros singulares de si mesma.³

O sujeito se define por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo. O que se desenvolve é sujeito. Aí está o único conteúdo que se pode dar à ideia de subjetividade: a mediação, a transcendência. Porém, cabe observar que é duplo o movimento de desenvolver-se a si mesmo ou de devir outro: o sujeito se ultrapassa, o sujeito se reflete. (Deleuze, 2012, p. 99).

Foi verificada a presença de diferentes *tatianas* na escrita de si, o que se buscou mapear. A partir de diferentes espaços e tempos, têm-se os devires Tatiana-criança, Tatiana-menina, Tatiana-pré-adolescente, Tatiana-adulta, Tatiana-emigrante, Tatiana-imigrante, Tatiana-judia, Tatiana-russa⁴, Tatiana-neobrasileira, Tatiana-exploradora, Tatiana-autora, Tatiana-narradora, até uma Tatiana-menino. À medida que foi narrando suas experiências de vida, esses devires-outros foram sendo apresentados.

Para Gusdorf (1991b), a escrita de si propicia uma tomada de consciência sobre a experiência vivenciada, possível somente depois do aqui e agora, ou seja, da imediatez do vivido. Por meio dos comentários presentes na narrativa, foi percebido a visão de mundo ou tomada de consciência da Tatiana-narradora que destacou seu posicionamento frente a eventos passados.

³ Pensar o devir deleuziano é considerar o movimento, o fluxo, a diferença, a multiplicidade, a singularidade. Devir não tem relação com o que é estático, sedentário; “tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação [...] o devir não produz outra coisa senão ele próprio” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 18). Entretanto, o devir não se estabelece, porque não é afixado. Nesse sentido, os seres/personagens de Tatiana podem ser chamados outro de si ou devir-outro enquanto exercício dessa multiplicidade de si.

⁴ Quando chegou ao Brasil, Tatiana Belinky já possuía uma identidade híbrida judia-russa-letã. No entanto, a sua nacionalidade por *jus solis* era russa, e era assim que ela se via. Portanto, o devir Tatiana-russa configura esse hibridismo identitário.

O fato de a escrita desses eventos ter-se efetivado 60 anos depois originou esquecimentos próprios da memória e transformações que tornaram a totalidade inapreensível. Nesse sentido, não se pode dizer que se tratava da mesma pessoa, porque a recapitulação da infância e parte da adolescência permitiram a reconstrução de um passado muito distante. Este adquiriu um grau de reflexividade e valoração impossíveis no momento vivido, por isso foi inevitável a tomada de consciência. Na escrita de si, as atitudes da Tatiana-pré-adolescente foram censuradas pela Tatiana-narradora:

Não conto esse episódio para me vangloriar, pelo contrário, não me orgulho dele. Foi um acontecimento triste na minha vida de criança, porque me mostrou que eu, que sempre fui de boa paz, era capaz não só de uma reação impulsivamente agressiva, mas, pior que isso, que eu podia, quando suficientemente provocada, cometer um ato de maldade a sangue frio – ainda que “justiceiro” e com toda a razão. (Belinky, 2003, p. 91).

O episódio narrado foi um ato de vingança contra um menino da Rua Jaguaribe que a perseguia. A maldade infantil consistiu em apertar os dedos, cruzados, do menino entre as mãos. Quando se referiu a “minha vida de criança”, Belinky marcou a distância temporal do ocorrido em relação ao escrito. O juízo de valor somente foi possível após a reflexão sobre o episódio, do qual não sentia culpa nem remorso, pelo contrário, considerava-o como um ato de justiça. Essa postura da Tatiana-narradora está de acordo com o que Gusdorf (1991b, p. 13, tradução nossa) afirmou: “a recapitulação das etapas da existência, das paisagens e dos encontros, obriga-me a situar o que eu sou na perspectiva do que fui”⁵.

⁵La recapitulación de las etapas de la existencia, de los paisajes y de los encuentros, me obliga a situar lo que yo soy en la perspectiva de lo que he sido.

Ethos discursivo ou a imagem de si

A possibilidade de ser outro por meio da linguagem propiciou à Tatiana-autora criar uma imagem de si que ela imaginava estar de acordo com a que seus leitores esperavam. Essa imagem criada para atrair a empatia ou persuadir o leitor pode ter relação com o conhecimento prévio que os leitores criam do autor da obra, da imagem que se formou ao longo da sua carreira. É possível relacionar a imagem de si com a função-autor de Foucault, em que autor e escritor não coincidem, pois, para ele, a noção de autor é discursiva, “o autor é de alguma forma construído a partir de um conjunto de textos ligados a seu nome [...] [a noção] autor está revestida de traços históricos-variáveis” (Possenti, 2002, p. 106). A função-autor contém uma marca autoral, de forma que não é simplesmente a identificação do autor por seu nome próprio, pois “ele exerce um certo papel em relação ao discurso [...]” (Foucault, 2013, p. 277) – ao contrário da noção de escritor que somente designa aquele que escreve.

No caso da autora Tatiana Belinky, a sua produção literária foi legitimada pela posição que ocupou no campo literário, ratificada pela Academia Paulista de Letras. As atividades extraliterárias, como suas aparições na mídia impressa e televisiva e os bate-papos com crianças nas escolas, propiciaram a construção de uma imagem junto ao seu público leitor. A crítica que foi feita de sua produção também ajuda a pré-definir essa imagem, por exemplo, em artigo publicado no site da Editora Moderna, em 2013 (ano de sua morte), apresentaram-na como ícone da literatura infantojuvenil do Brasil (Dutra, 2013). A eficácia do discurso, algumas vezes, depende da ideia que os leitores fazem da pessoa do autor. No que diz respeito à *Transplante de menina*, a ideia que o público-alvo tem do eu autoral contribuiu na recepção e na aceitação da obra, para alguns leitores, até mesmo, de sua veracidade.

Maingueneau (1993), em seus estudos sobre o *ethos*⁶, inclusive no discurso literário, referiu-se à imagem antecipada que o público faz de um orador como um *ethos* pré-discursivo, a ponto de o orador, a partir da imagem que tem do público, reelaborar ou transformar a sua própria imagem. De certa forma, o autor imputa a si uma imagem condizente com o que o público espera dele. A respeito de uma obra literária, ainda em relação à função-autor, contribuiu para a reflexão:

é sabido que, em um romance que se apresenta como o relato de um narrador, o pronome da primeira pessoa, o presente do indicativo, os signos da localização jamais remetem imediatamente ao escritor, nem ao momento em que ele escreve, nem ao próprio gesto de sua escrita; mas um *alter ego* cuja distância em relação ao escritor pode ser maior ou menor e variar ao longo mesmo da obra. (Foucault, 2013, p. 283).

Dessa forma, não há coincidência entre escritor e autor, porque este tem compromisso com a imagem que a sociedade tem dele, assim é inevitável a reconstrução de um outro, o *alter-ego* a que Foucault (2013) refere-se. Também é importante considerar que não há como apreender a essência de um “eu” autor na sua totalidade; na escritura, ele sempre apresentará facetas de seu caráter, de preferência aquelas que forem valorizadas pelo seu público-alvo. Além de passar por suas competências e pelas condições de recebimento dos leitores (capacidade interpretativa, meio cultural etc.).

Maingueneau afirmou que o discurso literário e o gênero ao qual se insere agem sobre o *ethos* discursivo, para isso prescinde um *ethos* pré-discursivo, porque o *ethos* discursivo já orienta a leitura:

⁶ Além do *ethos* discursivo, Maingueneau (2009) empreendeu uma terminologia própria para conceituar categorias da narrativa literária, o qual ele chama de discurso literário. Por essa razão, neste trabalho, apenas o conceito de *ethos* discursivo será levado em conta, pois se acredita que contribua para entender a relação entre função-autor e narrador-personagem.

O que o orador pretende ser, ele o dá a entender e mostra: não *diz* que é simples ou honesto, *mostra-o* por sua maneira de se exprimir. O *ethos* está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real” [...]. (Maingueneau, 1993, p. 138, grifo do autor).

Portanto, a Tatiana-autora não precisou dizer eu sou assim, mas, conforme a narrativa avançava, ela ia revelando ao leitor uma imagem de si que correspondia, ou não, com a que o leitor já esperava, como já dito antes: imagina-se um leitor-modelo, mas, depois de concluído, não se tem controle sobre como o leitor empírico interpretará o texto.

Nesse sentido, para quem não conhece a autora, o posfácio e a apresentação contribuíram para antecipar não apenas do que trata a obra, mas também por qual imagem de si a autora queria ser reconhecida. Na sua apresentação, a Tatiana-autora afirmou ser imigrante, mas também queria *ser reconhecida como brasileira*, porque, além de se ter casado com um brasileiro, seus descendentes (filhos e netos) nasceram no Brasil; ou seja, ela era judia-russa-letã, mas também era neobrasileira, portanto, um ser híbrido culturalmente. Como argumento final, declarou estar mais tempo no país do que muitos brasileiros natos.

A seleção das lembranças, reflexões e justificativas contribuiu para a criação de um *ethos* discursivo. Como, por exemplo, no excerto a seguir, Tatiana-autora reconstruiu um “eu” simpático a certos tipos de leitores: um eu de bom coração, solidário com o sofrimento dos animais:

Todas as crianças – tanto os “moleques” como os “meninos-família” – tomavam o partido dos cachorros e faziam o possível para livrar os bichos da sanha dos seus perseguidores. E realmente dava pena ver um cachorrinho vira-lata, ou mesmo um cachorrão, apanhado no laço e metido à força, ganindo e se debatendo, atrás das grades daquela jaula sobre rodas. Pareciam até que presentiam o destino que os aguardava: virar sabão... Nós, que convivemos com

uma cachorrinha dentro de casa desde que nascemos, e que viríamos a ter muitos bichinhos de estimação, cachorros e outros, sofríamos demais vendo aquilo. A gente chegava a chorar e a perder o sono depois de presenciar, impotentes, uma daquelas caçadas... (Belinky, 2003, p. 115).

Ao relatar com dramaticidade e expressar seus sentimentos, a Tatiana-autora buscava a adesão de um tipo de leitor ao seu discurso, aquele que gostasse de animais como ela e solidarizava-se com o sofrimento destes. Situações que se abriam à possibilidade de partilhar um mesmo sentimento auxiliaram na formação de um elo entre o autor e o leitor, o que propiciaria uma empatia entre leitor e personagem. Além disso, o acontecimento relatado demonstrou que as pessoas são capazes de esquecer as diferenças quando lutam por uma causa comum, pois, nos momentos de apreensão dos cachorros, as crianças da Rua Jaguaribe esqueciam suas diferenças e uniam-se em prol de um mesmo objetivo. Nesse trecho, há também de se considerar que a Tatiana-adulta colocava-se no tempo presente da escrita, mas com o olhar voltado para os sentimentos da Tatiana-pré-adolescente e das crianças do bairro no passado, ou seja, passado e presente entrecruzam-se.

Já neste excerto: “Era tudo muito gostoso e fácil para nós, crianças, mas hoje, quando me lembro daquelas excursões, não posso deixar de admirar a disposição de nossos pais” (Belinky, 2003, p. 97). O *ethos* discursivo apresentou uma Tatiana-adulta que valorizava as atitudes em prol da família ao se solidarizar com os pais, devido aos esforços em proverem um pouco de lazer, tanto pelas condições econômicas quanto pelas distâncias percorridas para chegar aos parques. São Paulo de antigamente não possuía nem a malha viária nem os meios de transporte coletivo de hoje. Outro fator importante que marcou a tessitura da obra é o jogo do lá

e cá temporal: o “nós, crianças...”, que se apresentou em vários enunciados, e o uso do advérbio “hoje” marcaram as diferentes temporalidades. Esse jogo ressaltou os diferentes pontos de vista da criança (“tudo muito gostoso e fácil”) e do adulto, que refletia sobre a situação.

Na construção da personagem, o *ethos* apresentou-se no descontentamento da Tatiana-menina diante dos cerceamentos que lhe eram impostos. Usar de franqueza ao narrar aquilo que lhe incomodava na infância e na adolescência, fases em que o que prevalecia era a vontade do adulto sobre a da criança, de certa forma, foi a libertação das convenções que lhe foram impostas, mesmo que em outra temporalidade: a velhice. Durante a infância, a criança tem de se conformar com o papel que o adulto lhe confere na sociedade. Papel que, desde cedo, é condicionado ao gênero do indivíduo: feminino ou masculino. Dessa forma, as crianças são instruídas que nem tudo lhes é permitido, bem como sobre quais comportamentos os adultos esperam delas. Nesse sentido, Belinky fez uma reconstrução de si, já que no agora (tempo presente) se pode falar o que em outro tempo seria considerado como uma rebeldia, também refletiu sobre os acontecimentos por outra perspectiva que antes, por falta de maturidade, não poderia.

Na Letônia de então, as brincadeiras da infância reforçavam o caráter que estava sendo moldado:

“O velho” “se derretia conosco”. Ele tinha uma bengala grossa, de castão de prata, representando uma cabeça de leão, e usava essa bengala como uma barra fixa, segura entre suas mãos fortes, para o meu maninho se pendurar e fazer exercícios – coisa de que eu tinha uma ponta de inveja, já que pendurar-se na bengala de vovô “não era coisa de menina”... (Belinky, 2003, p. 22).

O enunciado “não era coisa de menina” traz aspectos de uma cultura de gênero que condiciona socialmente o que é adequado a homens e mulheres desde a infância.

A princípio, pendurar-se na bengala do avô não lhe parecia ser algo que motivasse a demarcação das diferenças entre meninos e meninas. Contudo, aos olhos de um adulto, isso podia ser visto como uma brincadeira agressiva, portanto, própria para meninos; as meninas deveriam se contentar com as brincadeiras delicadas e sem riscos. As brincadeiras são uma forma de a criança representar o mundo que a cerca. Nesse sentido, os papéis atribuídos a ambos os sexos indicam o comportamento esperado na fase adulta:

Muitas vezes era eu – a mais velha, com oito, nove, dez anos – quem inventava os temas dos nossos jogos dramáticos, a partir das histórias que papai contava ou que eu lia nos meus livros. Só que os melhores papéis sempre cabiam aos meninos! Meu irmão, meu primo, alguns vizinhos... Eram sempre eles os heróis, os piratas, os bandidos, médicos, mocinhos – ó mundo machista! Enquanto isso eu tinha que representar princesas raptadas, donzelas em perigo e outras bobocas tremebundas, resgatadas no último instante por algum dos heróis de plantão. (Belinky, 2003, p. 37-38).

Nas dramatizações, os papéis atribuídos a Tatiana-menina reforçavam os estereótipos de que o gênero feminino era o sexo frágil que necessitava de proteção (a princesa raptada que aguardava passivamente o seu resgate); enquanto o gênero masculino era o sexo forte que garantia a proteção (o herói que resgatava a princesa) ao usar a força física e solucionar os problemas. No entanto, essa divisão de papéis representada nas brincadeiras infantis não agradava a Tatiana-menina, a qual a Tatiana-narradora denunciou como uma ideologia machista da sociedade (“ó mundo machista”). Nesse sentido, a narrativa faz referência a aspectos

culturais de um tempo passado em que ainda se encontra vestígios hoje, mas não é mais o padrão.

Pelo discurso da Tatiana-narradora, percebeu-se o quão era indesejado, por ela, ajustar-se à conduta que se esperava de uma menina. Por meio desse discurso, subentende-se um devir-menino, pois uma das características da Tatiana-menino era a ânsia por aventuras, mais condizente com sua capacidade natural. O desejo de representar os papéis atribuídos aos meninos significava querer correr riscos, pois lhe parecia mais emocionante do que ser uma princesa sem ação, à espera do resgate.

Na Letônia, embora tanto os meninos quanto as meninas compartilhassem algumas brincadeiras, as crianças tinham consciência de suas diferenças biológicas, das quais a Tatiana-menina tirava partido quando tinha oportunidade:

Por essas e outras eu, que de modo geral até gostava de ser menina, tinha uma ponta de ciúme, quase diria inveja, dos meninos. Especialmente quando – para me espicaçar mesmo – eles brincavam de “cruza de xixi”, dirigindo para o alto e cruzando no ar aqueles lindos jatos amarelos, que resplandeciam ao sol como âmbar transparente. Mas a minha vingança era brincar de ficar grávida, com a boneca Lídia escondida debaixo da roupa, e então era eu que levava vantagem diante dos meninos, que não podiam “ter nenê” nem de brincadeira... (Belinky, 2003, p. 38).

Pelo excerto deduz-se que assim como as meninas gostariam de fazer “coisas de menino”, o contrário também ocorria. Não foi o caso de a Tatiana-menina ter aversão ao sexo feminino, pois ser menina tinha suas vantagens, como exemplificado pelo excerto. Nele é evidente de que a Tatiana-menina tinha consciência de que a diferença entre os sexos é biológica. No entanto, a Tatiana-autora dirigiu sua crítica para as diferenças reforçadas pelas convenções impostas pela sociedade, com o intuito de

moldar a conduta feminina, a partir da fase infantil do desenvolvimento do ser humano; convenções que impediam a Tatiana-menina de brincar do que quisesse. Segundo se deduziu de suas afirmações, ela não deixaria de ser menina por lhe permitirem representar um papel masculino ou se dependurar na bengala do avô.

Assim como na Letônia, no Brasil também havia essa separação entre o que seriam brincadeiras apropriadas para os meninos e as meninas. Entretanto, já na pré-adolescência, ao que parece, os pais da Tatiana-pré-adolescente a deixavam à vontade para interagir com as crianças da Rua Jaguaribe como bem entendesse, e ela não se deixava aprisionar pelas convenções:

Aliás, eu era jeitosa, de modo geral, em “coisa de menino”. Embora gostasse de pular corda e amarelinha com as poucas garotas da rua, eu gostava mais era de jogar pião de feira e bolinha de gude, artes nas quais tampouco fazia feio diante dos garotos, para espanto, senão escândalo mesmo, das meninas e até dos adultos. (Belinky, 2003, p. 109).

Resistir aos padrões convencionados pela sociedade sobre o comportamento adequado a uma menina era uma forma de se insurgir às normas impostas pela sociedade. Esse seu comportamento causava estranhamento entre, até mesmo, as outras crianças, já condicionadas a essa forma de controle. Sua conduta era reprovada tanto pelas crianças quanto pelos adultos, ciosos em manter a distinção entre os gêneros.

O contraste entre os jogos dramáticos, com os primos, e os jogos infantis de rua, com as crianças da Rua Jaguaribe, revelava as diferenças de classe, pois, como Tatiana-narradora relatou, na Letônia, ela tinha acesso a bens culturais, como museus, teatros e, principalmente, obras literárias, de onde ela se inspirava para criar suas próprias peças. Além disso, na Letônia seus

parceiros de brincadeiras faziam parte de sua família, no Brasil, eram crianças da rua: “aparentemente sem qualquer controle [...] eram de classe média baixa, ou mesmo ‘proletária’”. (Belinky, 2003, p. 137).

Entretanto, não foi somente sua predisposição para praticar atividades consideradas próprias para meninos que causava estranhamento entre a personagem e os brasileiros. Já na pré-adolescência, o gosto pela leitura também foi motivo para o aumento das diferenças:

Então, lá fui eu para a biblioteca, toda entusiasmada e cheia de antecipação pelas delícias que me aguardavam entre as capas de tantos e tantos livros. Fui direto para uma das grandes estantes, escolhi dois livros de ficção – a esmo, porque nem sabia quem eram os autores, ou quais os assuntos de que tratavam – e me dirigi à biblioteca, a fim de registrar a retirada. Qual não foi a minha decepção quando a professora, acho que era uma professora, me disse com seu ar professoral que eu não podia retirar esses dois livros, “porque não são para meninas”. (Belinky, 2003, p. 149).

A família de Belinky não se opunha à leitura de qualquer livro, o que causou estranhamento numa sociedade tradicional como a brasileira no início do século XX. A expressão “porque não são para meninas”, no contexto da enunciação, indicava que o conteúdo dos livros não era apropriado para a faixa etária da Tatiana-pré-adolescente, que tinha 11 anos na época; diferente da expressão “não era coisa de menina” que a Tatiana-narradora usou para indicar o estereótipo sobre os gêneros. De qualquer maneira, ambas expressões reforçavam que as suas atitudes divergiam do padrão de conduta que se esperava do sexo feminino nas primeiras décadas do século XX, tanto na Letônia quanto no Brasil.

No Brasil, na impossibilidade de coação, seus atos foram considerados anticonvencionais e atribuídos ao grupo como coisa de estrangeiros, portanto, excêntricos e incompreensíveis.

Feliz da vida, levei o bilhete para a escola – e ele teve o efeito de uma mini-bomba. Foi uma espécie de escândalo, tanto junto às professoras como diante das alunas: já se viu, uma fedelha de pouco mais de onze anos poder ler tudo o que lhe desse na veneta! Mas se o pai autorizava, estava autorizado e ponto final, a autoridade paterna era a última instância. “Coisas de estrangeiros” – concluíram. (Belinky, 2003, p. 151).

Nesse sentido, a condição de estrangeira também se tornou um alibi para justificar seu comportamento nada convencional para o que era esperado naquela escola. Esse fato apresentava prós e contras: ela tinha uma liberdade que outras meninas não tinham; mais uma barreira para ter uma boa relação com os colegas. Ao não se sujeitar, a Tatiana-pré-adolescente sentia-se discriminada pelas outras crianças: “E eu passei a retirar os livros que me interessavam, quanto mais grossos, tanto melhor, eu não queria que eles acabassem... O que contribuiu para a minha fama de saliente, acho que imerecida, porque eu era mais tímida que outra coisa qualquer” (Belinky, 2003, p. 151).

Da análise efetuada, devido às atitudes da Tatiana-menina e da Tatiana-pré-adolescente, mais o ponto de vista da Tatiana-narradora, o *ethos* discursivo induz o leitor a interpretar que a Tatiana-autora preservava as características da infância: espírito aventureiro, não-convencional, à frente de sua época. Não coube, neste subcapítulo, analisar o *ethos* discursivo de todos os eventos, pois cada ação da personagem ou reflexão da autora-narradora revelava um novo *ethos* ou reforçava um já apresentado.

Gênero memorialístico

O gênero memorialístico comporta outros gêneros textuais que fazem uso de experiências vivenciadas no passado como material para a sua

escritura, gêneros como diários, correspondências pessoais, autobiografias, memórias e biografias, entre outros subgêneros considerados como gêneros memorialísticos. Entretanto, as autobiografias, as memórias e as biografias, por seu caráter híbrido, são os que mais poderiam confundir o leitor – considerando que a recepção da obra pode ser influenciada de acordo com o gênero textual em que ela se enquadre – devido às diferenças sutis entre os gêneros.

a) Gênero autobiográfico *versus* gênero memória

O gênero autobiográfico muito se assemelha ao gênero memórias, podendo inclusive ser confundido com este. Georges Gusdorf (1991a apud Silva, 2009, p. 32) concorda que os limites não são claros; no entanto, ele considera que o gênero autobiográfico abarca o gênero memórias, pois estas são mais factuais – colocando assim uma hierarquização entre os gêneros. Dessa forma, o autobiográfico se apresentaria mais íntimo, psicológico e reflexivo, porque a ênfase é sobre o “eu”, a vida privada do autobiógrafo; enquanto as memórias enfatizam os eventos externos de uma época, dos quais ele tenha tido uma participação ativa ou tenha testemunhado. Nesse caso, as memórias comportam tanto um narrador autodiegético quanto homodiegético, enquanto a autobiografia comporta somente um tipo de narrador: o autodiegético. Para Lejeune, a diferença entre os gêneros memória e autobiografia consiste no assunto tratado, sendo este: “*principalmente* a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem ocupar um certo espaço. Trata-se de uma questão de proporção ou, antes, de hierarquia [...]” (Lejeune, 2014, p. 17, grifo do autor). Nesse caso, os eventos factuais apresentam-se em um segundo plano, podem, inclusive, não estar explicitados, mas, por pistas textuais, é possível inferir o momento histórico-

social no qual o autobiógrafo está inserido e resgatar os acontecimentos factuais silenciados no texto.

Foi verificado que, em *Transplante de menina*, os acontecimentos político-históricos importantes do período da década de 1930, à exceção da Revolução Paulista de 1932, foram silenciados. Talvez isso se deva por se tratar da fase da pré-adolescência da autora, fase do desenvolvimento humano em que o indivíduo ainda não se interessa por aspectos que não lhe atingem diretamente. Entretanto, apontou algumas situações extratextuais que caracterizavam a sociedade paulista e carioca da época, mas sem se deter muito. Nesses episódios, *Transplante de menina* aproximou-se do gênero memórias, pois apresentava um retrato de época com um caráter quase documental, como o acendedor de lampiões, os bondes elétricos, a introdução do rádio no cotidiano, os pregões, entre outros episódios que serão abordados no capítulo quatro, “Os espaços”.

Para conhecimento, uma das experiências vividas pela autora, que consta em *Transplante de menina*, faz parte do material elaborado pelo programa Escrevendo o Futuro⁷, de iniciativa da Fundação Itaú Cultural. A proposta do programa foi fornecer material para as Olimpíadas de Língua Portuguesa, cujo objetivo é incentivar a leitura e a escrita criativa de alunos de escolas públicas do Brasil. Trata-se de um concurso literário, realizado nos anos pares, em que são trabalhados pelos educadores quatro gêneros textuais: poema, memória literária, crônica, artigo de opinião. No material preparado para a pesquisa com o gênero memorialístico, *Transplante de menina* e outras narrativas foram consideradas como gênero memórias literárias, o qual foi conceituado da seguinte forma:

⁷ <https://www.escrevendoofuturo.org.br/>.

Memórias literárias são textos produzidos por escritores que dominam o ato de escrever como arte e revivem uma época por meio de suas lembranças pessoais. Esses escritores são, em geral, convidados por editoras para narrar suas memórias de um modo literário, isto é, buscando despertar emoções estéticas no leitor, procurando levá-lo a compartilhar suas lembranças de uma forma vívida. Para isso, os autores usam a língua com liberdade e beleza, preferindo o sentido figurativo das palavras, entre outras coisas. [...]. A situação de comunicação na qual o gênero memórias literárias é produzido marca o texto. O autor escreve com a consciência de que precisa encantar o leitor com seu relato e que precisa atender a certas exigências do editor, como número de páginas, tipo de linguagem (mais ou menos sofisticada, por exemplo, dependendo da clientela que o editor procura atingir). (Altenfelder; Clara, 2008, não p.).

Embora contenha um excerto de *Transplante de menina* no material citado, e pareça pertinente a referência à situação comunicativa – principalmente a relação editor e escritor – como influenciadora sobre a produção de uma escritura, levou-se em conta as definições propostas por Gusdorf (1991a apud Silva, 2009) e Lejeune (2014). *Transplante de menina* apresenta uma conformação híbrida, porém as características autobiográficas são mais presentes na composição do texto do que as do gênero memória, por essa razão ela foi classificada como gênero autobiográfico.

b) Transplante de menina: uma autobiografia

Ao cotejar a narrativa com uma definição inicial⁸ proposta para o gênero: “Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular sobre a história de sua personalidade” (Lejeune, 2014, p. 14), verificou-se que *Transplante de menina* seguiu parâmetros tradicionais em sua

⁸ “[...] trata-se efetivamente de uma reformulação do que diz a maioria dos dicionários [...]. Para mim, a definição seria um ponto de partida para fazer uma desconstrução analítica dos fatores que entram na percepção do gênero”. (Lejeune, 2014, p. 58).

composição. Além disso, para Lejeune, faz-se necessária a tríade identitária – autor, narrador e personagem – para que se estabeleça o *pacto autobiográfico*⁹, o que se efetivou na obra.

Os estudos realizados por Lejeune são importantes porque, a partir de um inventário de textos autobiográficos, ele investigou o funcionamento do gênero a fim de legitimá-lo¹⁰ na França. Dessa forma, Lejeune acabou por fundar uma moldura conceitual para a problemática da autobiografia, considerada dogmática por alguns críticos literários¹¹; contudo, é justamente essa normatização em relação à convenção do gênero que se apresentou útil para pensar *Transplante de menina* como gênero autobiográfico.

As investigações de Georges Gusdorf sobre o gênero revelaram-se tão importantes quanto as de Lejeune, porque se aprofundaram na análise do “eu” subjetivo: da constituição do sujeito e da identidade reflexiva daquele que se debruça sobre si. Jesús Camarero, em seu livro *Autobiografía: escritura e existencia*¹² (2011, p. 41), sintetizou o conceito de Gusdorf sobre o gênero autobiográfico:

⁹ Nesse caso, nas autobiografias, a pessoa gramatical que unifica a tríade no enunciado é a primeira pessoa: um “eu” não nomeado (na narrativa, não há indícios do nome Tatiana Belinky). Esse “eu” do enunciado “exerce simplesmente uma função, que consiste em remeter a um nome, ou a uma entidade suscetível de ser designada por um nome” (Lejeune, 2014, p. 25). A identificação da autoria da narrativa encontra-se nos paratextos: o nome Tatiana Belinky consta na capa do livro, em cima do título, na folha de rosto, na contracapa, e, principalmente, no posfácio assinado pela autora. Dessa forma, seguindo a lógica de Lejeune, o *pacto autobiográfico* está firmado: “O personagem não tem nome na narrativa, mas o autor declarou-se explicitamente idêntico ao narrador (logo ao personagem, já que a narrativa é autodiegética), em um pacto inicial” (Lejeune, 2014, p. 35).

¹⁰ Em 1969, é solicitado a Lejeune que escreva verbetes para uma enciclopédia temática. Ao pesquisar documentos sobre a autobiografia na França, ele descobre que havia poucos estudos aprofundados sobre o gênero. A partir deste momento, passa a investigar o gênero autobiográfico. (Lejeune, 2014).

¹¹ A partir de uma lacuna em um artigo de Philippe Lejeune, publicado em 1975, especificamente no quadro ilustrativo (Lejeune, 2014, p. 33) sobre as relações identitárias entre personagem e autor, necessárias para configurar o pacto autobiográfico e o pacto romanescos, que Serge Dubrovsky cria o termo autoficção. “Serge Dubrovsky, que decidiu preencher uma das casas vazias, combinando o pacto romanescos e o emprego do próprio nome. Seu romance *Fils* (1977) apresenta-se como uma ‘autoficção’ que, por sua vez, me inspirou”. (Lejeune, 2014, p. 69). Para Dubrovsky, a autoficção não é “nem autobiografia nem romance, e sim, no sentido estrito do termo, funciona entre os dois, em um reenvio incessante, em um lugar impossível e inacessível fora da operação do texto” (Dubrovsky apud Klinger, 2007, p. 47). Atualmente, autoficção tem originado muitas críticas quanto a sua definição e estratégias narrativas.

¹² As citações deste livro e dos artigos em espanhol são tradução nossa.

O destino do homem é construir sempre uma nova existência e, portanto, uma nova história. A autobiografia é a revolução espiritual do escritor convertido em sujeito e também objeto da escritura. E para levá-la a cabo, propõe-se três dimensões: o *autos*, o *bios* e o *grafein*, isto é, a identidade reflexiva que se constrói a partir da história da existência e por meio da escritura. Quanto à escritura, a autobiografia outorga uma solidez metafísica e moral à existência, já que é realmente uma operação de retificação em relação com os acontecimentos da vida passada, com valor essencialmente moral.¹³

Além disso, para Gusdorf, a autobiografia não consistiu numa simples recuperação do passado tal como foi, porque a sua evocação somente permite a evocação de um mundo que se foi para sempre, uma figura imaginada. Gusdorf (1991b, p. 13) considerou também que “a intenção consubstancial à autobiografia, [...] é um dos meios do conhecimento de si mesmo, graças à reconstituição e ao deciframento de uma vida em seu conjunto”¹⁴. Caso se tratasse de uma escrita de si de eventos no tempo presente, não haveria o distanciamento necessário para refletir nem para finalizá-las, portanto, por se tratar de eventos passados, há algum tempo considerável, a autobiografia acabou por ter uma sucessão de acontecimentos em que o autor já conhecia o seu final. O sujeito fragmentado procura criar uma unidade, conforme Gusdorf (1991b, p. 13): “minha unidade pessoal, a essência misteriosa de meu ser, é a lei da conjunção e da inteligibilidade de todas as minhas condutas passadas, de todas as minhas faces e de todos os lugares onde tenho reconhecido signos e testemunhos

¹³ *El destino do hombre es construir siempre una nueva existencia y por tanto, también, una nueva historia; la autobiografía es la revolución espiritual del Escritor convertido en sujeto y también objeto de la escritura. Y para llevarlo a cabo, se proponen tres dimensiones: el autos, el bios y el grafein, es decir, la identidad reflexiva que se construye a partir de la historia de la existencia y por medio de la escritura. En tanto que escritura, la autobiografía otorga una solidez metafísica y moral a la existencia, ya que se trata realmente de una operación de rectificación en relación con los acontecimientos de la vida pasada, con valor moral fundamentalmente.*

¹⁴ *La intención consubstancial a la autobiografía, [...] es uno de los medios del conocimiento de uno mismo, gracias a la reconstitución y al desciframiento de una vida en su conjunto.*

de meu destino”¹⁵. A autobiografia, para o filósofo, exerce essa função de unir as circunstâncias experienciadas e, como resultado, apresentar essa “essência misteriosa”. Por consequência, devido ao distanciamento do espaço-tempo, cria-se uma imagem que é “outro eu-mesmo, um duplo do meu ser, porém, mais frágil e vulnerável, revestido de um caráter sagrado que se faz ao mesmo tempo fascinante e terrível”¹⁶. (Gusdorf, 1991b, p. 11).

É possível pensar o ser real como um ser fragmentado (“de todas as minhas condutas”, “de todas as minhas faces”), pois age de acordo com a situação e o meio onde está inserido, um camaleão, devido aos muitos papéis que precisa representar. Um ser que não reproduz sempre o mesmo comportamento, portanto, impossível de ser uno, mesmo em seu conjunto. Desse modo, a escrita autobiográfica que pretende representar o *bios* de um sujeito acaba por apresentar também suas fragmentações e singularidades. Do mesmo modo, retomando a tríade de Lejeune, é de pensar em qual das partes da tríade o sujeito se apresentaria fragmentado. Considerando que há a função-autor e um narrador autodiegético, resta analisar como se desenvolve o personagem frente aos acontecimentos.

Como já dito anteriormente, em *Transplante de menina*, a personagem protagonista revelou uma pluralidade de devires-outros. Em cada situação, era uma Tatiana diferente que se apresentava na reconstrução da infância de Belinky, não era em vão que ela iniciou sua escrita a partir de seu nascimento. Uma forma de correlacionar o antes e o depois do “transplante”, e assim se tornar evidente para seu leitor os conflitos advindos da migração, devido a tantas experiências novas e traumáticas. A escrita autobiográfica torna possível a ressignificação do passado, pois traz

¹⁵ *Mi unidad personal, la esencia misteriosa de mi ser, es la ley de conjunción y de inteligibilidad de todas mis conductas pasadas, de todos los rostros y de todos los lugares en los que he reconocido signos y testigos de mi destino.*

¹⁶ *La imagen es otro yo-mismo, un doble de mi ser, pero más frágil y vulnerable, revestido de un carácter sagrado que lo hace a la vez fascinante y terrible.*

à consciência tanto o que causa bem-estar quanto mal-estar. Na autobiografia de Belinky, foi constatado que as fases da infância e pré-adolescência foi para ela um período conturbado, porém também havia momentos de prazer e de descobertas.

Ao apresentar sua intimidade, o que se apresentou não foi o como se é, ou como se foi, mas como ela se cria, ou quereria ser ou ter sido, como na atitude tomada referente à operação das amídalas, sem anestesia, que os pais e o médico prometeram que seria dada e, portanto, não haveria nenhuma dor:

Um acontecimento que marcou, aos dez anos de idade, a primeira grande desilusão da minha vida de criança. Foi uma desilusão mesmo, uma decepção que me fez perder – de certo modo para sempre – a confiança implícita e incondicional que eu tinha no “gênero humano”. Ou melhor dizendo, a minha fé na palavra dos adultos, até mesmo – um pouco – na dos meus próprios pais. (Belinky, 2003, p. 47).

Eventos como esse, que a fizeram questionar o comportamento dos pais e por extensão o dos adultos, apresentaram uma reflexão que levou a uma mudança de comportamento que permaneceu até o momento presente:

E, quando, finalmente, pude sair da cirurgia e passei pela sala de espera, meu irmão me olhou com uma carinha assustada e perguntou: “Doeu, doeu?” E eu, sem poder falar, respondi com um gesto de “assim-assim”, como quem diz “dá pra aguentar” – o que, afinal de contas, não era mentira. Porque eu não queria mentir para ele, enganá-lo como eu tinha sido enganada, com a história da anestesia, da presença dos pais e tudo. Nunca mais eu ia poder acreditar na palavra dos adultos, pensei comigo. [...]. Eles não deviam ter mentido para nós, deviam ter-nos dito que seria sem anestesia, que iria doer mas que dava para aguentar, e que eles não estariam presentes a operação. Foi o que eu pensei então, e penso também agora. (Belinky, 2003, p. 50).

Nesse excerto, a questão moral está evidente ao apontar a mentira como um recurso utilizado pelos adultos para atingir seus objetivos. A Tatiana-menina, pelo contrário, manteve-se firme em sua conduta com o irmão, pelo qual ela se sentia responsável, e reprovou o comportamento dos adultos. Esse distanciamento temporal entre a Tatiana-adulta e a Tatiana-menina afetou até mesmo as reflexões morais destacadas como parte do ocorrido; contudo, nada havia que comprovasse que tal fato sucedeu do modo como foi declarado na escritura, principalmente quando se referiu a algo tão abstrato como um pensamento num passado distante. Nesse ponto foi que se deu uma segunda existência, a autobiografia foi uma leitura a posteriori da experiência.

Segundo Gusdorf (1990 apud Camarero, 2011), a experiência é a matéria prima da criação. O homem se torna, ao mesmo tempo, sujeito e objeto analisado, graças à capacidade de autoanálise e de introspecção. Em sua autobiografia, Belinky aparenta primar por um caráter fidedigno aos eventos selecionados, porém, as lacunas da memória e o que foi acrescentado propiciaram uma “porta aberta para a interpretação estética e o valor artístico da autobiografia”¹⁷ (Camarero, 2011, p. 49).

c) Gênero autobiográfico *versus* gênero biográfico

É certo que há um parentesco entre os gêneros biográfico e autobiográfico, pois apresentam algumas características semelhantes: o relato sobre a vida de alguém, a inserção de elementos sócio-históricos na narrativa e a pretensão de veracidade dos fatos. Entretanto, em ambos os gêneros, as fronteiras entre a ficção e a não ficção não são rigidamente demarcadas. Por isso são considerados gêneros impuros, pois dependem ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional. A

¹⁷He aquí la puerta abierta para la interpretación estética y el valor artístico de la autobiografía.

principal diferença entre os dois gêneros é o fato de, na autobiografia, o narrador ser autodiegético, ou seja, ele se compromete com o dito pelo discurso. Segundo o historiador francês François Dosse (2009, p. 55), “o recurso à ficção no trabalho biográfico é, com efeito, inevitável na medida em que não se pode restituir a riqueza e a complexidade da vida real”. Entretanto, Philippe Lejeune afirmou que a autobiografia gera um pacto de verdade entre autor e leitor, o que suscitou críticas de George Gusdorf e motivou que outros estudiosos se debruçassem sobre o gênero.

O artigo “*Le pacte autobiographique*”¹⁸ (2014), no qual Lejeune conceituou o gênero, promoveu intenso debate entre filósofos e literatos, principalmente no que se refere ao pacto autobiográfico. Por isso Lejeune, em 2001¹⁹, escreveu o artigo “O pacto autobiográfico, 25 anos depois” (2014), com o intuito de rebater algumas críticas sobre o resultado de suas pesquisas. No que diz respeito à discussão proposta neste capítulo, é o seu posicionamento quanto à relação entre verdade e ficção que interessa.

Revedo algumas questões sobre o pacto autobiográfico, Lejeune retomou também a relação da autobiografia com a ficção e firmou sua posição de que se trata de um contrato de verdade ou pacto da verdade. Se, em seus escritos anteriores, havia a possibilidade de associar a autobiografia à ficção, neste artigo, a intenção foi justamente deixar clara sua posição. Em outro artigo, “Autobiografia e ficção” (2014), ele foi categórico:

O fato de a identidade individual, na escrita como na vida, passar pela narrativa não significa de modo algum que ela seja uma ficção. Ao me colocar por escrito, apenas prolongo aquele trabalho de criação de “identidade narrativa”, como diz Paul Ricouer, em que consiste qualquer vida. É claro que ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos de minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-

¹⁸ A primeira publicação deste artigo foi em 1975, na obra *Le pacte autobiographique*, reeditada em 1996.

¹⁹ Este artigo está datado no ano de 2001, no entanto, ele foi publicado em 2005 na obra *Signes de vie*.

los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel a minha verdade. (Lejeune, 2014, p. 121).

Segundo Lejeune, fica a critério do leitor crer ou não na veracidade dos eventos narrados, pois é estabelecido um contrato de leitura, diferenciado, já que este subentende um pacto da verdade entre as partes:

Ora, no pacto autobiográfico, como, aliás, em qualquer “contrato de leitura”, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não e, sobretudo, para ler como quiser. Isso é verdade. Mas se decidir ler, deverá levar em conta essa proposta, mesmo que seja para negligenciá-la ou contestá-la, pois entrou em um campo magnético cujas linhas de força vão orientar sua reação. Quando você lê uma autobiografia, não se deixa simplesmente levar pelo texto como no caso de um contrato de ficção ou de uma leitura simplesmente documental, você se envolve no processo: alguém pede para ser amado, para ser julgado, e é você que deverá fazê-lo. (Lejeune, 2014, p. 85).

Entretanto, observou-se que somente indícios paratextuais não são suficientes para a instauração do pacto da verdade. É necessário que a narrativa autobiográfica contenha indícios discursivos que validem este pacto para que seja firmado entre as partes envolvidas, ou seja, entre o autor e o leitor.

Belinky parece referendar a posição de Lejeune, pois, no primeiro capítulo, ela já marcou seu posicionamento frente à sua narrativa, direcionando o leitor a considerar as suas memórias como fatos verídicos. No caso de *Transplante de menina*, a Tatiana-autora orientou a leitura quando fez referência à veracidade do que irá narrar, no capítulo introdutório, onde fez a apresentação: “E o que vou contar é tudo verdade verdadeira” (Belinky, 2003, p. 11). Nesse trecho, a Tatiana-autora asseverou ao seu leitor a fidedignidade de seu relato e prometeu-lhe uma abordagem do tipo “dizer a verdade, nada mais que a verdade”, como o fio

condutor de sua narrativa, firmando desse modo um pacto de verdade com seus leitores.

Durante a narrativa, ela fez alusão aos registros fotográficos, às antigas moradias que persistiam no tempo e à transformação urbana da cidade de São Paulo, tudo para reafirmar o caráter verídico de suas memórias. Entretanto, como relatos-testemunhos não são confiáveis, a Tatiana-autora viu-se na necessidade de mencionar indicações sobre a existência de construções e sua localização para verificação da veracidade do que dissera, como no excerto a seguir:

Menos de um mês depois, surgiu uma oportunidade extraordinária: na mesma Rua Jaguaribe, algumas quadras adiante, bem defronte da santa casa e da Rua Cesário Mota, vagou um sobradinho – *que por sinal continua lá, impávido* – bem pertinho do Largo do Arouche. (Belinky, 2003, p. 81, grifo próprio).

A Tatiana-autora ainda fez referência às fotografias que comprovavam a veracidade do seu testemunho: “E disso eu tenho *até* fotografia, tirada por um de nossos inquilinos, *que não me deixa mentir...*” (Belinky, 2003, p. 124, grifo próprio). Nesse enunciado, para Tatiana-autora, a fotografia se apresentaria como a imitação mais perfeita da realidade, a ponto de servir como prova que valeria mais do que suas palavras, emprestando a foto um caráter documental²⁰.

A referência às lembranças guardadas na memória, tal qual o momento do ocorrido, também foi um recurso utilizado para ratificar sua autobiografia como verdade e não ficção: “E foi aí que tive a primeira verdadeira visão de São Paulo, uma visão de impacto, *que não esqueci mais*.

²⁰ Essa concepção primária da fotografia teve sua origem no século XIX, a qual Philippe Dubois (1993, p. 26, grifo do autor) refere-se como o *espelho do real*: “O efeito de realidade ligado à imagem fotográfica foi a princípio atribuído à *semelhança* existente entre a foto e seu referente. De início, a fotografia só é percebida pelo olhar ingênuo como um ‘*analogon*’ objetivo do real. Parece mimética por essência”. Atualmente, essa concepção ainda vigora nos meios jurídicos, por exemplo, considerar as fotografias como prova em um caso judicial, ou a necessidade de apresentar o documento de identidade (foto) para provar que você é você mesmo, entre outras situações sociais.

Guardo na memória, como um cartão postal grande e colorido” (Belinky, 2003, p. 75, grifo próprio). A analogia entre o cartão postal e a imagem-lembrança, fixada na memória, deu-se na preservação da vivacidade, das cores e da grandiosidade dos monumentos no momento experienciado. A imagem viva, real, não cabe em um cartão postal; mesmo com os avanços da fotografia, a imagem sempre se apresentará numa escala menor. Desse modo há um contraponto na analogia realizada, a grandiosidade dos monumentos e o impacto causado, ao contrário de outras imagens-lembranças desgastadas pelo tempo ou esquecidas, aquela “visão de impacto” permaneceu viva na memória ou, ao menos, a Tatiana-autora tinha essa ilusão. Além disso, a comparação com o cartão postal também fez referência ao apelo estético da cena, pois outros locais da cidade, como as imediações da estação da Luz e a própria Rua Jaguaribe, causaram-lhe um estranhamento devido à arquitetura das casas. A Tatiana-narradora estava se referindo ao centro histórico de São Paulo com seus monumentos: a Praça Ramos Azevedo, o Vale do Anhangabaú, o Teatro Municipal, o Viaduto do Chá, locais que na década de 1930 figuravam em cartões postais pequenos e em preto e branco. Como os postais atuais, os de antigamente não expressavam o sentimento e a vivacidade que a imagem real surtia sobre o espectador.

São muitos os teóricos que tratam sobre a presença da ficção no gênero, principalmente aqueles que estudam sua relação com a memória. Para a reflexão, o artigo “Conceito de ficção”²¹ (2012), de Juan José Saer, é pertinente, já que ele propôs uma discussão sobre o conceito de verdade dos gêneros ditos não ficção.

Tornar o texto o mais objetivo possível, eliminando os traços ficcionais não lhe garante a veracidade; assim como fazer alusões a registros

²¹ Que faz parte da obra *El concepto de ficción*, publicado em 1997 pela editora Espasa Calpe de Buenos Aires.

físicos ou históricos também não o privam da ficcionalidade; porque “continua vigente o obstáculo da autenticidade das fontes, dos critérios interpretativos e das turbulências de sentido características de toda construção verbal” (Saer, 2012, p. 2). Nesse sentido, Saer afirmou que verdade e ficção não são necessariamente opostas e a existência de uma dependência hierárquica em que a verdade teria uma positividade maior devido sua objetividade, “é uma mera fantasia moral” (Saer, 2012, p. 2). Mesmo que haja a aceitação dessa hierarquia, em que a verdade se relaciona com o que é objetivo e a ficção com o subjetivo, “[...] persistirá sempre o problema principal, [...] a suposta verdade objetiva e os gêneros que pretendem representá-la” (Saer, 2012, p. 2).

Não basta firmar um pacto de verdade com o seu leitor e apresentar elementos para verificação, como lugares ainda existentes. “Tudo o que pode ser verificado nesse tipo de relato é, em geral, corriqueiro e secundário, e a credibilidade do relato e sua razão de ser correm perigo quando o autor abandona o plano do verificável” (Saer, 2012, p. 2), o que não é difícil de ocorrer, considerando que o que foi narrado fazia parte da subjetividade da autora, tendo como fonte principal sua memória. Pensar que as lembranças surgiram tal como ocorreram foi uma ingenuidade da Tatiana-autora e de alguns leitores; pois “recriará o passado na imagem do presente, ainda que a causa seja a sua ingênua fé na memória como laço infalível com o passado Real, e nem se dará conta de que é isso que está fazendo”²² (Olney, 1991, p. 41-42).

Além disso, como se trata de um narrador em primeira pessoa, o único ponto de vista que o leitor teve acesso foi o da Tatiana-narradora, o

²² *Al igual que todo autobiógrafo que intenta revivir su historia personal, tal escritor recreará el pasado en la imagen del presente, aunque a causa de su ingenua fe en la memoria como lazo infalible con el pasado real no se dará cuenta de que eso es lo que está haciendo.*

que não impede que relatos de outros imigrantes apresentem uma percepção diferente sobre os mesmos acontecimentos: um mesmo evento narrado por perspectivas diferentes, cada um a partir de sua percepção e singularidade, com públicos e objetivos diferentes. Portanto, há possibilidade de diferentes narrativas, por exemplo, a percepção dos imigrantes que estavam no mesmo navio dos Belinky quando chegaram ao Brasil e visualizaram a Baía de Guanabara. Entretanto, a diferença entre os relatos se dará na divergência de uma visão cultural e política de mundo, portanto, trata-se de verdades plurais.

Memória

Ao verbalizar suas imagens-lembranças, Tatiana Belinky apresentou seu ponto de vista sobre os acontecimentos. Embora as lembranças tenham relação com a memória coletiva, o enfoque adotado será o mesmo da psicóloga social Jô Gondar que pensa a memória social “como relação – para além de qualquer posição entre individual ou coletivo” (Gondar, 2008, não p.).

Considerar a memória a partir das relações é pensar que o passado pode ser tanto recordado como recriado. Por esse ponto de vista, a memória é dinâmica, sujeita a mudanças a cada nova situação em que um episódio é evocado, porque “não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (Gondar, 2005, p. 18).

Dessa maneira, a narrativa autobiográfica vai além de apenas registrar o passado, pois também envolve a percepção sobre os acontecimentos. Para isso, faz-se necessária uma rememoração, que possa embasar um mundo relativamente estável e possível, “no qual os desejos e projetos de

vida adquiram sentido e a sucessão de episódios biográficos perde seu caráter aleatório e desordenado para se integrar em um *continuum* o mais lógico possível” (Candau, 2012, p. 73).

Em relação a *Transplante de menina*, houve uma organização das experiências por meio de acontecimentos ocorridos na infância na Letônia, sem necessariamente estarem num *continuum* temporal; e os demais acontecimentos ocorridos no Brasil também não apresentaram uma organização linear precisa. Entretanto, a forma de organizar as memórias na autobiografia apresentou diferenças em relação aos espaços e às temporalidades. Houve uma busca de uma ordenação lógica que objetivava o resgate das experiências vividas, a fim de compartilhá-las com seus eventuais leitores.

Acontecimentos singulares que saem da rotina são facilmente recordados, e alguns podem se tornar vívidos na mente, mesmo que não se tenha uma precisão temporal do ocorrido nem de sua duração. Tendo por base a memória, quase todas as lembranças fizeram referência a imagens evocadas. A construção imagética dessas lembranças tende a ser detalhada:

Mas havia também emoções e sustos de verdade na minha vidinha pacata de criança protegida. Um, do qual não mais me esqueci, apesar de não ter na época mais de quatro anos de idade, foi quando aconteceu um incêndio, no nosso prédio. Não cheguei a ver fogo. Foi, como eu soube mais tarde, na cobertura do edifício, um andar acima do nosso apartamento: a água que os bombeiros despejaram sobre o fogo em grande quantidade acabou se infiltrando pelo forro, e eu me lembro nitidamente da “chuva” que escorria pelas paredes e até pingava do teto, no meio da sala. (Belinky, 2003, p. 21).

A Tatiana-narradora valeu-se de expressões que fizeram referência ao ato da rememoração e à nitidez com que visualizou o momento do acontecimento. Nesse sentido, poder-se-ia pensar que não são apenas as

lacunas da memória que o sujeito complementaria com a criação imaginativa para manter uma relação inteligível entre um acontecimento e outro, mas também as imagens-lembranças que afirmou ver com nitidez. No tecido textual, acontecimentos vividos vão sendo costurados com o fio da imaginação e da memória alheia, de forma que não se possa diferenciar o lembrado do posteriormente compreendido.

Pollak (1992) destacou tanto o caráter de imutabilidade (a solidificação) da memória quanto o de mutabilidade (as flutuações). Imutáveis seriam os acontecimentos que as pessoas relatam com frequência, para o sociólogo, são “pontos relativamente invariantes, imutáveis. [...] em que o trabalho da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças” (Pollak, 1992, p. 201). Entre esses acontecimentos, pode-se enquadrar os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, vivenciados pelo grupo ao qual o sujeito pertence, restritos à memória familiar ou, mais abrangente, de uma coletividade. A memória por tabela é importante, porque o indivíduo não teria conhecimento de fatos ocorridos na sua ausência ou, até mesmo, antes de seu nascimento caso alguém não os tivesse informado. Grande parte dos fatos ocorridos na fase inicial do desenvolvimento humano e lembrados posteriormente também são devidos à memória do grupo. Nesse sentido, é possível afirmar que as memórias são um misto de memórias pessoais e coletivas.

A mutabilidade refere-se às flutuações da memória, influenciada pelo tempo presente. O fato de lembrar de algo em outro momento de sua existência já pressupõe que terá sofrido modificações, ainda que o sujeito não as perceba de forma consciente. A memória sofre flutuações porque as preocupações do momento constituem um elemento de sua estruturação (Pollak, 1992). Como um fenômeno construído, a memória pode ser pensada como um devir que nunca atingirá a sua totalidade, pois estará num constante processo de construção e desconstrução.

Ao iniciar a descrição da situação, a Tatiana-narradora fez referência à “vidinha pacata de criança protegida” (Belinky, 2003, p. 20) que a Tatiana-menina levava no país de origem. De certa forma, enunciar esse fato, quando ainda vivia na Letônia, era antecipar ao leitor as mudanças futuras. Ela somente poderia chegar à conclusão de que sua vida na Letônia havia sido tranquila ao compará-la com a vida no Brasil, que, segundo ela, foi difícil nos primeiros anos.

A idade de 4 anos que a Tatiana-narradora afirmou possuir foi um dado que se supõe ter tido a mediação da família, porque eventos como um incêndio marcam a memória do grupo, sendo assim um acontecimento “vivido por tabela”. Os detalhes da cena também podem ter sido continuamente reforçados pelas constantes rememorações familiares sobre o ocorrido. Dessa forma, a cada evocação de sua lembrança, a cena era presentificada e sofria uma recomposição. Em sua tenra idade, é impossível a Tatiana-menina identificar a situação como própria de um incêndio, pois este ainda não fazia parte de seus esquemas mentais; contudo, por ser uma situação inusitada, o ocorrido lhe marcou a memória:

E ficou-me a impressão muito forte de grandes botas altas passando na minha frente, bem na altura dos meus olhos – tão pequena eu era: botas apressadas, marchando de um lado para outro, pisando pesado. E nem sei de quem eram aquelas botas assustadoras – deviam ser dos bombeiros mesmo. (Belinky, 2003, p. 21).

A memória contém fragmentos de imagens-lembranças que marcam o imaginário do sujeito; contudo, na tentativa de associá-las, às vezes, pode ser difícil precisar caso façam parte de um mesmo acontecimento (Pollak, 1992). A associação que a Tatiana-narradora fez do episódio do incêndio com a “impressão” causada pelas botas, na narrativa, pode ser um dos casos mencionado por Pollak. Como estratégia narrativa, ela associou ambos

os episódios mesmo sem ter certeza do fato, deduzindo-o, o que se pôde verificar pelo excerto: “deviam ser dos bombeiros mesmo”.

A maior parte das imagens-lembranças não fizeram referência a dispositivos materiais (como fotos ou outros meios conhecidos) para ativá-las, como quando realizou um passeio à cidade de Leningrado (atual São Petersburgo):

Mas o que me marcou mais foi a visita ao Museu do Ermitage, o maior do mundo, instalado num palácio imenso, [...]. Mesmo assim, vi várias coleções de obras-primas de alguns dos maiores pintores e escultores do mundo, e foram visões que não esqueci mais, e que fizeram nascer em mim o interesse e a vontade de conhecer e amar as obras de arte, pelo resto da vida. (Belinky, 2003, p. 43-44).

Quando se sente prazer com algo, é natural que se queira repetir a experiência. Foi o que revelou a Tatiana-narradora ao valorizar a experiência estética que se deu com a Tatiana-criança no museu e afirmar que foi a partir desse momento que surgiu o seu gosto pela arte. A grandiosidade do edifício também pode lhe ter influenciado, pois somente objetos muito valiosos poderiam estar em um palácio, o qual já deve parecer imenso para um adulto, quiçá para uma criança; a atmosfera do lugar, a forma como as obras estão dispostas, tudo influiu na experiência estética. Além disso, o valor que deu às obras de arte estava condicionado à dimensão simbólica que a sociedade imprimiu a elas, desse modo, a valorização estética foi referendada ao saber que as coleções são produções dos maiores pintores e escultores do mundo, e, principalmente, que foi uma experiência única, visto que cada artista imprimiu à sua obra uma experiência pessoal.

Schiller (1993), ao refletir sobre a educação estética, apontou que na experiência estética concorrem emoção e razão, o que permite que apreendamos o mundo. Ao admirar o belo, esses elementos não se opõem, pelo contrário, complementam-se para que haja um equilíbrio. Por um lado, o conhecimento das regras, da técnica, da vida do artista, do local onde a obra se encontra; por outro, o sentimento, a subjetividade que influi na experiência sensível.

Os filósofos, que não refletirem sobre este tema, se deixam cegamente dirigir pelo seu sentimento, não poderão chegar a um conceito de beleza, uma vez que não distinguem nenhum aspecto isolado no total da impressão sensível. Os outros, que tomam em exclusivo, o entendimento como guia, nunca poderão atingir um conceito da beleza, uma vez que no total da mesma nada mais discernem para além das partes, permanecendo para eles o espírito e a matéria eternamente separados, mesmo na sua mais perfeita unidade. (Schiller, 1993, p. 70).

Nesse sentido, as obras de arte permitiram à Tatiana-autora uma experiência estética equilibrada, por isso se fixou na memória como uma experiência prazerosa.

Além de acontecimentos incomuns, a singularidade de algum hábito do cotidiano que pudesse interessar ao leitor brasileiro foi incorporada à narrativa, como demonstração das diferenças culturais entre a Letônia e o Brasil:

No inverno, a gente só tomava banho de corpo inteiro uma vez por semana, antes de dormir. Era toda uma superprodução, esse ritual semanal: portas e claraboias fechadas, nada de correntes de ar, que o medo de um resfriado, uma gripe, ou, Deus nos livre, uma pneumonia, era grande. [...]. Tomávamos esse banho juntos, meu irmão e eu. A gente até gostava de chapinhar na água mais para quente que tépida: era mais uma das boas brincadeiras de inverno. (Be-linky, 2003, p. 27-28).

O clima da Letônia interferiu principalmente nos hábitos de higiene, o frio era a causa de se tomar um banho completo uma vez por semana. Isso não era uma indicação de falta de higiene, mas, pelo contrário, um ato prudente, uma precaução contra as doenças próprias do inverno que fazia parte da cultura da Letônia de então, aos olhos da Tatiana-autora. No Brasil, de clima tropical, tomar banho todos os dias é visto com naturalidade. Entretanto, o fato de tomar banho com alguém do sexo oposto, mesmo sendo o irmão, já poderia causar mais estranheza a alguns leitores brasileiros, a depender da idade das crianças, do que banhos esporádicos. Nas lembranças do Balneário, houve um episódio que mostrou que a nudez, entre crianças, não era malvista:

Durante a semana, nós íamos para a praia com mamãe e a governanta, de manhã cedo, às oito horas. Mas no fim de semana, com papai íamos mais tarde, às dez – no horário misto. Sim, porque aquelas praias, nos meses estivais, tinham horários estabelecidos para o público, por estranho que pareça: das seis às oito da manhã, só homens; das oito às dez, só mulheres e crianças (meninos até doze anos); das dez horas em diante, todo mundo junto. E por que isso? Simplesmente porque, nos horários reservados, podia-se tomar banho de sol “à vontade” – ou seja, sem roupa nenhuma, nu em pelo. Já no horário misto, era obrigatório o maiô – por sinal discretíssimo. (Belinky, 2003, p. 35).

Permitir que “crianças” de 12 anos ainda possam ficar entre mulheres no balneário, enquanto tomam banho nuas, indicou que os letonianos, na época, eram bastante condescendentes no que se referia à inocência infantil. Além disso, a forma como viam (ou veem?) a nudez era muito diferente de como os brasileiros a concebem. Fato que causou estranheza à Tatiana-neobrasileira, ao compartilhar o estranhamento com os leitores brasileiros, como foi demonstrado no discurso do narrador que fez uma observação sobre a organização dos horários (“por estranho que pareça”)

para que as pessoas pudessem tomar banho nuas. Naquele contexto não era falta de pudor, o que é uma contradição, visto que nos horários mistos, as mulheres tomavam banho com “maiôs discretíssimos”. O estranhamento que causaria ao leitor brasileiro é de, hoje, as mulheres frequentarem as praias com vestes sumárias, mas a nudez total não ser bem-vista:

Detalhe engraçado: no horário reservado para senhoras e crianças, era proibido aos homens subirem ao alto das dunas, para não lançar olhares indiscretos sobre aquela vista paradisíaca. Mas, para impedi-los de cometerem tão grave infração, a praia era policiada por destacamentos de guardas-civis, fardados, postados... no alto das dunas, o melhor lugar para espiar a praia... (Belinky, 2003, p. 36).

Na estética do texto, o uso da ironia e a pontuação colaboraram para o tom humorístico usado pela Tatiana-narradora ao referir-se à proibição de os homens subirem às dunas. A vista paradisíaca não se referia à beleza da paisagem natural, mas ao fato de as mulheres estarem nuas como no Jardim do Éden. Entretanto, os guardas-civis, que também são homens, foram privilegiados com tal vista devido a suas funções, o que é um contrassenso. Após anos vivendo no Brasil, a Tatiana-autora tinha consciência de que o costume poderia causar estranheza a seu leitor. Em sua biografia²³, Belinky registrou que no balneário da Letônia “ninguém estranhava, era assim mesmo. Acho que agora não é mais assim, era só naquele tempo.

²³ A biografia de Tatiana Belinky, escrita por Sérgio Roveri (2007), faz parte da Coleção Aplausos, concebida pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Em 2006, a autora concedeu várias entrevistas para que o biógrafo pudesse narrar a história dela. Nesse ano, Belinky contava com 87 anos. A biografia possui vinte capítulos, os quais abrangem o período histórico de 1919 a 2006. Os acontecimentos não seguem uma cronologia linear, mas a biografia contém os mesmos eventos narrados em *Transplante de menina*, com alguns detalhes acrescentados ou omitidos, dessa forma uma narrativa complementa a outra. Os demais capítulos que não têm a infância como tema tratam de sua vida profissional e familiar na fase adulta, como os eventos sobre a produção teatral e televisiva, o casamento e a parceria profissional com Júlio Gouveia e a morte de seu filho André na França. Apesar de a biografia conter muitas informações sobre a autora, ela é apenas um condensamento de uma existência rica em experiências e impressões.

Ali não era praia de nudismo, era praia comum” (apud Roveri, 2007, p. 33). Por essa situação, é possível perceber que a relação do sujeito com o próprio corpo é cultural e pode mudar de um país para outro ou com o passar do tempo.

Por fim, as imagens-lembranças, analisadas apenas pelo viés coletivo, deixariam de lado as percepções do sujeito, considerando-o nada mais que um produto da coletividade. Pelo viés individual, percebe-se a subjetividade do sujeito, um ser fragmentado que se debruça sobre si mesmo, reconstruindo experiências vividas a partir de rememorações. Analisando a memória coletiva e a individual, observou-se que ambas interagem, sem que haja primazia de uma sobre a outra; afinal, não existiria o coletivo sem o indivíduo. Este, por sua vez, não vive isolado no mundo, pois é um ser social.

a) Memória, tempo e estratégias narrativas

É difícil tratar do gênero autobiográfico sem mencionar memória e tempo. Considerada um gênero memorialístico, a autobiografia é um dos meios de registrar acontecimentos ocorridos no passado. No fluxo do tempo, o presente é o instante. Devido à fugacidade do presente, aquilo que ocorreu se torna passado. Este não mais existe, exceto sob a forma de memórias ou registros (Izquierdo, 1989).

F. G. Jünger (1957 apud Assmann, 2011) privilegiou a noção de recordação ao propor uma diferenciação entre memória, que seria o conhecimento adquirido por meio da aprendizagem, e recordação, unicamente as experiências pessoais do sujeito. Aleida Assmann complementou os estudos de Jünger ao referir-se às características reconstrutivas da recordação: “sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação” (Assmann, 2011, p. 34), o que reforça o pensamento de Pollak (1992) sobre o caráter

mutável de construção e desconstrução da memória. Segundo o neurocientista Ivan Izquierdo (1989, p. 89), as memórias são armazenadas na mente e “são frutos do que alguma vez percebemos ou sentimos”. Além disso, ele afirma que “há, talvez, tantos tipos de memória como tipos de experiência; não obstante, muitos as classificam de diversas formas. Existe um certo afã do homem em classificar” (Izquierdo, 1989, p. 92). Nesse caso, em relação à recordação, esta poderia ser classificada também, pelo tipo de informação, como “memória episódica” (Izquierdo, 1989). De fato, a palavra recordar é constante na autobiografia de Belinky, mas não se pode considerar que se trate de recordações involuntárias evocadas por algum dispositivo externo ao sujeito ao estilo proustiano; pelo contrário, devido ao objetivo de escrever sua autobiografia, as recordações são voluntárias, pois exigiram um trabalho de memória e seleção. A menção às fotografias já citadas comprova que a Tatiana-autora recorreu a elas como dispositivos de memória. A própria cidade de São Paulo pode lhe ter avivado a memória, pois lhe serviu de cenário para a segunda parte da narrativa. Embora a cidade tenha passado por transformações, o centro mantém alguns prédios históricos do início do século XX, e algumas ruas mantiveram as características encontradas por Belinky quando chegou ao Brasil.

O registro autobiográfico das experiências vivenciadas por Belinky somente foi possível porque estavam armazenadas. O verbo “recordar”, cujo significado é trazer à mente o que está no coração, define bem o processo que ocorre quando o sujeito evoca as lembranças de suas experiências. Neste excerto: “Mas, por enquanto, gosto de recordar a minha longínqua infância, repartida entre a Europa e o Brasil” (Belinky, 2003, p. 11), a Tatiana-autora já antecipou ao leitor que o que será narrado são lembranças evocadas, em tempo e espaços definidos.

Como já mencionado por Belinky, suas lembranças estão “longínquas” temporalmente, pois há uma distância temporal de

aproximadamente 60 anos entre os acontecimentos e a escrita. A psicóloga social Ecléa Bosi, em seu livro *Memória de velhos* (1994), afirmou que a memória das pessoas idosas se encontra numa fase diferente da memória de uma pessoa jovem ou mesmo adulta. Os idosos não estão mais preocupados com o presente como antes, este já não os solicita tanto nas lutas e contradições da vida. Por isso a Tatiana-autora demonstrou certa tranquilidade para usufruir das recordações, como quando a Tatiana-narradora afirmou que é gostoso recordar. Nesse sentido, lembrar também pode ser um ato de fruição.

É certo que o sujeito do presente é diferente daquele do passado. Todos os dias o ser está sujeito a mudanças:

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (Bosi, 1994, p. 55).

O que a memória individual, segundo Pollak (1992, p. 204), “grava, recalca, exclui, relembra é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” que tanto pode ser consciente como inconsciente, já que a memória é seletiva. Os estudos de Izquierdo validam as afirmações de Pollak ao anunciar que o processo de seleção se dá antes mesmo da formação de memórias, pois são constantes as informações que recebemos pelos sentidos, mas nem tudo é armazenado. Isso explicaria por que, de um mesmo evento, alguns lembrarem certos detalhes que para outros passaram despercebidos, apresentando assim diferentes pontos de vista. Depois da aquisição, há um processo de consolidação que permite que as memórias passem para um estado estável.

Embora ocorra o processo de seleção prévio na aquisição da memória, a multiplicidade de imagens-lembranças de que a memória dispõe é imensa, ainda mais se considerarmos a idade do indivíduo no tempo presente da escrita; por isso, para a escritura da autobiografia, inferiu-se que a Tatiana-autora fez uma seleção entre os acontecimentos dos quais se lembrava, relegando outros ao esquecimento. Nesse sentido, ela se viu diante de uma tarefa que deve ter lhe demandado grande esforço de organização, de forma que os acontecimentos apresentassem uma coerência inteligível.

Sendo a narração a tipologia textual adotada, foi preciso empregar algumas estratégias narrativas para compor o gênero autobiográfico. Uma das características do gênero é a nostalgia de um passado presente na memória, enquanto as experiências vivenciadas são reinterpretadas num jogo temporal entre o lá (passado) e o cá (presente da escrita), entrecruzando o passado e o presente.

No que se refere à Tatiana-autora, é importante considerar que *Transplante de menina* apresentou duas temporalidades. A primeira é a da infância em que ocorreu o processo de des(re)territorialização, portanto, foi o momento em que a Tatiana-russa pôs em prática as estratégias necessárias para se associar à nova cultura. A segunda é a da velhice, em que a Tatiana-neobrasileira já estava territorializada, ou seja, estava integrada à cultura brasileira, inclusive com espaço garantido no meio cultural paulista. Fixada no tempo presente, a autora reconstrói o tempo e o espaço de suas experiências a partir do ponto em que se encontra na vida. Isso evidencia que o “eu” de 1989 (ano da escrita de si), em que a condição de estrangeira não era mais problema para ela, estava distanciado do “eu” da infância das décadas de 1920/1930; ou seja, o distanciamento temporal permitiu que se colocasse este outro “eu” como objeto de interesse. É na temporalidade da fase da velhice que se deu a escrita autobiográfica; dessa

forma, foi possível planejar a narrativa de modo que contivesse um conjunto de acontecimentos, organizados em tempo e espaço reconstruídos narrativamente.

Portanto, considerar o tempo da narrativa foi imprescindível para analisar a composição textual autobiográfica, visto que tempo e espaço se entrelaçaram para articular a experiência de Belinky por meio da narrativa. Isso é evidente quando são feitas comparações entre a cidade de São Paulo de então com a cidade que ela estava vivenciando no momento da escrita (1989), porque o espaço em tempos diferentes pode proporcionar perspectivas diferenciadas:

Hoje, a Praça Ramos de Azevedo ainda é bonita, à sua maneira. Mas já não é a mesma. O jardim do Anhangabaú está maltratado, prédios altos rodeiam o Teatro Municipal, diminuindo-o; o viaduto de concreto é mais moderno, mas não mais tão romântico como era o antigo [...]. Não sei qual seria a minha impressão, se eu fosse criança hoje e a visse pela primeira vez. (Belinky, 2003, p. 76).

Mediante a comparação, a Tatiana-narradora, ao descrever o espaço no presente da narração, valorizou o espaço do tempo passado. A leitura que ela fez da cidade foi pelo viés da memória afetiva, tempo e espaço se tornam então matéria simbólica para a sua des(re)territorialização. A chegada da família Belinky ao centro de São Paulo marcou o início do processo de integração, pois os Belinky deixaram a atitude de turistas para assumir São Paulo como lugar de morada. A Praça Ramos de Azevedo foi um dos primeiros espaços que a Tatiana-menina conheceu quando chegou a São Paulo em 1929, a qual lhe causou forte impressão. As transformações ocorridas nos espaços conhecidos, desde à sua chegada até a década de 1980, também influenciaram na sua percepção: assim como são tatianas diferentes, os espaços também se diferenciam.

Ainda referente à composição textual, a narrativa possui uma macroestrutura temporal, pois a totalidade da história narrada configura um período de treze anos, de 1919 a 1933. A macroestrutura subdividiu-se em duas partes, sendo que as marcações temporais da primeira parte se diferenciaram em relação à segunda quanto à apresentação do tempo. A primeira parte apresentou os eventos decorridos durante 1919 a 1929; a segunda, os eventos de 1929 a 1933. O tempo presente da escrita, que marcou o posicionamento do narrador, inter-relacionou os tempos dessa macroestrutura, permeando, assim, toda a narrativa.

Foi no prefácio que a Tatiana-autora se referiu ao seu nascimento em 1919 e apresentou a situação dos pais na Rússia quando ela tinha um ano de idade. Butler (2015) afirmou que não se podia estar presente numa temporalidade que precedia a própria capacidade de autorreflexão, ou seja, as memórias de seu nascimento e até alguns anos depois são impossíveis de a Tatiana-autora se lembrar, pode-se dizer que se tratava novamente do “vivido por tabela”, pois relatou aquilo que lhe havia sido contado. Por isso houve um salto no tempo, e o próximo capítulo iniciou com experiências vivenciadas na idade aproximada de 4 anos, no qual ela trouxe eventos não lineares: sem compromisso com a marcação temporal cronológica, tampouco com a integralidade das memórias de sua infância.

A forma como a Tatiana-autora organizou temporalmente a primeira parte da autobiografia distingue-se pela reconstrução de um tempo cíclico natural, ou seja, organizado pelas estações do ano. Os hábitos da família estavam intimamente relacionados com as alterações climáticas na Letônia: “A nossa vida era pontilhada pelas mudanças das estações do ano – inverno, primavera, verão, outono – tão marcantes e dramáticas no norte da Europa” (Belinky, 2003, p. 21). As brincadeiras tinham um caráter sazonal, por isso as lembranças foram vinculadas às estações do ano. Além

disso, por sua tenra idade, ela ainda não tinha capacidade de se localizar no tempo cronológico.

Outra forma usada para situar-se temporalmente foram as comemorações familiares: “A nossa vida era pontilhada [...] pelas festinhas de aniversário, quando a gente envergava roupinhas ‘de marinheiro’ e recebia um bando de primos e amiguinhos. E pelas grandes reuniões familiares, alegres e carinhosas, encontros de várias gerações” (Belinky, 2003, p. 21-22). Eventos próprios de determinada idade, como a entrada na escola, também indicavam uma marcação temporal: “A primeira escola é sempre muito importante para toda e qualquer criança, e eu não fui exceção [...]. Comecei relativamente tarde, aos oito anos e meio” (Belinky, 2003, p. 44).

A fala de outro personagem permitiu que o leitor se situasse sobre a idade da Tatiana-menina:

Também era gostoso quebrar as estalactites de gelo que se formavam em calhas e beiradas, para chupá-las feito pirulito, para horror da *Fräulein*. Certa vez ela me flagrou fazendo isto, e me admoestou solenemente, em alemão: “Como é que você, uma menina deste tamanho, que logo vai fazer seis anos, pode se comportar assim!” E eu fiquei deveras envergonhada desse pecado, na minha avançada idade de cinco anos e meio... (Belinky, 2003, p. 13-14).

O fato de ter tido uma babá na infância foi algo que Belinky também mencionou em sua biografia. Uma característica da narrativa autobiográfica é a predominância do discurso indireto, por isso, ao introduzir outro tipo de discurso dando voz a uma personagem, causou um efeito de sentido que acrescentou importância a esta fala. Poucas vezes Belinky fez uso deste recurso, quando o fez foi para expressar a fala de alguém que lhe tinha admoestado, em geral, suas professoras. Na sequência, o uso da ironia pela Tatiana-narradora, ao contrário, desmereceu o que foi dito, ressaltando a incoerência da repreensão severa a uma criança de tão pouca idade. O que é

relevante observar na lembrança citada foi o uso do discurso direto para expressar a rigidez da educação dada pela babá. A fala da *Fräulein*²⁴ apresentou o padrão de conduta que esta esperava da Tatiana-menina.

Além dessas marcações, ocorreu de a Tatiana-narradora fazer alusão a acontecimentos posteriores ao período histórico da autobiografia nos quais não teve participação ativa. É o caso da menção ao destino dos familiares que permaneceram na Letônia durante a Segunda Guerra: “Mas essas coisas terríveis só irão acontecer anos mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, e naquele dia bonito, em 1930, eu não podia imaginar nada disso, e nem desconfiar que a nossa vinda ao Brasil certamente nos salvara do mesmo trágico destino” (Belinky, 2003, p. 104-105). O fato de o tempo da escrita ser posterior ao acontecimento permitiu que a Tatiana-narradora fizesse referência a algo que marcou a memória da comunidade judaica.

Em alguns momentos, apresenta o tempo psicológico, como a impressão da duração de certos acontecimentos: “Barbaridade! Nem gosto de me lembrar do susto, do medo, da angústia daquela procura, que demorou seguramente meia hora, a meia hora mais longa e mais aflita de toda a minha infância” (Belinky, 2003, p. 60). Foi observado que há uma gradação das emoções que tomaram a menina com o desaparecimento do irmão caçula no navio General Mitre quando atravessavam o Atlântico. As emoções aflitivas dão essa sensação de que o tempo custa a passar, nesse sentido, a figura de linguagem da gradação contribuiu para passar essa impressão.

Na segunda parte, a organização temporal deu-se pela marcação do tempo por dia e ano, por exemplo: “A última etapa que precedeu a nossa

²⁴ *Fräulein*, como a babá foi nomeada na narrativa, é um pronomes de tratamento alemão dado a mulheres solteiras, por meio do pronomes de tratamento questões culturais são destacadas. Na época, mulheres solteiras empregavam-se em casas de família, tendo alguma instrução, poderiam atuar como educadoras, parece ser essa a situação da babá de origem alemã de Belinky.

chegada definitiva – mais definitiva do que jamais poderíamos imaginar – à cidade de São Paulo, estado de São Paulo, República dos Estados Unidos do Brasil, nos últimos dias de outubro do ano de 1929” (Belinky, 2003, p. 71). Por ser um evento importante para sua família, o espaço e o tempo foram bem demarcados, além de fixar que, naquele momento, não tinham conhecimento do que o futuro lhes reservava.

Com o processo da recordação, muitas imagens-lembranças podem vir à superfície. Conquanto essas lembranças existam – por uma questão de espaço na narrativa ou por falta de uma significação especial – nem tudo pode ser apresentado. Entretanto, há outras estratégias utilizadas por romancistas para lidar com o tempo de narração, as quais também se apresentam na autobiografia de Belinky. Por conseguinte, para organizar essas experiências, fez-se necessário usar, além da descrição, outros recursos da narratologia, como o sumário, uma forma de abarcar numa expressão ou linhas um tempo longo ou várias ações (Reuter, 2011):

O mesmo vão entre os quartos servia, em outras ocasiões, para separar o “palco” – nosso quarto – da “plateia” – o quarto dos pais – com uma “cortina”, ou pano de boca, feito de lençóis gentilmente emprestados por mamãe para fazermos nosso teatro. Fazíamos “jogos dramáticos”, improvisávamos peças com as histórias conhecidas, pantomimas, imitações, declamações, cantorias. (Belinky, 2003, p. 15).

Desse modo, na organização da narrativa, Belinky fez uma seleção dos acontecimentos de forma a uni-los num conjunto. Ao usar o recurso de sumariar ações, expressões como “em outras ocasiões”, “fazíamos jogos dramáticos” e “improvisávamos peças” abarcaram vários acontecimentos passados com características afins e condensou-as num único conjunto. Esse recurso narrativo economizou tempo de narração e ao mesmo tempo informou ao leitor que se tratava de ações frequentes, que faziam parte

das memórias do grupo familiar. Também serviu de pano de fundo para a recordação de um ato dramático específico de forma que se sobressaísse dos demais.

[...] e me lembro bem do meu primeiro “papel dramático”, ao redor dos meus quatro anos de idade: *eu era uma mosca*. Engatinhava pelo chão, esfregando o focinho com as patinhas, zumbindo e recitando uns versinhos que diziam que eu estava andando pelo teto, a caminho da casa do velho besouro meu amigo. *E eu tinha certeza absoluta* de andar pelo teto, de cabeça para baixo – uma sensação inesquecível. (Belinky, 2003, p. 15-16, grifo próprio).

Essa representação dramática não teve uma demarcação cronológica precisa, a Tatiana-narradora deduziu que tivesse aproximadamente 4 anos de idade, pois as lembranças que pertencem ao início da fase infantil são mais difíceis de precisar cronologicamente. Tratava-se de uma recordação especial, por isso, inesquecível: “Culpa e felicidade manifestam-se na vida das crianças com mais pureza do que na existência posterior, pois todas as manifestações na vida infantil não pretendem outra coisa senão conservar em si os sentimentos essenciais” (Benjamin, 2002, p. 49). O imaginário infantil que se apresentou nessa lembrança aproximou o leitor dessa dimensão mágica para a qual a Tatiana-criança reportou-se, por meio do faz de conta, ela poderia ser o que quisesse, até mesmo uma mosca: ela não imita uma mosca, nem se torna uma mosca; mas se sente como mosca. Nas recordações de infância, Walter Benjamin fez referência a essa realidade mágica a que as crianças têm acesso por meio da imaginação:

Conhecia todos os esconderijos do piso [...] meu coração disparava, eu retinha a respiração. Aqui, ficava encerrado num mundo material que ia se tornando fantasticamente nítido, que se aproximava calado. [...] a criança que se posta atrás do reposteiro se transforma em algo flutuante e branco, num espectro. A mesa sob a qual se acocora é transformada no ídolo de madeira do templo,

cujas colunas são as quatro pernas talhadas. E atrás de uma porta, a criança é a própria porta [...]. (Benjamin, 1995, p. 91).

Assim como Tatiana-criança realmente se sentia como uma mosca, o menino que brincava de se esconder transmutava-se, por meio da imaginação, em espectro ou objeto da casa. A emoção da espera contribuiu para ativar a imaginação, de modo que se criasse uma realidade fantástica mais verdadeira do que o próprio real. A pouca idade contribuiu para que a criança se envolvesse na realidade criada por sua imaginação. Tatiana Belinky disse ter 4 anos de idade na época; quanto a Benjamin, inferiu-se que também tivesse pouca idade por sua reação quando foi descoberto: “Quem me descobrisse era capaz de me fazer petrificar como um ídolo debaixo da mesa [...]” (1995, p. 91). Somente as crianças de pouca idade conseguem se envolver de tal forma com seu mundo fantástico a ponto de acreditar que o outro não as esteja vendo. A criança é movida por uma força criativa: cria cenários, histórias, movimentos.

A lembrança da dramatização como mosca também consta na biografia, escrita por Sérgio Roveri (2007), e em entrevistas. Ao se ter detido nessa lembrança e tê-la relatado em situações diferentes, presumiu-se que se tratou de uma lembrança à qual foi atribuída um valor que a singularizava das demais dramatizações, isso pôde tê-la solidificado. A autora em sua biografia credita às dramatizações infantis o ato motivador para se dedicar ao teatro na fase adulta.

A sumarização contribuiu para que a economia do tempo narrativo aparecesse de outras formas:

Em Hamburgo, ficamos uma semana inteira à espera da saída do nosso navio [...]. Aquela semana que passamos em Hamburgo não foi das mais agradáveis, e deve ter sido especialmente difícil para mamãe [...]. Entre outros, houve um incidente do qual todo mundo riu, menos nós: numa das filas que tivemos de

enfrentar, para documentos e outras coisas, mamãe deu a meu irmão, de sete anos, para segurar, um grande vidro com uma espécie de xarope de limão que a vovó fez questão que a mamãe levasse, ‘contra enjojo marítimo’. E não é que o meu maninho, distraído, a certa altura segurou aquele frasco com muita firmeza – só que... de cabeça para baixo. E toda aquela limonada pegajosa escorreu pela sua roupa, pelas pernas, meias e sapatos adentro... Um autêntico desastre, com todo o ‘choro e ranger de dentes’ de direito, em meio às cruéis gargalhadas dos circunstantes! (Belinky, 2003, p. 54-55).

A família Belinky, antes de embarcar para o Brasil, permaneceu uma semana em Hamburgo, mas, obviamente ela não fez referência a tudo o que se passou durante essa semana. O tempo preciso da estadia em Hamburgo enfatizou o elemento ficcional da narrativa autobiográfica. O sumário enfatizou um acontecimento “entre outros” que marcou em especial “aquela semana”, da qual não teve uma percepção muito positiva: “não foi das mais agradáveis”. Para apresentar o evento singular, a Tatiana-autora inseriu um enunciado introdutório que causou um efeito de suspense, depois passou a descrever a cena de forma minuciosa, o que desacelerou a narrativa. A pontuação foi um recurso linguístico que a Tatiana-autora usou para trabalhar a construção imagética da cena pelo leitor e criar um suspense para o clímax da situação, a qual projetou um tom humorístico. A metonímia utilizada na expressão “cruéis gargalhadas” realçou uma crítica à atitude daqueles que presenciaram a cena.

A narrativa autobiográfica de Belinky está marcada por um léxico que frequentemente remete às memórias. Termos como recordar, lembrar, imagens, visões, marcas, guardar na memória, inesquecível, todos são frequentemente usados para indicar não apenas a fonte dos acontecimentos, mas também para enfatizar o tempo da narrativa. Isso reforça o conceito de memória como depósito de lembranças que, quando evocadas, surgem tal como ocorreram, como já visto é uma concepção ingênua da memória.

b) Estética dos vestígios

Zilá Bernd, em seu livro *Por uma estética dos vestígios memoriais* (2013), trouxe uma possibilidade de análise de questões de memória presentes na literatura das Américas a partir dos *traces* (vestígios, rastros) culturais que fazem parte da estética do texto:

Entre memórias e esquecimento, o que sobram são os vestígios, os fragmentos do vivido, o qual jamais pode ser recuperado na sua integralidade. [...]. Mas sempre sobra algum rastro que a sensibilidade dos escritores consegue retrair e incorporar à matéria poética. Desse modo, se nossa memória é um receptáculo de resíduos memoriais, a literatura também o é. (Bernd, 2013, p. 53).

Seus estudos mostraram-se fecundos para a análise de *Transplante de menina*, já que foi por meio de fragmentos da memória que a Tatiana-autora reconstruiu seu passado e apresentou os vestígios culturais da Letônia e do Brasil de antigamente.

Entre esquecimentos e silêncios, a pesquisadora lida com os vestígios culturais, os quais mapeia e analisa. Além de outros teóricos que embasaram suas pesquisas, Bernd cita J. Derrida para conceituar o que ela chamou de *trace*: “o simulacro de uma presença que se desloca” (Derrida, 1996 apud Bernd, 2013, p. 50). Entretanto, foi em Walter Benjamin que a pesquisadora se apoiou para lidar com o “resgate dos vestígios (resíduos, rastros, fragmentos, traços) do passado que permitem iluminar nosso presente” (Bernd, 2013, p. 27).

Em *Transplante de menina*, são muitos os vestígios memoriais e culturais que contribuíram para a estética do texto e que remeteram à memória da coletividade, como a preservação de tradições, em geral, religiosas. A literatura pode ser um dos gêneros textuais para registrar e

manter vivas celebrações populares, que, dessa forma, chegariam ao conhecimento de gerações futuras.

Dentre algumas tradições mencionadas no texto, destaca-se a “malhação de Judas”, da qual a Tatiana-narradora apresentou uma percepção negativa:

Outra coisa que eu vi pela primeira vez na Rua Jaguaribe e que me assustou muito – tanto que demorei bastante para assimilar e “metabolizar”, mas não esquecer, aquela impressão – foi no Sábado de Aleluia de 1930 o “alegre” ritual da malhação de Judas. Alegre para aqueles moleques, que pulavam e ululavam como uns canibais desenfreados – pelo menos era o que me parecia – enquanto massacravam com paus e pedras um espantalho de forma humana, que acabavam enforcando num poste e “queimando vivo” diante dos meus olhos horrorizados. Para mim aquilo não era uma brincadeira, era, isso sim, um linchamento, um *pogrom* – simbólico, mas linchamento. (Belinky, 2003, p. 116).

Para Bernd (2013, p. 99), “todos os resíduos são considerados: o que restou nos arquivos escritos e orais é reativado pela sensibilidade e preenchido pela imaginação criadora. A noção de vestígio está, pois, associada à presença de resquícios das práticas do passado naquilo que chamamos de presente”. Nesse sentido, tradições de cunho popular, como bater e queimar um boneco representando Judas Iscariotes, podem ser consideradas como vestígios memoriais culturais. A malhação foi um ritual que fez parte das celebrações referentes à Paixão de Cristo; por intermédio de portugueses e espanhóis que a malhação de Judas²⁵ foi introduzida na América Latina. Em *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (1980), de J. B. Debret *et al.*, a malhação realizada no século XIX foi descrita em detalhes.

²⁵ Se, no século XIX, a realização do ritual da malhação de Judas era quase unânime no território brasileiro, a partir da metade do século XX e o XXI, ele passou a ser praticado em regiões interioranas e no Norte e Nordeste do Brasil. O ritual sofreu algumas modificações, em algumas localidades, atualmente, a figura de Judas é substituída pela de políticos ou simbolizando alguma demanda da comunidade (Malhação, 2004).

A Tatiana-narradora deu um enfoque negativo para o ritual, o que expressou a diferença da Tatiana-russa em relação às outras crianças que estavam exultantes com a malhação. A metonímia permitiu pensar que houve uma sobrecarga emocional (“olhos horrorizados”) devido à impressão do ocorrido, que entrou em choque com a cultura da Tatiana-judia, já traumatizada com a perseguição sofrida pelos judeus na Europa. Ainda nesse excerto, ao utilizar as palavras “assimilar” e “metabolizar”, que dão a noção de fusão, parece que ela quis aparentar uma “abertura”, uma aceitação da alteridade. Entretanto, revelou-se uma contradição, sua condição judaica foi mais forte do que a aceitação do diferente, assim, no tempo presente da escrita, ela demonstrou toda sua indignação com o evento. Na estética do texto, a indignação com tal tradição transpareceu ao comparar as outras crianças a canibais e o acontecimento a um *pogrom*²⁶, comparação só possível para quem já ouvira falar ou tenha sofrido ou presenciado um *pogrom*. Caso tivesse sofrido ou presenciado um *pogrom* na Letônia, tal experiência a teria marcado mais fortemente que a malhação de Judas – que por sinal era judeu (mais um motivo para associar o ritual ao *pogrom*) –, de modo que teria sido mencionado na Primeira Parte de *Transplante de menina*, visto que mencionou eventos traumáticos da Segunda Guerra que não fizeram parte do período histórico da narrativa. Portanto, o conhecimento do linchamento aos judeus pôde advir da memória da comunidade judia, principalmente, durante a Segunda Guerra, período em que os *pogroms* foram frequentes na Europa. Quanto à malhação de Judas, no tempo presente, já estava em vias de desaparecer das ruas de São Paulo quando escreveu: “Mas hoje, sabendo, continuo achando

²⁶ *Pogrom*, assim foi nomeado os massacres aos judeus no Império Russo e após à instituição do comunismo, eles eram acompanhados de pilhagens e mortes (Larousse, 2016). Também foram recorrentes durante a Segunda Guerra, imputados pelos nazistas que insuflaram a população contra os judeus.

que aquela é uma ‘tradição’ horrorosa, que bem merece morrer e ser esquecida...” (Belinky, 2003, p. 116).

O Carnaval

Outra tradição brasileira que foi registrada na narrativa memorialística e pode-se considerar como fragmento de memória é o Carnaval²⁷ de rua e suas marchinhas. Difundido pelo catolicismo, o Carnaval é considerado como um ritual calendário, ocorre todos os anos e quem determina o dia em que será comemorado é a Igreja Católica. Nas palavras de Araújo (2000, p. 82), “o que persiste como resquício, portanto, é a celebração cristã do Carnaval [...] Em outras palavras estamos hoje progredindo para uma cultura carnavalesca em que o ritual se dissolve no hábito”. O Carnaval brasileiro é antes uma festa popular, da qual participam todas as classes sociais e pessoas de qualquer religião. Na década de 1930, o espaço democrático das ruas permitia que os imigrantes participassem dos festejos:

Aquelas multidões enchendo toda a avenida, aquele “corso” – o desfile interminável e lento de carros, para-choque com para-choque, capotas arriadas, apinhados de gente fantasiada e animadíssima. Todo aquele mundaréu de homens, mulheres, crianças, de todos os tipos, de todas as cores, de todos os trajes – todos dançando e cantando, pulando e saracoteando, jogando confetes e serpentinas que chegavam a literalmente a entupir a rua e se enroscar nas rodas dos carros... E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente! E os

²⁷ Segundo Hiram Araújo (2000), o Carnaval passou de festa pagã, na Grécia antiga, a uma festividade religiosa implantada pelo catolicismo em 590 d. C., pelo Papa Gregório I, em Roma. A festa antecede a quaresma – quarenta dias entre a Quarta-Feira de Cinzas e o domingo de Páscoa – período de consagração, do corpo e do espírito, para os fiéis católicos; assim como o domingo de Páscoa não tem data fixa, pois quem a determina é a Igreja, o Carnaval também não. Com a difusão do catolicismo pelo mundo, o Carnaval passou a fazer parte das festividades em vários países, sendo que, em cada país, ele adquiriu uma importância e configuração diferentes. No Brasil, o Carnaval foi introduzido pelos portugueses no século XVIII, mas com o nome de *Entrudo*, cujo significado é três dias que antecede a quaresma. Como festa de caráter popular, as pessoas lançavam água, limões de cheiro, farinha, entre outras coisas nas pessoas contra a vontade destas; o que persistiu até o início do século XX, mesmo com sua proibição. Com a introdução dos bailes, do corso, do confete, da serpentina e do lança-perfume, o Entrudo passou a ter outra configuração. Embora tenha raízes na cultura europeia, em contato com um ambiente miscigenado e uma cultura própria em formação, no Brasil atual, o Carnaval tomou outros matizes e se tornou símbolo da cultura brasileira. (Damatta, 1973).

“cordões”, os “ranchos”, os “blocos de sujos” – E todo mundo se comunicando, como se fossem velhos conhecidos, se tocando, brincando, flertando – era assim que se chamavam os namoricos fortuitos, a paquera da época – tudo numa liberdade e descontração incríveis, especialmente para aqueles tempos tão reatados e comportados... Tanto que, ainda vários anos depois, uma marchinha carnavalesca falava, na sua letra alegremente escandalizada, da “moreninha querida... que *anda sem meia em plena avenida*²⁸...”

Ah, as marchinhas, as modinhas, as músicas de carnaval, maliciosas, buliçosas e engraçadas, algumas até com ferinas críticas políticas... E os ritmos e os instrumentos – violões, cuícas (coisa nunca vista!), tamborins, reco-recos... E finalmente, coroando tudo, as escolas de samba, e o desfile feérico dos enormes carros alegóricos das sociedades carnavalescas – coisa absolutamente inédita para nós – com seus nomes esquisitos, “Fenianos”, “Tenentes do Diabo” – cada qual mais imponente, mais fantástico, mais brilhante, mais deslumbrante, mais mirabolante – e para mim, nada mais que acachapante! (Belinky, 2003, p. 102-103, grifo da autora).

A Tatiana-narradora apresentou a atmosfera carnavalesca, do Rio de Janeiro, como inebriante, propiciada pelo uso do lança-perfume²⁹. A droga inalada, pois é um alucinógeno, gerava euforia, delírios e excitação, estimulando os cinco sentidos dos foliões: o odor adocicado do lança-perfume; o colorido das fantasias; as marchinhas alegres e dinâmicas e o riso como demonstração da alegria geral; a multidão desinibida, que se tocava e flertava, contrastava com os costumes da época. O uso do inalante promovia um clima de descontração nos carnavais do início do século XX, pois a substância era lícita, não era vista como uma droga, por isso estava sempre presente nas festas, inclusive, era usada por crianças. O produto – uma

²⁸Trata-se de “Moreninha da praia”, marcha de Carnaval composta por Carlos Alberto Ferreira Braga (1907- 2006), ora chamado de Braguinha, ora de João-de-Barro. (Nicéas, 1991).

²⁹O lança-perfume é composto por éter perfumado colocado em bisnagas de vidro ou metal. Ele apareceu no Carnaval em 1903, vindo da França, rapidamente foi incorporado aos festejos carnavalescos de todo o Brasil, substituindo as limas de cheiro do Entrudo. Em 1965, foi proibido o uso do éter perfumado nas manifestações carnavalescas. (Nicéas, 1991).

mistura de éter com perfume –, na época, era colocado em um vasilhame de vidro, utilizado com um spray e espirrado nas pessoas. A droga também contribuiu para que a Tatiana-exploradora tivesse impressões fortes do Carnaval do Rio de Janeiro. Embora munida de informações sobre os carnavais de outros países, como o *Fasching*, da Alemanha, o *Carnevale*, da Itália, o *Mardi-Gras*, de Orleans, nos Estados Unidos, segundo a Tatiana-narradora, o Carnaval do Rio de Janeiro “não se parecia com nada que eu pudesse sequer imaginar nos meus sonhos mais desvairados” (Belinky, 2003, p. 102).

Portanto, a comparação que a Tatiana-narradora fez diverge das informações sobre o Carnaval de outros países. No entanto, o Carnaval brasileiro foi o único com que ela teve uma experiência física, enquanto, com os outros, a experiência foi por meio dos livros. Somente uma experiência física poderia ativar todos os cinco sentidos, pois sai do plano da imaginação para o plano físico, por isso a Tatiana-narradora afirmou ser inimaginável o Carnaval antes da experiência vivenciada.

As sensações foram tão intensas que a Tatiana-autora passou para o leitor as mesmas impressões que ela manteve em sua memória, dando uma intensidade linguística à estética do texto, com o uso da hipérbole, do excesso de adjetivação e das numerações, durante toda a descrição da imagem. Ao descrever cada elemento em separado, mas reforçando que faz parte de um conjunto, causou um efeito de totalidade à cena, como sintetizou neste excerto: “Todo aquele alarido, todas aquelas luzes, toda aquela agitação, toda aquela alegria desenfreada – tudo isso nos deixou literalmente embriagados e tontos de impressões e sensações, tão novas e tão fortes que nunca mais esqueci aqueles dias delirantes” (Belinky, 2003, p. 103). A imagética do texto permitiu um efeito de sentido que afeta o leitor, uma forma de presentificação, de atualização, no âmbito da experiência imediata.

No tempo presente da escrita, o lança-perfume já era considerado uma droga alucinógena e viciante, sendo proibido o seu uso. Devido a isso, a Tatiana-autora utilizou como recurso os subentendidos para descrever como a droga afetou os foliões, deixando pistas para o leitor no texto, como neste trecho: “E os lança-perfumes, que que é isso, minha gente!”, em que chama atenção do leitor-modelo para a substância. O léxico utilizado para descrever as sensações também subentende o uso do alucinógeno: “sonhos mais desvairados”, “dias delirantes”, “acachapante”, “embriagados e tonsos de impressões e sensações”. Por meio desses recursos, a Tatiana-autora manteve implícitas informações que, caso explicitadas, poderiam comprometer a orientação argumentativa do texto, ou mesmo vir a comprometer-se. No entanto, a Tatiana-autora pareceu contar com o conhecimento de mundo de diferentes leitores-modelos para que estes percebessem as pistas deixadas no texto e estabelecessem relações de sentido; apesar de que nem todos os eventuais leitores de *Transplante de menina* fossem capazes de percebê-las.

A Roda dos Expostos

Como vestígios sócio-históricos, ainda é possível pensar também em alguns mecanismos de regulação social do governo. Alguns artefatos utilizados para este fim, após não serem mais necessários, como a Roda dos Expostos, tornaram-se peças de museu. Entretanto, tais engenhos permaneceram como vestígios de memória, tanto coletiva quanto individual:

E, claro, havia a Santa Casa, onde eu vivi algumas experiências no mínimo emocionantes, de que já falei, e onde conheci a famosa “Roda”³⁰, uma coisa

³⁰Trata-se da Roda dos Expostos ou Enjeitados onde crianças (0 a 3 anos) eram deixadas pelos pais, que mantinham dessa maneira o anonimato. (Silva, 2010). No Brasil, as rodas foram instaladas nas Santas Casas, a primeira Santa Casa de Misericórdia a implantá-la foi a de Salvador, na Bahia, em 1726; a segunda, a do Rio de Janeiro, em 1738; e a terceira, a de Recife, em 1789, a última a ser instalada no período colonial. Em São Paulo, tanto o Hospital de Caridade quanto a Roda dos Expostos foram implantados em 1825, na chácara dos ingleses, no Largo da Glória,

insólita, que muito me impressionou quando soube do que se tratava. Essa tal roda ficava no muro externo da Santa Casa, na Rua Dona Veridiana – a sua marca ainda se pode ver ali. (Belinky, 2003, p. 93).

A roda causou estranheza (“uma coisa insólita”) à Tatiana-pré-adolescente, mais devido à finalidade do que propriamente pelo engenho em si. Ressalta-se que a Tatiana-narradora fez questão de registrar na narrativa o local onde se localizava a roda e os seus rastros físicos. Além disso, descreveu com detalhes o engenho: seu funcionamento e sua finalidade. Entretanto, embora Tatiana-menina tenha conhecido a roda no Brasil, ela não foi uma invenção brasileira, a implantação do mecanismo deu-se quando o país tinha sido colônia de Portugal e seguiu os moldes da roda em funcionamento em Lisboa. Mesmo sendo um expediente utilizado na Europa desde a Idade Média³¹, inclusive na Alemanha, país próximo à Letônia, a roda não fazia parte das experiências pré-Brasil de Belinky, ainda mais como mecanismo para solucionar o problema de abandono de crianças.

A forma como a Tatiana-narradora referiu-se pela primeira vez à Roda dos Expostos (“a famosa ‘Roda’”) e a retomou na frase seguinte (“essa tal roda”) dá indício aos leitores de que não se tratava de uma roda

sendo transferido para a Chácara do Arouche em 1880. Antes da promulgação da Lei dos Municípios (1830), as municipalidades deveriam auxiliar às Santas Casas com as despesas dos órfãos. Pelo texto legal, onde houvesse uma Santa Casa, esta deveria instalar uma Roda dos Expostos e dar assistência, sendo a Assembleia Legislativa provincial a doar um subsídio, podendo também receber subsídios privados. Dessa forma, mais Rodas dos Expostos foram instaladas nas principais províncias e algumas cidades do interior. No Brasil, as rodas localizavam-se nos muros externos das Santas Casas de Misericórdia; elas foram desativadas no século XX. A última a ser desativada foi a de São Paulo em 1950. (Marcílio, 1997). A roda que Belinky se refere encontra-se no Museu da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, junto com os livros de registros das crianças atendidas. (<http://www.santacasasp.org.br/portal/site/quemsomos/museu/publicacoes>).

³¹ Com a aparição das confrarias de caridade, no século XII, uma dessas confrarias a do Santo Espírito, de Montpellier, na França, faziam uso do engenho para acolher as crianças expostas. Depois essa confraria foi transferida para Roma, na Itália, pelo Papa Inocêncio III, dando continuidade ao recolhimento e à assistência aos expostos. Em 1273, Portugal funda o Hospital dos meninos órfãos de Lisboa, também adota a Roda para recolher as crianças. Hospitais de caridade, em cidades portuguesas, também passam a aderir ao mecanismo. (Marcílio, 1997). A cidade de Hamburgo, na Alemanha, adotou o estratagema em 1709; desde o início do século XXI, essa cidade reativa a roda, agora *babyklappe*, como meio de coibir o abandono e a morte de bebês. (Porto, 2011).

qualquer, pelo contrário, o mecanismo devia instigar a curiosidade da comunidade, principalmente sobre a identidade daqueles que lhe fizeram uso, causando algum falatório. A popularidade do mecanismo na sociedade, mais o estranhamento causado à Tatiana-russa, talvez explique ela se ter referido à roda como “a famosa ‘Roda’” (observou-se o efeito de sentido de ênfase dado pelo adjetivo e pela grafia com letra maiúscula e as aspas). De acordo com Leite (1991, p. 66), na década de 1830, a roda despertava a curiosidade das crianças de família estruturada, inclusive, porque alguns pais referiam-se à roda

como ameaça, fonte de mistérios nunca revelados por inteiro, provocando nelas uma curiosidade temerosa que os adultos se recusavam, temiam ou não tinham condições de satisfazer. As crianças que moram perto das rodas de Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro lembram-se de recomendações para que não passassem por perto delas, nem olhassem muito para quem estivesse pelas proximidades [...]. Os pais desviavam enfaticamente a conversa, em respeito aos tabus vigentes em questões de sexualidade. [...] Entre si as crianças trocavam suposições desencontradas sobre tudo isso. A própria rotação do mecanismo estimulava em sua imaginação o aparecimento de uma gigantesca máquina de moer carne. Com o pensamento metafórico incendiado, afirmavam para os irmãos menores que os bebês colocados no vão do muro eram moídos pelo movimento giratório. Os que comunicaram suas lembranças conservam viva uma sensação de estranheza e temor desencadeada pelo som da sineta no silêncio da noite e pelo ranger do mecanismo que abocanhava bebês na rua, para empurrá-lo por detrás dos muros.

Na década de 1930, principalmente para os moradores próximos à Santa Casa, como os Belinky, é provável que os pais mencionassem a roda aos filhos como meio de repreensão à indisciplina, excitando-lhes a imaginação e aumentando os temores quanto ao abandono familiar. Esse seria outro motivo para a roda ter causado impressões fortes nas crianças daquela época.

O fato de a instituição da roda ter evitado a morte de muitas crianças não quer dizer que a situação fosse aceita socialmente, havia muitas discordâncias sobre a finalidade do seu uso. Diante de situações inevitáveis, pode ocorrer a aceitação em prol de um bem maior, não sem haver uma luta interior do sujeito com seus valores morais, foi o que parece ter ocorrido:

Para mim, era um espanto, coisa difícil de compreender e de aceitar – embora eu sentisse vagamente que essa “solução” era, afinal de contas, uma caridade: melhor que as notícias sobre mães que jogavam no lixo ou até matavam seus bebês recém-nascidos. (Belinky, 2003, p. 93-94).

A situação de pais abandonando seus filhos na roda, para a Tatiana-autora, foi de difícil compreensão e aceitação, talvez considerasse desumana a “solução” encontrada pelas autoridades, a qual sentia “vagamente” ser uma caridade, já que havia quem tirasse proveito da situação dos expostos. A expressão do sentimento subentende a aceitação do inevitável, pois não havia o que ela pudesse fazer sobre a situação. A roda, então, apresentava-se como uma alternativa melhor do que ter crianças abandonadas em lixeiras ou assassinadas. Na temporalidade em que a autobiografia foi escrita, a Roda dos Expostos já tinha sido desativada, e as crianças continuavam sendo abandonadas. Abandonos que são noticiados pela mídia, conforme consta na pesquisa de Rosane Porto (2011).

No Brasil contemporâneo, embora as rodas tenham sido desativadas e retiradas do seu espaço original, figurando como peças em museus. Para fins deste estudo, importa o registro da roda em outras obras da literatura brasileira – como no conto “Pai contra mãe”³² (2012), publicado em 1906, de Machado de Assis; e em *A luneta mágica* (1972), de Joaquim Manuel de Macedo, publicado em 1869. Ambos os contos fizeram referência à Roda

³² Na bibliografia de Machado de Assis, este conto pode ser encontrado na coletânea *Relíquias da casa velha* (1906).

dos Expostos da Rua dos Barbonos, no Rio de Janeiro. O conto “Pai contra mãe” foi escrito após à abolição da escravidão, ainda assim tematizou a escravidão e as relações de poder entre os escravizados e os homens livres que, mesmo livres, também se encontravam numa situação de penúria. É o caso do personagem Cândido Neves que deveria enjeitar o filho desejado porque não tinha condições de sustentar a família. Devido ao dilema enfrentado pelo personagem, Machado fez referência à Roda dos Expostos, uma opção institucionalizada para aqueles que não tinham condições de manter o filho, a roda seria a salvação da criança, ao menos se acreditava que a criança receberia uma assistência, permanecendo viva. O mecanismo não foi o foco principal do conto, contudo, por lhe ser feita referência fica como lembrança de um passado que se apresentará para as gerações futuras.

Entretanto, foi no livro de Macedo, *A luneta mágica*, que a Roda dos Expostos ganhou destaque, pois o narrador-personagem teria a “visão do mal” de qualquer pessoa ou objeto para o qual voltasse a luneta. Por meio desse estratagema, Macedo criticou a sociedade e suas instituições no final do século XIX. Dessa maneira, foi na voz do personagem Simplício que foi denunciada a imoralidade da instituição, ao criticar a ideia de que a roda fosse realmente uma providência salvadora para os enjeitados:

E fitei a minha luneta na roda por mais de três minutos: quem o diria?... a roda da piedade bem depressa pareceu-me antes protetora do vício e da desmoralização, do que providência salvadora de inocentes criancinhas condenadas; essa roda afigurou-se-me leito ruim de falsa caridade, porta do abandono, da perdição, talvez algumas vezes do cativo dos míseros enjeitados; li no berço dessa roda cem lúgubres histórias, e recuando espantado, preferi a miopia à visão do mal, e cheguei a pensar que para muitos dos enjeitados e para a sociedade fora melhor a sepultura, do que a roda. (Macedo, 1972, p. 204).

O ponto de vista do personagem Simplício sobre o assunto vai ao encontro do que historiadores têm descoberto sobre a assistência dada às crianças enjeitadas no período de funcionamento das rodas. De acordo com Marcílio (1997), nem todas as Santas Casas tinham um local apropriado para manter as crianças colocadas na roda, por isso, assim que a criança era recolhida, contratava-se uma ama de leite que lhe criasse, ao menos, até os 3 anos. A ama poderia manter a criança sob sua guarda por mais tempo, até os 7 anos se fosse menino, e 8 anos se fosse menina, após essa idade deveriam apresentar a criança à Casa dos Expostos. Não se tratava de caridade, pois a Santa Casa pagava uma quantia módica para a prestação desse serviço.

Como denuncia Simplício, na *luneta mágica*, o enjeitado recolhido pela roda é antes um condenado do que um afortunado: “E por esse preço insuficientíssimo criar enjeitados é negócio que se explora! [...]. E o enjeitado que fica reduzido a escravo da família que o foi pedir?... e o enjeitado que morre à mingua longe da roda que o enjeitou, e que paga sua criação muitos meses além da afortunada morte do mísero condenado?” (Macedo, 1972, p. 204-205). Os desejosos de usufruir dessa quantia arrumaram formas de burlar o sistema: mães levavam seus filhos à roda e depois se ofereciam como amas-de-leite do próprio filho, e outras não informavam o falecimento da criança para continuar recebendo o pagamento. Além desses casos, durante a escravidão, as escravas eram obrigadas a depositar seus filhos na roda (o que os tornaria livres) para depois serem resgatados por seus senhores, quando findava o prazo estipulado para o recebimento da quantia, a criança permanecia na casa como escravo. (Marcílio, 1997).

Para Belinky, “lá, as freiras a [criança] recolhiam e cuidavam dela até certa idade – depois do que não sei o que acontecia com aqueles orfãozinhos de pais vivos...” (Belinky, 2003, p. 93). No entanto, em São Paulo, a rodeira (freira responsável) recolhia a criança na roda e encaminhava para

uma ama de leite, dessa forma, as crianças não permaneciam junto às freiras como a autora pensava.

As Santas Casas procuravam estabelecer as crianças em casas de família quando retornavam do lar das amas de leite para serem aprendizes: as meninas, para fazerem trabalhos domésticos; e os meninos, para aprenderem algum ofício. Os meninos poderiam ser enviados à Companhia de Aprendizes Marinheiros ou Aprendizes do Arsenal de Guerra, os quais eram submetidos à dura disciplina militar. Nesses locais, as crianças conviviam com presos, escravos e degredados, e, por serem alimentados à base de farinha de mandioca e água, acabavam por definhar e morrer. “A maioria delas ‘comia terra’ e tinha o corpo enfraquecido pelos parasitas intestinais” (Marcílio, 1997, p. 74). Findo o pagamento às amas, nem todas as crianças podiam ser abrigadas pelas Casas de Misericórdias, muitas não tinham para onde ir, por isso “acabavam perambulando pelas ruas, substituindo-se ou vivendo de esmolas ou pequenos furtos”. (Marcílio, 1997, p. 73). Em vista disso, a Roda dos expostos, como dito pelo personagem Simplício, recebeu os enjeitados; porém, por sua vez, também os rejeitou, pois não prestou a assistência devida, impingindo às crianças um sofrimento maior que a morte.

A menção à Roda dos Expostos na literatura, nas pesquisas históricas e nos noticiários não só informam a existência de tal equipamento, mas retoma a temática do abandono de crianças. Nesse sentido, sua presença é atualizada a cada leitura e, também, a cada notícia de bebês abandonados, sua finalidade é lembrada como um meio para evitar tais ocorrências: para alguns seria uma solução satisfatória, para outros, o anonimato dos pais incentivaria à licenciosidade e à irresponsabilidade pelo ser gerado (Leite, 1991), para Macedo (1972, p. 204), a roda era a “protetora do vício e da desmoralização”.

A condição de estrangeira

“Eu não nasci no Brasil: sou imigrante” (Belinky, 2003, p. 7). Embora aparentemente simples, o enunciado é significativo para o entendimento da autobiografia. Por desde o início apresentar a percepção de si no tempo presente da escrita, inferiu-se sobre esse enunciado que a autora aceitava sua condição de estrangeira no Brasil. Portanto, mostrou-se adequado que a autobiografia iniciasse por esse sentimento, porque a sua condição motivou os conflitos identitários. Além disso, orienta o leitor sobre a temática central da autobiografia.

Por meio de seu olhar de imigrante radicada, a Tatiana-autora demonstrou a sua percepção como estrangeira recém-chegada a um país onde quase tudo diferia de sua cultura de origem. Já numa idade avançada, discorrer sobre suas experiências em solo estrangeiro, mesmo que agora lhe fosse familiar, parece uma necessidade de reavaliar essa condição.

Então sou – ou fui – imigrante. Mas sou brasileira como consta no meu “RG” – casada com brasileiro, com filhos e netos brasileiros: marido santista, filhos e netos e bisnetos paulistanos. E que ninguém venha me dizer que, por ser naturalizada (com o jamegão de Getúlio Vargas no meu título de naturalização), eu sou estrangeira. Costumo dizer que sou, quiçá, mais brasileira que boa parte dos brasileiros natos. Porque a verdade que neste país de jovens, a maioria da população aqui nascida “não está no Brasil” há mais de setenta anos, como eu... (Belinky, 2003, p. 10).

O indivíduo que deixa sua terra natal é levado a isso por contextos econômicos, políticos e sociais, circunstâncias que se sobrepõem à sua vontade, portanto, à sua subjetividade. Embora o emigrante deixe seu país

“voluntariamente” – o que o difere do exílio forçado –, ele também é afetado pelos males do exílio. O mesmo sentimento de solidão que afeta o exilado (Said, 2003) também afeta o imigrante. Entretanto, por não ter sido banido oficialmente, ao contrário do exilado, ele tem a possibilidade de retornar independentemente da sua condição política. Além disso, para aquele que emigra, fixar-se em outro país pode lhe parecer, no início, uma situação provisória, mesmo que com o tempo venha a fixar-se no país que o acolheu (Sayad, 1998). Como todos os imigrantes, a família de Belinky tinha essa expectativa de retornar à Letônia: “O que não podíamos imaginar é que acabaríamos ficando no Brasil para sempre – para nossa grande sorte e mesmo salvação” (Belinky, 2003, p. 52). Nesse caso, a afirmação de Said (2003, p. 51) de que, “às vezes, o exílio é melhor do que ficar para trás ou não sair” corrobora o fato de ter sido benéfico à família Belinky estar no Brasil num momento crucial para a Europa, devido à perseguição aos judeus e à eclosão da Segunda Guerra.

A Rússia bolchevique

O contexto sócio-histórico e político que a Rússia vivenciava na época foi, em parte, silenciado na autobiografia. Para tanto, foi necessário contrapor os acontecimentos narrados, na autobiografia de Belinky, com os relatos de sua biografia, de modo que uma narrativa esclareceu pontos que faltavam na outra, principalmente, no que diz respeito às condições político-econômicas de sua família.

Os Belinky eram judeus que conseguiram adquirir algumas propriedades no século XIX. A autora informou na biografia que o seu avô foi um exportador de madeira na Letônia. Entretanto, a presença dos judeus na Europa nunca foi plenamente aceita. Na Rússia, os judeus estavam concentrados em países fronteiriços, como Letônia, Lituânia, Polônia e Finlândia. Os pais de Belinky moraram em São Petersburgo, capital da

Rússia: “Meus pais e os irmãos dele se criaram em São Petersburgo. Naquela época era muito difícil morar na capital. Só se fosse por um acaso de haver ficado muito rico em algum lugar, daí era possível” (Belinky apud Roveri, 2007, p. 30). Isso antes da Revolução Russa, contudo, a partir da deposição do czar Nicolau II e a instituição do Comunismo pelos bolcheviques, a presença da família Belinky em território russo se tornou inviável.

Segundo as memórias de Leon Trotsky (2007), em *A Revolução de Outubro*, foram os intelectuais e semi-intelectuais que disseminaram as ideias revolucionárias entre os camponeses e operários, pois tinham conhecimento político e condições de expressá-las. Desse modo, a *intelligentsia* pequeno-burguesa era formada por vários profissionais, como engenheiros, advogados, jornalistas e profissionais liberais “que antes da guerra levavam uma vida absolutamente ordinária e não teriam pretendido nenhum papel proeminente, tornaram-se de golpe representantes de corpos de exército e de exércitos inteiros e sentiam-se os condutores da revolução” (Trotsky, 2007, p. 23). Segundo as memórias de Tatiana Belinky, a mãe tinha feito parte da *intelligentsia* e sempre defendeu as ideias do comunismo, mesmo depois de eles virem para o Brasil:

Quando eu nasci, minha mãe tinha consultório montado em São Petersburgo. Ficava perto de uma fábrica. Então eu tinha muito contato com operários, desde pequena. Até nisso minha mãe mostrava o quanto era comunista. E tão ardorosa que o primeiro filho ela perdeu em um comício de Leon Trotsky. Era um menino, seria o primeiro filho dos meus pais. Mas ela o perdeu, espremida pela multidão. Ela estava no meio da gravidez, tempo suficiente para ver que era um menino. (Belinky apud Roveri, 2007, p. 24).

Com a derrota da monarquia e a tomada de poder pelos revolucionários em 1917, a situação política e econômica da Rússia agravou-se. Depois de os revolucionários instalarem-se no poder,

surgiram divergências políticas entre eles. Lênin tornou-se a figura central da ditadura que se tinha instalado. Com a implantação de um novo governo, de cunho comunista, iniciou-se um período de perseguição política e de confisco de propriedades privadas. Foi nesse período que a família Belinky perdeu seus bens: “Com a chegada dos comunistas ao poder, minha família perdeu tudo. Eles eram muito ricos e tudo que eles tinham foi simplesmente confiscado, levado” (Belinky apud Roveri, 2007, p. 31). Nesse período, as propriedades rurais foram confiscadas para serem distribuídas aos camponeses e às empresas estatizadas. Além disso, todos que fossem da aristocracia ou burgueses passaram a ser perseguidos, a despeito de ter auxiliado na causa proletária, ou não. Isso ocorreu devido às desavenças internas entre os soviets e os bolcheviques, o que culminou na guerra civil na Rússia. Como consequência para a família Belinky, o pai, Aron, foi preso durante a gestação de Tatiana:

Ele foi preso porque era “burguês”. Logo depois da Revolução, fuzilavam a torto e a direito, não perguntavam nem o nome. Foi um terror. E ele não foi fuzilado porque simplesmente minha mãe arrancou meu pai da prisão, ela ia lá com a barriga de nove meses e voava para cima do comissário, brava que era. Ela dizia: “Isto é comunismo? Eu acreditava nisso, acreditava que era coisa séria, e agora vocês ficam aí assassinando meninos de 20 anos? Como mulher de barriga, eu vou ter filho aqui na sua frente, senhor Comissário!” (Belinky apud Blay, 2013, p. 360).

Devido à perseguição política e à condição econômica, os pais de Belinky transferiram-se, em 1919, para a Letônia, onde viviam os avós maternos de Belinky. Este país, após à Primeira Guerra, em um acordo firmado entre a Rússia, a Alemanha e a Áustria, conhecido como Tratado de Brest-Litovski, emancipou-se da Rússia em 1918, assim como outros países bálticos (Estônia e Lituânia), a Finlândia, a Polônia, a Bielorrússia e

a Ucrânia. Com as desordens na política alemã, esses países proclamaram sua independência, tornando-se repúblicas democráticas (Stevenson, 2016). Nessas circunstâncias, sair do território¹ russo não foi propriamente uma opção voluntária, pois o processo de desterritorialização foi forçado pela máquina do Estado. Tatiana Belinky tinha menos de um ano de vida quando seus pais se mudaram para a Letônia.

A questão judaica no Brasil

Após dez anos, a família vê-se novamente numa situação em que foi necessária a migração para outro país. Os reais motivos da súbita mudança da Letônia para o Brasil não são tão evidentes; contudo, pelos motivos elencados anteriormente e mais a situação sociopolítica dos judeus na Europa, foi possível inferir que a família de Belinky sofreu algum tipo de perseguição na Letônia, opinião ratificada pelas observações na narrativa autobiográfica:

[...] fiquei muito excitada com a perspectiva dessa viagem, sobre a qual troquei ideias, muito atrapalhadas, por sinal, com o meu irmão, que entendia de tais coisas ainda menos que eu. As razões dessa aventura eram para nós, crianças, muito nebulosas, a gente só percebia vagamente que havia no ar certa tristeza, apesar da “fachada” otimista ostentada por papai e mamãe. Só anos mais tarde eu iria compreender que os motivos da nossa emigração eram tanto políticos como econômicos, e que papai perdera tudo o que tinha – o que explica por que chegamos ao Brasil sem nada, praticamente com a roupa do corpo. (Belinky, 2003, p. 52).

¹ “O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (Guattari; Rolnik, 1986, p. 323). Há uma afetividade construída em relação aos territórios, nesse sentido, é possível relacionar com o conceito de lugar proposto por Tuan (2013), que se verá no capítulo quatro.

Em 1929, com a crise do setor cafeeiro, as fazendas que antes empregavam os imigrantes passaram a dispensá-los. Estes se dirigiram para os centros urbanos na esperança de se empregar nas indústrias, que não tinham condições de empregar a todos, ou trabalhar no comércio. Dessa forma, medidas começaram a ser impostas para restringir a entrada de imigrantes, isto é, não se aceitava mais qualquer estrangeiro. Na década de 1930, intelectuais e políticos nacionalistas brasileiros preocupados com a identidade nacional faziam campanhas que fomentavam a população contra os imigrantes, destes os judeus eram os mais visados.

Segundo Lesser (1995), havia um perfil desejado de estrangeiro pela política de migração brasileira do início do século XX. A política migratória visava aos camponeses europeus, de preferência, alemães. Acreditava-se que estes, além de manejar e povoar as terras devolutas, aos poucos, branqueariam a população brasileira: “uma ação seletiva agindo na sociedade, cujo efeito seria a ‘depuração’ gradativa dos mestiços fazendo prevalecer as características da raça branca. Trata-se da tese do branqueamento racial” (Seyferth, 2002, p. 130).

Na época, os judeus foram vistos com desconfiança por alguns políticos brasileiros, além de o fator religioso, no Brasil católico de então, pesar negativamente para os judeus. Os argumentos para a vinda de imigrantes, como a possibilidade de branquear a raça, não se estendiam aos imigrantes judeus, porque pesava sobre eles a ideia de difícil assimilação. Esse entendimento se dava por alguns serem muito arraigados a seus costumes, entretanto, também havia aqueles em que “ser judeu era somente parte integrante de identidades múltiplas e diversamente recortadas, sendo muitas vezes um ingrediente menor, cujo peso tinha sido extremamente variado antes de tornar-se definitivo e total” (Schpun, 2011, p. 99). Quanto aos costumes, segundo Belinky, seus pais no Brasil não se vincularam à sinagoga local, mantendo a tradição circunscrita ao lar: “Papai no começo

foi à sinagoga, aquela da Rua Martinho Prado, um par de vezes e não gostou. Não sei, alguém não o tratou bem [...] e ele nunca mais entrou numa sinagoga, fazia as coisas na casa dele, no quarto dele, saía de lá iluminado, isso eu me lembro sempre” (Belinky apud Blay, 2013). Ela mesma não se considerava religiosa já que na fase adulta não seguiu o judaísmo como religião, somente o marido Júlio Gouveia (que se converteu ao judaísmo na velhice) e o neto.

Após à Primeira Guerra, os judeus, mesmo não sendo bem-vistos por uma parcela da sociedade, “totalizavam cerca de 45 a 50% daqueles imigrantes que chegavam ao Brasil vindos da Europa Oriental” (Lesser, 1995, p. 44). A intensificação da perseguição no país de origem incentivava-os a sair: “Em meados dos anos 20, mais de 10% dos judeus que emigravam da Europa escolhiam o Brasil como seu destino; e, no início da década de 30, a população judaica aproximava-se de sessenta mil” (Lesser, 1995, p. 44).

Nos anos 1920, com a instituição de quotas nos Estados Unidos e Argentina, o Brasil passou a ser considerado como terceira opção mais favorável para a imigração, devido às “suas imensas extensões de terras subpovoadas, centros urbanos em desenvolvimento, leis de imigração relativamente abertas” (Lesser, 1995, p. 46). A narrativa autobiográfica confirmou o fato histórico:

Então, como foi que nós viemos parar aqui? Simples: era impossível ir para os Estados Unidos, por causa das “cotas” de imigração vigentes: cada país só tinha direito de “exportar” para lá um determinado número de emigrantes, e a cota da Letônia para os Estados Unidos estava esgotadíssima, a fila de espera por um visto permanente era enorme, demoraria anos até a gente entrar lá. Com a Argentina acontecia coisa parecida, a espera talvez fosse menor que a primeira, mas também levaria anos. Já o Brasil, naquelas décadas de 20 e 30, não só recebia os imigrantes de braços abertos. Como até os chamava, oferecendo toda sorte de facilidades para quem quisesse vir e se fixar aqui. (Belinky, 2003, p. 9).

Em sua maioria, os estrangeiros que migravam para o Brasil tinham atividade profissional e destino definido por agências intermediárias de migração, com o objetivo de povoar o território e dinamizar a agricultura do país. A maior parte dos imigrantes judeus vindos do Leste europeu vieram da Polônia, sendo que, em 1929, ano da chegada da família Belinky, entraram no Brasil 2.765 poloneses para 118 oriundos de outros países, entre eles, os letonienses (Lesser, 1995). Estes, um número insignificante comparado com os imigrantes vindos da Rússia e da Polônia, estabeleceram-se no interior de São Paulo e de Santa Catarina, onde fundaram colônias, ou se dirigiram para os centros urbanos (Silva, 2002). Como a vinda da família Belinky não dependeu deste tipo de intermediação, pois vieram com recursos próprios, eles escolheram a cidade de São Paulo para se instalar, ao invés de fazerem parte de alguma colônia russa ou letã. A decisão pode ter sido motivada, na época, porque “as demandas da economia brasileira por atividades comerciais e industriais ajudavam os judeus a ascenderem a posições de segurança econômica” (Lesser, 1995, p. 45). Antes da migração, os judeus viviam nas cidades, por isso, em geral, tinham alguma experiência em pequenos negócios ou comércio. Tal fato ocorreu com a família Belinky, a mãe, odontóloga, em poucos meses já pôde exercer sua profissão como “prático-dentista” em São Paulo. Já o pai demorou a ter uma ocupação, até arrumar emprego como representante comercial, e, no futuro, ter uma firma de representação de comércio de celulose, como consta na biografia de Tatiana Belinky escrita por Sérgio Roveri (2007).

Outro fator que atraía os judeus para os centros urbanos foram as organizações internacionais de assistência judaica que os ajudavam financeiramente, além de instituições assistenciais comunitárias que auxiliavam os recém-chegados com a moradia e a documentação necessária para a

permanência no país. Isso pode explicar o porquê de a mãe de Belinky ter conseguido logo uma autorização para exercer sua profissão.

A partir da década de 1930, a família Belinky já se encontrava instalada no Brasil, período em que Getúlio Vargas² iniciou o seu governo provisório (1930-1934). A hostilidade contra os judeus, que já ocorria desde a década de 1920, aumentou, passando a serem vistos como imigrantes indesejados, isso devido à influência de intelectuais e políticos que professavam que todos os judeus eram comunistas e exploradores econômicos. Além disso, “o fato de que muitos judeus falavam iídiche e não praticavam a religião da mesma forma que a maioria conferia um apelo exótico ao grupo” (Lesser, 1995, p. 67). Com a promulgação de uma nova constituição em 1934, a lei de imigração foi revista, passando a ter quotas de imigração. “À medida que o nacionalismo popular e político crescia, os judeus descobriram-se alvos de um tratamento negativo por parte do governo brasileiro” (Lesser, 1995, p. 46). Porém foi no Estado Novo (1937-1945), com a implementação da Campanha de Nacionalização³ que a situação dos imigrantes no Brasil passou a ter uma intervenção coercitiva do Estado. Por meio de uma organização social, como escolas, jornais e associações, as várias comunidades étnicas até então mantiveram os laços com a pátria de origem. Com a intenção do Estado de homogeneizar as diferenças socioculturais no território, o imigrante passou a ser visto como um

² Com a Revolução de 1930, Getúlio Vargas tomou posse como presidente do Brasil para o que deveria ser um governo provisório até que a situação política do país se estabilizasse e houvesse novas eleições. No entanto, como o governo não fazia a reforma política desejada, nem estabelecia uma nova constituição no lugar da que foi abolida, conflitos políticos e armados disseminaram-se no país. Em 1934, parlamentares promulgaram uma nova Constituição e elegeram Vargas como presidente, sem a possibilidade de reeleição, dessa forma, estabeleceu-se o governo constitucionalista (1934-1938). Em 1938, deveria haver novas eleições, entretanto, Vargas deu um golpe de Estado em novembro de 1937, com o apoio das Forças Armadas, impondo o Estado Novo (1937-1945): um regime centralizador, contrário a uma política liberal de organização da cidade; contudo, privilegiou o desenvolvimento das indústrias, dos centros urbanos e criou uma legislação trabalhista.

³ Em *Transplante de menina*, cujo período histórico é de 1919 a 1933, a situação dos imigrantes durante o período da implantação da Campanha não é referida. Até 1937, os imigrantes podiam fundar escolas no Brasil em que a língua principal de instrução não era a língua portuguesa. É o caso da escola alemã onde Belinky relata ter estudado, e o ensino era ministrado em língua alemã.

obstáculo para a formação de uma nação brasileira unificada: “aqueles que pareciam não se misturar, permanecendo ‘enquistados’, eram vistos como uma ameaça ao princípio integrador da Nação, sempre pronta a absorver o novo, o estrangeiro, o diferente” (Schpun, 2011, p. 98). Nesse sentido, na tentativa de transformá-los em brasileiros de fato e não apenas de solo, a assimilação apresentou-se como a solução para que isso ocorresse, para tanto, a Campanha de Nacionalização propôs medidas coercitivas quanto aos símbolos identitários que os vinculassem à pátria materna. Nesse sentido, a língua mostrou-se como elemento impeditivo à assimilação, por isso foi o mais perseguido de que outros símbolos de nacionalidade. A imposição do português como língua nacional e o impedimento de se expressar em sua língua materna fez com que fosse instituído um “ensino nacionalizador”. Além disso, os meios de comunicação deveriam ser emitidos na língua oficial: foi proibido falar em público noutra língua que não fosse a portuguesa. Todas as instituições incluindo as associações étnicas passaram a ter a intervenção do Estado, que tinha o apoio do exército para que a Campanha da Nacionalização fosse exitosa (Seyferth, 1999). Até hoje “o português, como idioma preponderante e conector de toda a população brasileira, é para o Brasil um importante elemento de unidade” (Rodrigues, 2010, p. 142).

A adaptação a um novo território

Na época, todos os estrangeiros que se fixassem no Brasil eram considerados imigrantes, pois não havia interesse político em diferenciar os que se instalavam em busca de melhores condições de vida dos que estavam em busca de refúgio. Essa situação mudou após a Segunda Guerra Mundial⁴.

⁴ Desde a Primeira Guerra e a Revolução Russa que a comunidade internacional se viu na obrigação de pensar sobre a condição jurídica do refugiado. Com o advento da Segunda Guerra Mundial e a migração em massa da Europa, em

Em seus estudos sobre a imigração na França, Sayad define a presença do imigrante como

[...] uma presença *estrangeira* ou que é percebida como tal, as “ilusões” que a ela estão associadas e que até mesmo a constituem [...], para começar, a ilusão de uma presença necessariamente *provisória*; ilusão, sendo que esta é governada por aquela, de que essa presença é totalmente justificável pela razão ou o *álibi* que se encontra em seu princípio e que é o *trabalho* ao qual ela está ou deveria estar, logicamente, totalmente subordinada; e, por fim, ilusão da *neutralidade* política, não só a neutralidade que se exige do imigrante mas tal como ela se impõe ao próprio fenômeno da imigração (e da emigração), cuja natureza intrinsecamente política é mascarada, quando não é negada, em proveito de sua única função econômica. (Sayad, 1998, p. 19, grifo do autor).

Segundo Nancy, o significado dominante para o termo exílio configura-se em

[...] um movimento de saída do próprio: fora do lugar próprio (e, neste sentido, é também, no fundo, o solo, certa ideia de solo), fora do ser próprio, fora da propriedade em todos os sentidos e, por conseguinte, fora do lugar próprio como lugar natal, lugar nacional, lugar familiar, lugar da presença do próprio em geral⁵. (Nancy, 1996, p. 35-36).

Ao se expatriar, a família Belinky submeteu-se a um deslocamento não apenas físico como também cultural (González, 2010; Paiva, 2013), indo mais além, de acordo com Nancy (1996), tratava-se do deslocamento

1943, na Conferência de Bermudas, chegou-se a uma definição sobre o refugiado: todas as pessoas de qualquer procedência que, como resultado de acontecimentos na Europa, tiveram que abandonar seus países de residência por considerarem em perigo suas vidas ou liberdade, devido à sua raça, religião ou crenças políticas. Entretanto, foi na Convenção de Genebra, em 1951, que a definição para refúgio foi oficializada. (Barreto, 2010).

⁵ *Un movimiento de salida de lo propio: fuera del lugar propio (y en este sentido es también, en el fondo, el suelo, cierta idea del suelo), fuera del ser propio, fuera de la propiedad en todos los sentidos y, por lo tanto, fuera del lugar propio como lugar natal, lugar nacional, lugar familiar, lugar de la presencia de lo propio en general.*

do próprio ser. Como estrangeiros⁶, ao mesmo tempo que influenciaram, foram influenciados pela cultura brasileira, essa mútua influência acabou por afetar suas identidades, já que “a identidade não se refere apenas a um local; está necessariamente relacionada ao deslocamento e à realocação; por isso, não é única, mas plural e multifacetada” (Clifford, 1995 apud González, 2010, p. 111).

Com a vinda da família, iniciou-se o processo de des(re)territorialização (Deleuze; Guattari, 1997).⁷ Nessa etapa é comum ocorrer o estranhamento face às diferenças culturais, as mais evidentes são quanto ao clima, às vestimentas e ao idioma. Algumas pessoas podem não superar o processo de des(re)territorialização, que é o período de transição, já que não estão mais no seu lugar de origem e ainda não se sentem fazendo parte do novo território. É durante este processo que ocorrem os conflitos identitários, e a condição de estrangeiro se torna um problema para a integração sociocultural. Mesmo depois de integrado, o indivíduo sente as consequências de seu deslocamento, a isso Said referiu-se como “uma fraitura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. [...]. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás” (Said, 2003, p. 46). Essa sensação de perda pode ter relação com o sentimento de pátria que acomete os emigrantes, pois ao

⁶ O conceito de estrangeiro aqui utilizado é aquele definido pelo sociólogo Georg Simmel (1983) como o indivíduo que chega a um determinado lugar e permanece, ao contrário do viajante (ou turista) ou nômade cuja estadia é breve; e, por isso “Sua posição [do estrangeiro] no grupo é determinada, essencialmente, pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderiam se originar no próprio grupo” (Simmel, 1983, p. 182).

⁷ Os conceitos de desterritorialização e reterritorialização, pensados por Deleuze e Guattari (1997), levam em consideração não apenas a saída do território ou a fixação em outro, mas tudo o que pode advir com a mobilidade, como o engendramento de “novos espaços, novos sentimentos, gerando um enfraquecimento dos laços precedentes e articulando outras experiências e condutas” (Paranhos, 2010, p. 155). Neste trabalho, o processo de des(re)territorialização está de acordo com a proposição de Michael Hardt (1997) de que os elementos, apesar de opostos, não se contradizem; pelo contrário, um carrega sobre si elementos do outro, desse modo, suas fronteiras apresentam-se vagas em um fluxo contínuo. Assim, para caracterizar que se trata de um processo concomitante, a grafia adotada será des(re)territorialização.

nascer todos são vinculados a um país, a uma família, a uma cultura, laços lhes são impostos; para estas coisas não há liberdade: você não escolhe o país nem a família em que irá nascer. A situação muda ao sair do país de origem, seja por qual motivo for, o emigrante passa também a ter liberdade de escolhas sobre suas relações; embora, em alguns casos, permaneçam os vínculos familiares e culturais que o ligam à pátria de origem. Segundo Flusser (2007, p. 223),

A pátria, na verdade, não é um valor eterno, mas uma função de uma técnica específica; no entanto, quem a perde, sofre: fica conectado através de inúmeros fios à sua pátria, sendo que quase todos permanecem ocultos, velados à consciência desperta. Quando os fios se rompem ou são rompidos, isso é então vivenciado no íntimo como uma dolorosa intervenção cirúrgica.

A família deixada no país natal é um desses fios visíveis que o conectam à pátria, por isso nem todos os imigrantes conseguiram se adaptar ao território brasileiro. Alguns retornaram para o país de origem, como o inquilino da família Belinky:

Um deles era casado e deixara para trás, em Riga mesmo, a mulher e dois filhos pequenos, para tentar arrumar a vida no Brasil e mandar buscá-los depois, se tudo desse certo. Não deu ou ele não aguentou a mudança e a saudade, e voltou para a Letônia – só para morrer assassinado, alguns anos depois, pelos nazistas, junto com toda a família. Mas isso nós não podíamos prever, e gostávamos do senhor Berel, aquele homenzinho franzino, um tanto frágil e melancólico, sempre falando da sua saudade da família. (Belinky, 2003, p. 125).

O fato de o senhor Berel ter deixado a esposa e os filhos dificultou o seu processo de des(re)territorialização, pois a adaptação daqueles que migram com a família nuclear é mais promissora. Os laços familiares

prendem as pessoas com raízes fortes, pois a família é uma espécie de territorialidade, talvez seja um dos motivos pelos quais aqueles que migram com familiares têm mais chances de se adaptar ao novo território. Nesse sentido, o desejo do senhor Berel de retornar à Letônia era natural – embora soubesse que ainda não era o momento –, porém foi uma decisão que lhe custou a vida. A sorte dos emigrantes é um mistério até para eles, pois a vida de cada um pode tomar rumos inesperados, como se pôde ver pelo rumo que cada inquilino tomou: Berel retornou e foi assassinado pelos nazistas; Sam constituiu família no Brasil; Cris nunca mais foi visto, talvez tenha migrado para outro país, algo comum na época.

Pensando na condição de refugiados, como muitos que se instalaram no Brasil até a metade do século XX, os estrangeiros judeus vindos do Leste europeu viram no deslocamento um meio de se manter vivos, não estavam somente em busca de melhores condições econômicas. O que deveria ser provisório acabou se tornando permanente para alguns, como a família Belinky, que se enraizou na cidade, isto é, reterritorializou-se. Outros, como o senhor Berel, não se ajustaram ao novo território, retornaram antes da Segunda Guerra, por esta razão pereceram nas mãos dos nazistas. Outros, como nômades, continuaram errantes, de um país a outro.

Transplante de menina tematizou o processo de des(re)territorialização da autora, ou seja, as aventuras e dissabores do período de ajustamento sociocultural no território brasileiro, devido às circunstâncias que motivaram a família Belinky a migrar e a forma como chegou ao Brasil, com todas as consequências políticas e emocionais que podem advir também ao exílio forçado. O processo de integração à cultura brasileira aponta para uma gradação entre a desterritorialização e a reterritorialização, já que na prática não ocorre por etapas estanques, trata-se de um ajustamento do indivíduo, que de forma progressiva vai se ambientando ao novo território. Experiências irrepetíveis e imprevisíveis

que pela linguagem foram reconstruídas após a seleção dentre as múltiplas experiências numa fase de sua vida. A forma como a Tatiana-autora estruturou a narrativa permitiu a verificação dessa gradação que levou à integração da Tatiana-russa ao Brasil.

Nesse sentido, os primeiros dias ou semanas que a Tatiana-russa passou no Rio de Janeiro caracterizaram-se pelo entusiasmo, pela excitação e pelas novas perspectivas que o território lhe oferecia. A desterritorialização estava em sua fase inicial, ou seja, ainda não ocorreram os embates culturais, e o que lhe era desconhecido foi visto como exótico: “[...] lá travei conhecimento pela primeira vez com uma fruta, pra mim pra lá de exótica, da qual nunca sequer ouvira falar antes: a carambola [...]”. (Belinky, 2003, p. 67). Exótico porque não lhe era familiar, tratava-se de algo novo para o qual não havia sido preparada, depois de conhecido foi incorporado aos seus esquemas mentais, ou seja, deixou de lhe ser estranho.

Seu comportamento é similar ao de um turista em viagem de férias, cuja primeira visão de um local desconhecido pode lhe causar fortes impressões, muitas vezes depende do quanto o lugar diferencia-se daqueles que o turista já conheceu. No caso da Tatiana-russa, a paisagem lhe causou fortes impressões, como se pode observar pela descrição entusiasmada, por meio de adjetivos e advérbios que dão intensidade à cena:

O nosso primeiro contato com a paisagem brasileira foi o Rio de Janeiro, e não podia ser mais encantador. No dia seguinte tivemos uma visão mais completa da paisagem carioca, aquele mar incrivelmente verde, aquela baía cercada de montanhas de formas caprichosas, o morro da Urca, com o Pão de Açúcar e seu bondinho teleférico balançando no ar, e o imponente rochedo do Corcovado, ainda sem a estátua do Cristo Redentor que hoje saúda os que chegam de braços abertos. Mas a nossa sensação era de sermos recebidos pela própria natureza hospitaleira e calorosamente tropical. (Belinky, 2003, p. 64).

A visão da paisagem tropical da cidade do Rio causou à menina uma sensação de acolhimento, observou-se a personificação da natureza ao imputar-lhe a responsabilidade de receber os estrangeiros. Além disso, o advérbio calorosamente gerou uma ambiguidade, porque tanto serve para fazer alusão ao calor, ao qual a Tatiana-russa não estava acostumada, quanto para reforçar o sentimento de acolhida.

A menção da estátua do Cristo Redentor na autobiografia apontou para o distanciamento entre o fato narrado e o momento da escrita. Em outra visita ao Rio de Janeiro, antes da instalação do Cristo no morro do Corcovado em 1931, ou seja, após à sua chegada, a Tatiana-narradora fez referência de que a paisagem natural, sem a intervenção humana, parecia-lhe mais divina do que a atual. Já na visão de Zweig (1960), a estátua do Cristo estava ali para abençoar a cidade, mais condizente com a intenção religiosa de seus idealizadores, os bispos da Igreja Católica (Kas; Loddi, 2008). Dessa forma, relativizou-se as perspectivas do olhar estrangeiro sobre o mesmo monumento.

A mudança para outro país, diferente de tudo que lhe era familiar, ocasionou uma ruptura com o que tinha assimilado até o momento, visto que muito do que tinha experienciado, inicialmente, parecia não ser apropriado à cultura brasileira. Com a instalação definitiva na Rua Jaguaribe e os primeiros contatos com os outros moradores, uma nova fase iniciou-se no processo de des(re)territorialização da autora:

Assim começou a nossa vida na Rua Jaguaribe, que marcou o nosso verdadeiro encontro com o Brasil, e representou para nós, crianças – especialmente os dois maiores –, uma mudança drástica, espécie de “choque cultural” entre nosso passado europeu e a realidade brasileira, tão diferente em tudo. (Belinky, 2003, p. 83).

Para a Tatiana-russa, o processo deu-se de forma intensa, por isso a cultura local lhe gerava desconforto, principalmente nas questões de sociabilidade. Na fase de adaptação, é comum o indivíduo sentir solidão e ansiedade: “Isso pode parecer coisa sem importância hoje, mas na época me doía, me humilhava e me fazia sentir muita solidão” (Belinky, 2003, p. 152). Esse excerto fez referência à sociabilidade na escola, no momento que havia a escolha de parceiros para os jogos, e os colegas a deixavam de lado. A Tatiana-narradora fez referência a como fatos, que lhe provocaram tanta tristeza, podem parecer sem importância com o passar do tempo, entretanto, as relações eram conflitantes e afetavam os sentimentos da Tatiana-russa em relação às outras crianças. Essa lembrança, por ter sido mencionada, apresenta-se como um resquício da mágoa que ela sentia nesses momentos. Suas observações sobre o comportamento dos meninos da Rua Jaguaribe, aos quais ela chamou de “moleques”, representava sua opinião sobre as diferenças existentes entre eles:

Aqueles meninos eram moleques de boca suja, sempre a despejar palavões cabeludos e dizendo obscenidades que me deixavam roxa de vergonha. Eles também desenhavam nos muros e paredes uns grafites – que ainda não tinham merecido este nome “científico” – tão indecorosos como o seu repertório falado e cantado, devidamente acompanhados dos respectivos nomes “chulos”. (Belinky, 2003, p. 108).

Nesse sentido, em *Transplante de menina*, fez-se uma ênfase sobre as diferenças de comportamento como forma de ressaltar as “marcas de distinção”. A maneira da Tatiana-russa comportar-se contrastava com o das outras crianças, em sua maioria estrangeiras como ela.

Na apresentação da narrativa, a Tatiana-narradora informou que, antes de chegar ao Brasil, ela tinha recebido o que chamou de “caldo de cultura”: na Europa teve acesso a museus, teatros, balés, ainda criança;

era provável que grande parte das crianças na Rua Jaguaribe não tivessem acesso a esses locais no Brasil. Os pais de Belinky, pelo que foi dito na autobiografia, valorizavam mais o aspecto cultural do que o econômico, não medindo esforços para manter os filhos numa escola particular, como a escola americana: “[a professora] falou para eu dizer a meus pais que efetuassem o pagamento nos próximos três dias, senão eu e o meu irmão seríamos expulsos da escola” (Belinky, 2003, p. 153). A autobiografia de Flusser, sobre o período em que viveu em São Paulo, talvez possa esclarecer como Belinky vivenciou essa mudança drástica no sistema hierárquico social da Letônia para o do Brasil:

Em Praga a gente via na sociedade uma hierarquia ordenada por níveis de cultura, e a gente ocupava um degrau alto em tal hierarquia. Em São Paulo a gente se via forçada a admitir hierarquia econômica na sociedade, e ocupava degrau relativamente baixo em tal hierarquia. (Flusser, 2007, p. 64).

Em vista disso, a herança cultural que Belinky trouxe consigo da Letônia, a insistência dos pais para que os filhos estudassem em boas escolas, mesmo com poucos recursos, mais as atividades de lazer da família, em São Paulo, como ida a museus e a parques, revelavam a intenção de não apenas aprimorar a aprendizagem e dar continuidade à formação cultural iniciada na Letônia; mas também manter as marcas que os distinguiam na hierarquia social do país. Conforme mencionado neste capítulo, os pais tinham a intenção de retornar à Europa, talvez a eclosão da Segunda Guerra os tenha impedido de fazê-lo. Uma das estratégias dos imigrantes, para manter os laços culturais, foi de se vincular às bibliotecas ambulantes:

Quando chegamos a São Paulo, imediatamente meus pais se inscreveram em duas bibliotecas circulantes, uma alemã e outra russa, baratinhas, é claro, pois

viemos com uma mão na frente e outra atrás. Eles não queriam perder o contato com a literatura alemã e russa, e não queriam que os filhos também perdessem. (Belinky apud Rovero, 2007).

Os passeios aos finais de semana também são uma amostra da valorização dada à cultura. No início do século XX, passear nos parques e nos jardins era uma atividade de lazer coletiva, partilhada por todos os cidadãos: as famílias podiam levar os filhos pequenos, e os jovens conheciam outros jovens. Foi nesse período que a sociedade brasileira instituiu o *footing*, passeios a pé nos parques, como um modo de ver e ser visto. Em *Transplante de menina*, a Tatiana-narradora informou que a família, aos domingos, passeava pelos parques, museus e institutos para conhecer a cidade, sobre esses passeios ela ressaltou: “Acho que poucos paulistanos faziam tanto turismo em São Paulo como nós, estrangeiros recém-chegados e curiosos” (Belinky, 2003, p. 95). Mas reconhece que ir até esses lugares era difícil pelo acesso, pelas dificuldades financeiras e porque os pais tinham que se deslocar com os filhos ainda pequenos. Entretanto, manter uma vida cultural intensa foi um hábito adquirido na Letônia e que mantiveram no Brasil, além de ser uma manifestação simbólica do valor que lhe atribuíam.

Com a profusão de estrangeiros vindos de várias partes da Europa e se instalando no subúrbio da cidade de São Paulo, na Rua Jaguaribe era possível perceber, na época, diferentes estratos sociais:

Como se vê, entre as crianças da Rua Jaguaribe percebiam-se três classes sociais bem delineadas e separadas até por uma latente animosidade: os (poucos) meninos de “bem”, paulistanos antigos – que provavelmente hoje seriam chamados grã-finos; os (também poucos) estrangeiros, da *intelligentia* europeia, como nós; e os meninos da rua, da classe média baixa, ou mesmo “proletária”, mais ou menos pobres, brancos, negros, morenos, muitos deles filhos de imigrantes italianos, sírios, alemães. (Belinky, 2003, p. 137).

A Tatiana-narradora apresentou um ambiente hostil cuja causa ela presumiu ser devido às diferenças de classe e não apenas por sua condição de estrangeira. Entretanto, não se pôde ter acesso ao pensamento do Outro, de sua subjetividade. Dessa forma, resta ao leitor crer, ou não, nas informações que lhe foram passadas pelo ponto de vista da Tatiana-narradora, que apresentou sua percepção sobre o convívio com as outras crianças:

A molecada continuou a nos azucrinar, e nós nunca chegamos a fazer realmente as pazes com eles. Eles nos antagonizavam, e eu não entendia por que motivo. Hoje, acho que era não só porque nós éramos “os estrangeiros”, mas também porque eles nos percebiam vagamente como pertencendo a outra categoria social. Mesmo sem se darem conta disso, achavam que nós éramos “burgueses”, “filhinhos de papai”, ou coisa que o valha – na opinião lá deles. (Belinky, 2003, p. 134-135).

Sem o acesso à opinião das outras crianças, o leitor é induzido a aceitar a interpretação que lhe foi dada. Entretanto, justamente por não se ter a comprovação, a Tatiana-narradora reservou-se o direito de se manter no plano da suposição, vê-se pelas escolhas verbais, em que transferiu ao Outro a responsabilidade, como se lhes fosse algo inconsciente, “Mesmo sem se darem conta disso”, depois reforçou, “na opinião lá deles”, quando na verdade é a opinião da Tatiana-adulta que refletiu sobre as hostilidades sofridas e chegou a essa conclusão, pois sabia ser proveniente de uma “classe média remediada” (Belinky, 2003, p. 8), diferente das classes sociais que haviam partilhado o mesmo lugar, ou seja, a Rua Jaguaribe.

Superada a fase do estranhamento da nova cultura, o indivíduo está mais reterritorializado, não que o processo se tenha concluído (sempre haverá o que des(re)territorializar), mas sua intensidade foi abrandada.

Aquilo que lhe era estranho foi aos poucos adquirindo *status* de familiaridade (Dufourmantelle, 2003):

Aqueles primeiros anos foram anos de aprendizado e adaptação, de luta para absorver e assimilar uma enorme quantidade de impressões e de dados novos, de novas coordenadas. Coisas que ora me pareciam boas e agradáveis, ora más e dolorosas; ora interessantes e fascinantes, ora estranhas e incompreensíveis. (Belinky, 2003, p. 11).

No processo de integração, seu proceder no ambiente brasileiro já estava mais próximo daquilo que Flusser apresentou como hábitos⁸ inconscientes. Com o convívio diário com outras pessoas e mais familiarizada com a cultura local, a Tatiana-russa incorporou hábitos do meio que lhe permitiam um interagir desenvolvido de forma que seu proceder já não era forçado. Nessa fase, a reterritorialização estava mais evidente, pois já se sentia fazendo parte do novo território ao afirmar que conquistou o próprio espaço:

Melhorara também a minha situação na escola americana: eu já conquistara o meu espaço, tanto perante os professores como entre os colegas, que não caçoavam mais do meu sotaque nem me discriminavam daquele jeito. Eu já tinha até algumas amigas quase “íntimas”. (Belinky, 2003, p. 156).

Nesse caso, tratava-se mais de um espaço de relação do que físico, pois dizia respeito à interação social com os colegas, à afetividade e à aceitação de suas diferenças pelo grupo, incluindo aí as diferenças linguísticas.

No final da autobiografia, a Tatiana-neobrasileira demonstrou sinais de sentimento de pertencimento e de aceitação pelo grupo, quando se

⁸ Segundo Flusser (2007, p. 226), “os códigos secretos das pátrias não foram tecidos a partir de regras conscientes, mas sim, e quase sempre, por hábitos inconscientes. O que caracteriza o hábito é o fato de que não se tem consciência deles. Para que possa imigrar para uma pátria, o apátrida deve, em primeiro lugar, aprender conscientemente os códigos secretos e depois esquecê-los”.

sentiu definitivamente fazendo parte ao interagir com o meio social sem ressentimentos e discriminações:

O ano seguinte, 1932, foi um ano de grandes acontecimentos na minha vida de menina transplantada, e também na vida da gloriosa cidade de São Paulo. [...] As meninas nunca antes falaram de política, havia até uma espécie de regra, expressa na frase muitas vezes repetida: “política e religião, cada um com a sua opinião”. Portanto, não era de bom-tom falar dessas coisas. [...] Até que estourou a revolução mesmo: a Revolução Constitucionalista Paulista, de 1932. E, entendendo ou não, eu a vivi, a senti, a observei. E, a maneira da criança que eu era participei dela como podia: brincando com as colegas da escola de enfermeira na frente de batalha. E lendo avidamente os jornais... e vendo jovens voluntários partindo para a luta [...]. Eu até participei da campanha “Dê ouro para o bem de São Paulo” – doe uma correntinha de pouco valor material, mas que, como gesto, foi importante para mim, na medida em que consolidou a minha “naturalização” simbólica, a minha adesão emocional – para sempre – a São Paulo e ao Brasil, minha nova pátria. (Belinky, 2003, p. 156-158).

Quase não havia mais estranhamentos quanto à nova cultura, e a Tatiana-neobrasileira passou a ter afeição pela cidade, a ponto de se engajar emocionalmente à causa paulista. Não lhe era indiferente a situação política que São Paulo vivenciou na época, pois a Revolução Constitucionalista⁹ tinha agitado os ânimos, insuflados pelos meios de comunicação de massa.

⁹ A Revolução de 1932, ou Revolução Constitucionalista, tem sua origem na Revolução de 30, que poria fim à República Velha. O presidente Washington Luís fora deposto e em seu lugar tomou posse Getúlio Vargas, mas em um governo que deveria ser provisório e garantir reformas políticas por meio de uma Assembleia Constituinte, instituindo uma nova Constituição, já que a de 1891 tinha sido abolida. Além disso, a política intervencionista que Getúlio adotara desagradara a classe política do estado, pois queriam autonomia para escolher o seu próprio interventor, chefe de governo. Como isso não se sucedeu, o estado de São Paulo mobilizou-se política e militarmente de forma que pudesse se contrapor ao governo instituído. Para ter a adesão da população de São Paulo, o rádio e os jornais foram instrumentos importantes para a arrematamento de voluntários para a luta armada no que foi considerada uma guerra cívica e para promover as campanhas “Ouro para a Vitória” e “Campanha para o bem de São Paulo”, as quais arrecadaram um valor considerável em joias e dinheiro, ou qualquer objeto que tivesse algum valor. Os voluntários faziam parte de todas as camadas sociais, assim havia fazendeiros, estudantes, comerciantes, operários. Aqueles que tinham idade e condições físicas para sê-lo se tornavam combatentes. Apesar dos esforços, a Revolta Constitucionalista de 1932 durou três meses, começou em julho e terminou em outubro com a derrota dos paulistas. (Priore, 2010; Nogueira Filho, 1981).

Por isso, mais do que engajamento à causa da Revolução, a doação da correntinha, como exemplo de participação em um ato cívico que mobilizou a população paulista, consolidou a fixação à nova territorialidade. Reafirmada pela experiência do Carnaval paulista:

Uma adesão que, por sinal, já começara alegremente alguns meses antes, no carnaval, quando pela primeira vez na vida vesti uma fantasia, singela fantasia de “malandro”, calça comprida branca, camisa listrada, gorrinho de marinho – “vesti uma camisa listrada e saiu por aí”, como cantava Carmen Miranda. E fui, com papai e mamãe, até a Avenida Angélica, a duas quadras de casa, assistir ao corso e até pular e cantar um pouco, timidamente, e receber alguns punhados de confete, alguns rolos de serpentina, alguns jatos de lança-perfume, a título de batismo de neobrasileira... (Belinky, 2003, p. 158).

A partir do momento que passou de espectadora a participante dos festejos, percebeu-se a sua integração à cultura brasileira já na escolha da fantasia. O malandro é uma figura marginal em nossa cultura, um estereótipo do brasileiro não afeito ao trabalho, boêmio, que vive de pequenos delitos. Além disso, “[...] o malandro é sempre visto no Brasil de um ângulo simpático e positivo. Assim, diz-se que o mundo do malandro é ‘a própria vida’” (Damatta, 1973, p. 153). O Carnaval permitia a exaltação daquilo que é considerado autenticamente brasileiro: a mulata, a malandragem, o samba e o próprio Carnaval. Nesse sentido, a escolha da Tatiana-russa por esta fantasia revelou o reconhecimento da alteridade e o pertencimento à comunidade brasileira.

Nesse excerto, ela se referiu ao momento como um batismo simbólico, um rito de passagem necessário para assumir uma nova identidade. Foi possível estabelecer uma relação com os rituais religiosos de batismo, tanto o católico quanto o judeu. De um lado, numa aproximação com o rito católico, pôde se inferir que os jatos de lança-perfume fazem uma analogia

à aspersão d'água utilizada no batismo. Por outro lado, os judeus também se utilizam do batismo para conversão dos gentios (os não judeus). No judaísmo, o batismo “significava que estavam se submetendo aos preceitos da lei mosaica como novo padrão de conduta. A partir daquele momento quem assim o fizesse tornava-se parte da comunidade judaica” (Champlin, 2008, p. 472). Assim como no judaísmo – para que o batismo seja concretizado, é necessário que os convertidos sejam imersos totalmente na água (Champlin, 2008) –, a Tatiana-menina usufruiu de uma imersão completa, de forma simbólica, ao participar da festa com todos os seus paramentos: fantasia, confetes, serpentinas e jatos de lança-perfume. Nesse sentido, por meio do batismo simbólico, oficializou o seu pertencimento à comunidade brasileira. Um passo importante para a reconstrução identitária abrindo-se para a relação com o Outro.

A reterritorialização não é um retorno ao estado original, porque isso é impossível. A partir do momento que o indivíduo sai do território de origem e entra em contato com outra cultura, sua identidade é transformada. É nesse sentido que a Tatiana-narradora referiu-se a si mesma como “neobrasileira”, pois não era o caso de negar as culturas judia, russa e letã, mas de acrescentar mais a brasileira, portanto, pode-se pensar na formação de uma identidade brasileira híbrida. Flusser assumia sua condição de apátrida porque ele participou de várias culturas, sendo a brasileira uma dentre outras: além da origem judaica, cada país onde viveu contribuiu para sua formação de apátrida. No caso da Tatiana-autora, inferiu-se que ela não se via como apátrida (mas talvez o fosse segundo o exemplo de Flusser), pois, em sua apresentação autobiográfica, ela reforçou o engajamento à cultura brasileira ao enfatizar que adotou o Brasil como sua nova pátria. Esse sentimento de pertencimento à pátria brasileira deu-se devido à reterritorialização física e imaterial por meio de laços, como a constituição de uma família com um brasileiro, de uma carreira

profissional em que teve o reconhecimento social, de elos de amizade e de vários outros laços visíveis e invisíveis que foram se entrelaçando, atando a autora ao Brasil.

Uma nômade na cidade de São Paulo

O fato de a autora Tatiana Belinky ter sido multilíngue tem relevância para compreender a sua trajetória profissional como tradutora e adaptadora de clássicos da literatura universal para o teatro. Conforme declarou em sua autobiografia, ser multilíngue não lhe causava nenhum estranhamento, pois “falar três ou quatro idiomas era coisa comum em nosso meio, não representava nenhum esforço ou ‘sapiência’ especial” (Belinky, 2003, p. 30). O conhecimento de outros idiomas a serviço de outra cultura é um dos aspectos que se pode considerar como positivo do exílio para a cultura que recebe o exilado.

A diversidade de idiomas na Letônia deu-se por motivos sócio-históricos, caracterizando o país por um rizoma linguístico¹⁰ (Deleuze; Guattari, 1995). Por vários séculos os países bálticos foram disputados pelos países vizinhos: Polônia, Suécia, Alemanha e Rússia. Sendo que os germanos, até metade do século XIX, e os russos, nos séculos XVIII a XX, foram os que mais

¹⁰ O termo rizoma foi tomado de empréstimo da Botânica por Deleuze e Guattari (1995, p. 15): “Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma”. Há algumas proximidades entre o rizoma botânico e o sistema proposto pelos filósofos. Algumas plantas reproduzem-se por meio do rizoma, ou seja, é uma parte da estrutura da planta que lhe permite se estender pelo território, também é uma forma de preservação da espécie, pois, a partir dos rizomas, surgem brotos, garantindo assim a sua reprodução. Caso haja uma ruptura ou a planta seja arrancada do solo, o rizoma garante a sua continuidade. Ele pode estar tanto na parte externa do solo (visível) como no subsolo (invisível), depende da espécie, a grama e as orquídeas são exemplos de plantas que se reproduzem através de rizomas. Na filosofia, o termo em parte aproxima-se do conceito botânico: “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo ‘ser’, mas o rizoma tem como tecido a conjunção ‘e... e... e...’ Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 37). Os filósofos propuseram princípios para caracterizar o sistema por rizomas. No que diz respeito ao rizoma linguístico, o princípio de conexão e heterogeneidade proposto por Deleuze e Guattari auxilia a entender o ambiente multilíngue da Letônia: “Num rizoma, [...] cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas estatutos de estados de coisas” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 15).

difundiram seus costumes e língua (Friederichsen, 1930; Silva, 2002). A Letônia somente pôde declarar sua independência em 1918, por causa do enfraquecimento da Rússia após à Primeira Guerra, apesar de, na década de 1940, ela voltar a fazer parte do território russo. Embora a Letônia tivesse uma língua própria, a dominação de seu território promoveu a inserção de línguas como o alemão e o russo. No início do século XX, o russo era considerado um idioma de prestígio, a língua do Império, e o alemão uma língua mais funcional, falada principalmente em instituições educacionais – as boas escolas na Letônia eram alemãs. Devido à influência cultural da Alemanha, da Rússia e dos países do entorno, pode-se afirmar que a Letônia se caracterizava por uma cultura em processo de hibridização.

Por esses motivos, desde a pequena infância, as crianças conviviam em um ambiente multilíngue, heterogêneo, acostumando-se a pensar em diversas línguas: “como a condição da imaginação multilíngue, da tradução internalizada, da possível existência de um idioma misto particular ‘debaixo’, ‘que vem antes’ da localização de diferentes línguas no cérebro articulado” (Steiner, 1990, p. 21). Segundo Tatiana Belinky, desde pequena ela conviveu com várias línguas, numa espécie de rizoma linguístico:

A propósito, demos aquele apelido à ruela em alemão porque “passeávamos em alemão” com a nossa governanta, e isso não era nada de especial. Em Riga, naquela época, falava-se normalmente – pelo menos na nossa classe “burguesa” – três idiomas: russo, alemão e “até” letoniano, a língua da terra, a do “povão”. Mesmo as placas com os nomes das ruas eram nessas três línguas. A própria rua onde morávamos, bem próxima do porto fluvial, chamava-se sintomaticamente “Rua dos Navios”, *Kudju Iela*, em Letão; *Schiffstrasse*, em alemão; e *Karâbelnaia*, em russo. (Belinky, 2003, p. 30).

Por isso foi possível pensar em Belinky como uma nômade linguística, afinal, já interagiu num ambiente multilíngue desde a infância:

Então alemão e russo são as minhas línguas. Russo mesmo, alemão quase. Nunca quis perder o contato com estas duas línguas, que me seriam muito úteis mais tarde, em meu trabalho como tradutora. O letão foi uma língua que eu perdi, sobrou apenas um restinho. Eu me recordo da minha mãe falando frases em supermercados, coisas assim, quanto custa? Mas a essência da língua eu perdi mesmo. (Belinky apud Rovey, 2007, p. 36).

Também sabia o iídiche, que era a língua falada pelos avós (Rovey, 2007), devido à origem judaica. Era importante falar mais de um idioma na Letônia, pois, de acordo com a autora em sua biografia, circulava-se em diferentes estratos sociais.

Conhecer outras línguas auxiliou na apreensão de novas, isso a ajudou a aprender o português falado:

E é fato que as crianças aprendem uma língua nova com muito mais facilidade que os adultos. Criança não tem medo de língua, não tem bloqueio. E quando se dominam três idiomas, é fácil perceber que existem palavras parecidas, ou construções comuns, em todos eles. Há palavras que vieram do latim, há aquelas que trazem uma combinação de alemão com inglês. É tudo uma salada. E o português carrega um pouco de tudo. Criança aprende, tira de letra, não estuda, absorve. E na Rua Jaguaribe eu absorvi um bom pedaço. (Belinky Apud Rovey, 2007, p. 62).

Além do português, ela aprendeu o inglês e o francês, signos de distinção no Brasil, na década de 1930. Ela não substituiu os idiomas maternos pelo português, em um processo de aculturação, ao contrário, manteve contato com o russo e o alemão por meio da literatura e com os imigrantes dessas nacionalidades.

Com a migração para o Brasil, ter acesso às obras escritas em alemão e russo (na época havia bibliotecas¹¹ ambulantes para atender os

¹¹ Essas bibliotecas pararam de circular quando a Campanha de Nacionalização foi instituída em 1938.

estrangeiros), de certa forma, foi um dos fios invisíveis que a manteve conectada à pátria. Conforme Flusser, o idioma pode ser um domicílio, uma pátria imaterial que confere um sentimento de pertencimento a uma comunidade que se diferencia das demais. Nesse sentido, a língua, capaz de portar e transportar uma cultura, apresenta-se como um fator identitário.

A literatura é um dos meios de atuação da língua em que ela se materializa, na sua forma mais expressiva, e a leitura é a ação que promove o contato do exilado com essa materialidade. Nesse sentido, para a Tatiana-autora, a leitura não serviu apenas de entretenimento para passar o tempo, ela também exerceu a função de mediadora entre o exilado e a pátria natal. Os livros foram os suportes que lhe permitiram revisitar a cultura de origem e se aproximar de outras culturas:

E hoje posso dizer que isso [falar outros idiomas] me foi de imensa utilidade e ajuda na vida em geral – sem falar na vantagem e no prazer de poder ler os meus amados livros no original, em vários idiomas, entrando em contato com outros mundos, conhecendo outras terras, aprendendo a entender e a aceitar, numa boa, outros povos, outros usos e costumes. E “viajando” mais depressa que qualquer foguete atômico: com a rapidez do pensamento. (Aliás, ainda hoje, eu não trocaria uma viagem numa vassoura de bruxa ou num pilão de Baba-Yagá por nenhum veículo espacial do mundo...). (Belinky, 2003, p. 30).

Como Flusser, Belinky também era domiciliada em quatro idiomas, por isso usufruía das duas bibliotecas e, assim, tinha acesso tanto à língua alemã quanto à russa. O momento privado da leitura também tinha uma função catártica, pois, por meio das histórias, a Tatiana-emigrante podia fugir da realidade empírica e migrar para “outros mundos”, ou seja, um ponto de fuga de sua condição de estrangeira no Brasil.

Outro aspecto que é possível destacar nesse excerto é o aprendizado que a literatura proporciona ao leitor, aceitar as diferenças do Outro é algo que se aprende, e o contato com outros costumes, embora não vivenciados de forma empírica, gera uma familiaridade. Ressaltar esse aspecto mostra que a não aceitação da cultura do Outro é devido ao desconhecimento. A literatura pode atravessar fronteiras e tornar familiar aquilo que é desconhecido.

Por meio da leitura, a Tatiana-emigrante fazia viagens imóveis, em um desejo de empreender outras aventuras e explorar outros horizontes; ou seja, a prisão do corpo (o indivíduo no ato da leitura apresenta uma imobilidade aparente) e a aventura do espírito (o corpo imóvel, mas o pensamento longe) também é uma forma de se praticar o nomadismo: “[...] deve-se se reconhecer que é sem dúvida possível integrar-se à vagabundagem sem se movimentar, pois a imobilidade pode se alimentar de numerosas aventuras” (Maffesoli, 2001, p. 99-100), tanto melhor que os livros estivessem nas línguas de origem, assim a experiência apresentava-se mais verossímil.

O acesso a esses livros foi possível no início do século XX, porque os imigrantes os traziam nas malas, um modo de estar próximo de sua cultura; provavelmente, numa atitude solidária e nacionalista, os livros foram doados às bibliotecas. Assim a literatura desterritorializou-se junto com os leitores, pois eles tinham o conhecimento necessário para interpretar os signos. Em contato com outras culturas, o leitor-escritor produz uma literatura que apresenta a inter-relação entre elas, dessa forma, a literatura estará sempre se ramificando:

[...] é a literatura que se encontra encarregada positivamente desse papel e dessa função de enunciação coletiva [...] e se o escritor está a margem ou afastado de sua comunidade, essa situação o coloca ainda mais em condição de

expressar uma outra comunidade em potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. (Deleuze; Guattari, 1977, p. 27).

Para Steiner (1990, p. 21), “parece apropriado que os que criam arte em uma civilização de quase barbárie que gerou tantos desabrigados, que arrancou línguas e povos pela raiz, deveriam ser poetas desabrigados e errantes através da língua” (Steiner, 1990, p. 21). Radicada no Brasil, Belinky fez de seus conhecimentos linguísticos um meio de vida, tornou-se escritora e tradutora. Em vista disso, o seu conhecimento serviu de ponte entre culturas, promovendo o acesso à literatura estrangeira daqueles que não conheciam o código, no seu caso, os brasileiros. Isso pode ser verificado em *Salada russa* (1988), uma antologia de contos, traduzidos por Belinky, dos seguintes autores: Tchekhov, Tolstoi, Gorki e Puchkin; bem como em *Sete contos russos* (1995), uma coletânea de contos da tradição popular que foram registrados em língua portuguesa por Belinky, entre outras traduções.

O fato de saber mais de uma língua não significou que o processo de reterritorialização num novo idioma tenha sido fácil para Tatiana-russa. É previsível que o primeiro contato com um idioma desconhecido tenha lhe causado estranhamento:

Lembro-me de uma vez – logo que nos mudamos para o sobradinho – que papai me mandou buscar manteiga naquela vendinha. Foi bem no começo, eu ainda não entendia quase nada de português. Então papai me fez decorar o que eu tinha de dizer ao vendeiro. Era: “Fasfavór demedar duzentogram manteiga” – assim mesmo, o português de papai ainda não era lá essas coisas. Saí andando pela calçada, cantarolando aquela frase sem parar, com uma musiquinha inventada, para não esquecer. E, à medida que ia repetindo, ela me soava “errada” – no sentido do ritmo da minha cantilena. Acostumada a ler, ouvir e dizer poesias, eu tinha a sensação de que aquilo era como dois versos que “pediam” para ser, o primeiro de sete e o segundo de seis sílabas, com a

acentuação nos lugares corretos. Então, acabei corrigindo o que me parecia o “pé quebrado” do primeiro “verso”. E daí passei a cantarolar a minha ladainha assim: “Faz-favór dedé-medar duzentos gramantéiga...” Felizmente, o vendeiro me entendeu e até perguntou se a compra era para uma pensão! (Belinky, 2003, p. 94-95).

A adaptação em versos¹² do enunciado para o vendeiro, não apenas apresentou sua formação cultural, mas também transpareceu a intenção de alterar a língua estrangeira, neste caso o português, para algo que lhe soasse familiar os acentos das línguas a que estava habituada. Segundo Deleuze e Guattari (1977), até mesmo as articulações dos sons passam pelo processo de desterritorialização, por isso a dificuldade na pronúncia e o sotaque: “Até me recordo de uma placa que dizia Casa Tro-lo-ló – palavras que eu não entendia, mas que me soaram engraçadas, tanto mais porque eu as pronunciava com a letra C como ‘tsé’, à maneira letoniana, de modo que casa ficava ‘tsaza’...” (Belinky, 2003, p. 74).

Outro caso semelhante de erro de pronúncia foi quando se deparou com as urnas funerárias dos bandeirantes fundadores de São Paulo no interior da igreja próxima à sua casa:

Na penumbra, logo na entrada, a primeira coisa que eu vi foram duas colunas, encimadas por duas urnas de mármore, com inscrições: de um lado, “Tibirică”, e do outro, “João Ramalho”, nomes que eu li à minha maneira, alémã ou letoniana, assim: “Tibirítsa” e “IoáoRamal-hó”. Pensei que seriam nomes de pessoas, mas nem podia imaginar de quem se tratava: parece que eram urnas funerárias daqueles dois personagens históricos. Que por sinal não estão mais lá – que será que foi feito delas? (Belinky, 2003, p. 106).

¹² Criar versos rimados é algo que pelo visto sempre gostou. A autora Tatiana Belinky é reconhecida por ter introduzido os “limeriques” no Brasil, tipo de poesia de apenas cinco versos rimados que fazem referência a situações engraçadas e absurdas.

Embora a Tatiana-exploradora, na época, não soubesse de quem eram as urnas funerárias, a Tatiana-adulta já detinha esse conhecimento, ainda que a declaração da Tatiana-narradora tenha sido feita de modo a não dar certeza do fato. Se as urnas eram dos personagens históricos, Tibiriçá e João Ramalho, como acreditou Belinky, é algo que não pode ser comprovado, já que elas, no tempo da escrita, não se encontravam mais na igreja. Assim ficou apenas o registro na autobiografia de Belinky ou em algum outro documento que porventura exista.

Mesmo que o estrangeiro venha a conhecer muito bem a língua de destino, dificilmente poderá passar por um autóctone, pois o sotaque o denunciaria. É uma marca indelével do estrangeiro, como foi o caso da autora que não perdeu o sotaque russo, por isso ela se referia ao seu português como macarrônico.

Sair do ambiente multilíngue, ao qual já estavam habituados (Letônia) e interagir em um outro meio com uma língua que desconheciam, promoveu um desterritorializar linguístico que afetou a todos:

Papai, que ainda não encontrara trabalho, ajudava-a no que podia, com a casa e as crianças. E também, bastante, com os clientes, com quem conseguia se comunicar soavelmente, pois tinha um autêntico talento para línguas. Era um poliglota nato, já falava quatro idiomas, e aprendera um português razoável durante as três semanas a bordo do navio, e os três meses sozinho em São Paulo, antes da nossa chegada. Quanto a mamãe, fazia-se entender por mimica, e também, por incrível que pareça – com as freiras e os médicos –, em latim! [...]. E foi este o “quebra-galho” da mamãe, nos primeiros tempos. (Belinky, 2003, p. 82-83).

No processo de comunicação, todos os meios são úteis para que haja um entendimento entre as partes, nesse sentido, falar latim – atualmente, considerada uma língua morta – mostrou-se uma forma eficaz para estabelecer a comunicação, ainda que restrita à classe médica e ao clero. Além

do latim, a mímica era outro recurso útil na comunicação para se fazer entender sobre as necessidades básicas do cotidiano. Em sua biografia, Belinky afirmou que a mãe falava em polonês e iídiche com os imigrantes que procuravam os seus serviços no consultório.

Entretanto, saber a língua do país de inserção é vital para o estrangeiro que pretende se estabelecer no país, pois facilita o processo de adaptação e integração à nova cultura. O choque cultural é abrandado quando se pode dialogar com os nativos do país de acolhida:

A “nova” língua é vivenciada como meio de comunicação com o novo ambiente, e passa, imperceptivelmente, a deslocar a língua materna e estabelecer-se em “própria língua”. O imigrante clássico no Brasil vai aprendendo português, a fim de poder comunicar-se com os brasileiros, e, imperceptivelmente, passa a ser dominado pelo português, o qual passa a estruturar seus pensamentos, e, em consequência, a sua captação de mundo. (Flusser, 2007, p. 71).

Tatiana-russa sabia que quanto antes soubesse o português, mais depressa estaria integrada à nova cultura:

Tranquilizada, tratei de cuidar da minha vida. Eu precisava aprender português, com urgência. Felizmente, todas as aulas eram dadas em português, com algumas aulas de inglês por semana. Achei inglês fácil, porque tinha muita coisa parecida com o alemão, que eu falava bem. E quanto ao português, eu tinha a maior gana de aprender depressa. [...]. Meus pais já estavam inscritos em duas bibliotecas circulantes, uma russa e uma alemã, onde eu retirava livros para mim. Mas esta [biblioteca do Mackenzie] era brasileira, estava à mão, e tinha livros em português. E era disso que eu precisava, tanto para aprender o idioma como para entrar em contato com a literatura de língua portuguesa, para mim toda nova e desconhecida. (Belinky, 2003, p. 146-149).

Como dito anteriormente, Tatiana-russa usufruía das duas bibliotecas ambulantes: a russa e a alemã. Com mais o acesso à biblioteca da escola

americana, Mackenzie, ela aumentou seu cabedal linguístico. Na autobiografia, a Tatiana-autora mencionou figuras do imaginário russo, como o pilão de Baba-Yagá¹³, e incorporou vestígios lexicais de outros idiomas, com a intenção de se referir à forma como se falava em russo ou em alemão determinados objetos. Uma forma de aproximar o leitor brasileiro dessas culturas, como no excerto a seguir:

Em Hamburgo, ficamos uma semana inteira [...] E nesse meio tempo ficamos alojados numa hospedaria de emigrantes, cujo nome nunca mais esqueci: Ueberseeheim Hapag. A primeira palavra quer dizer “abrigo transmarítimo”. E a segunda era uma sigla, cujo significado não sei direito até hoje. Mas o nome da nossa companhia de navegação era incrivelmente comprido, e este eu não esqueci: Hamburgsuedamerikanische Dampfschiffahrtsgesellschaft. “Hamburgo-americana-do-sul Companhia-de-viagens-a-vapor”. Eu achava esse nome o máximo, parecia um trava-língua. (Belinky, 2003, p. 55).

Esse recurso também permitiu o contato com os idiomas maternos, pois, tratando-se de uma autobiografia que faz referência à infância, inferiu-se certa nostalgia nesses usos. Além desses, havia termos estrangeiros de outros idiomas, como o italiano (*dolce far niente*), o inglês (*tweeds, freezer, clown*), o hebraico (*shabat, seder*), o francês (*Mardi-Gras*). A escritura autobiográfica também apresentou um repertório extenso e heterogêneo da língua portuguesa, em que abundaram adjetivos, dando um tom nostálgico e lírico a certos eventos, como as visitas ao Rio de Janeiro. Na sintaxe, uma pontuação excessiva, em que as reticências se destacavam. Todo esse apuro linguístico, esse cuidado com a sintaxe e os vestígios de outros idiomas remetiam a seu conhecimento linguístico e denunciavam o seu nomadismo.

¹³ Personagem feminina de contos maravilhosos de origem eslava, no ocidente, assemelha-se à bruxa dos contos.

O hibridismo cultural

Os objetivos e o contexto social são determinantes na escolha das estratégias para lidar com as trocas culturais. Pela sua autobiografia, percebeu-se que o seu objetivo era de se integrar: ter acesso à cultura do país de acolhida, adaptar-se à nova situação o mais rápido possível, mas sem negar a cultura do país de origem. Essa situação apresentou-se de forma contundente quando a Tatiana-russa expressou a intenção de aprender o português com urgência, de forma a ter uma participação mais ativa no novo ambiente.

Nesse sentido, conforme Canclini (2003), a hibridização cultural é o resultado de um processo transitório em que o estrangeiro, com o passar do tempo, vai apreendendo os costumes da nova cultura de modo que eles se tornem hábitos incorporados, que podem ser visíveis, como tomar banho todos os dias: “Ele [Sam] nos fazia rolar de rir, quando imitava a mamãe mandando a gente ‘lavar os joelhos e ir para a cama’ – *ainda não havíamos adquirido* o estranho hábito brasileiro de tomar banho de corpo inteiro, todo santo dia...” (Belinky, 2003, p. 125, grifo próprio), ou fazer parte dos códigos secretos da pátria aos que Flusser referiu-se, como compreender uma ofensa ou uma ironia. Entretanto, esse processo não se deu numa via de mão única, pois se tratava de uma troca cultural. É o conceito de transculturação utilizado por Rama (1975) que prevê os deslocamentos culturais suscetíveis no processo de hibridização. Um novo fenômeno cultural pode surgir quando duas culturas estão em encontro/confronto. Nesse sentido, não se tratava apenas da substituição de uma cultura pela outra, como queriam os nacionalistas da década de 1930 e 1940; ainda mais que o Brasil na sua formação já não possuía uma cultura hegemônica (portugueses, autóctones, negros). As múltiplas nacionalidades que entraram no país, nas primeiras décadas do século XX, propiciavam

encontros/confrontos com várias culturas, de forma que o resultado seria um brasileiro híbrido. A língua era o único elemento que poderia dar unidade e coesão ao projeto de nação que o governo desejava.

A autobiografia apresentava situações em que a cultura judia-russa-letã da Tatiana-imigrante se encontrou/confrontou com as múltiplas culturas que se encontravam no Brasil. Com o convívio com outros estrangeiros e brasileiros, padrões de comportamento restritos a uma parcela da sociedade foram apreendidos pelo convívio com as outras crianças:

Mesmo entre nós dois, meu irmão e eu, tínhamos regras de ‘ética de briga’ bem definidas. Podíamos brigar, mas sem usar palavras – que aliás nem conhecíamos e só começamos a aprender com os meninos e os muros da Rua Jaguaribe, para depois aperfeiçoarmos estes úteis conhecimentos na escola alemã. E podíamos até chegar as vias de fato, mas sem os ‘golpes baixos’ proibidos [...] Na Rua Jaguaribe e na escola alemã esses ‘métodos’ eram moeda corrente... (Belinky, 2003, p. 142).

Tanto no bairro como na escola alemã, havia a necessidade de se defender de forma efetiva, seja por meio de ofensas verbais, seja por meio de agressões físicas. Segundo a Tatiana-narradora, esse tipo de comportamento era comum e necessário para se manter no grupo, Tatiana-russa precisava agir e expressar-se como eles. Na Rua Jaguaribe, não eram apenas as crianças que faziam uso de ofensas verbais, também os adultos, como se pode inferir pela expressão “e os muros da Rua Jaguaribe”. Inclusive no ambiente escolar, que deveria ser mais harmonioso, foi onde os “úteis conhecimentos” foram aperfeiçoados. Essa afirmação expressou uma crítica ao ambiente da escola alemã que se apresentava mais hostil que o da Rua Jaguaribe.

No Brasil, como meio de defesa, tratava-se de estratégias utilizadas contra as crianças que não faziam parte de sua família, já que ela e o irmão

tinham “regras de ética de briga” próprias; ou seja, para se relacionar com as crianças de São Paulo, ela e o irmão apresentavam um tipo de comportamento condizente com o grupo, já com os familiares mantinham o padrão cultural apreendido na Letônia. Dessa maneira, conviviam entre duas visões de mundo diferentes.

O comportamento dos estrangeiros em dias festivos também apresentava traços de sua cultura que conviviam com a cultura brasileira:

Samuca conheceu uma moça e casou-se com ela, na nossa casa mesmo. [...] E, depois da festa de casamento que papai e mamãe lhes ofereceram – modesta, mas muito, muito animada e barulhenta, na qual todos os convidados, como bons russos, comeram e beberam pra valer – os noivos partiram para a sua lua de mel. (Belinky, 2003, p. 129).

Dessa forma, o comentário como “bons russos, comeram e beberam pra valer” reforça o estereótipo de que os russos são beberrões – principalmente se associarmos ao que se sabe sobre o gosto por bebidas fortes, como a vodca – e comilões. Além disso, referiu-se a eles como barulhentos em suas comemorações, mais animados que os brasileiros. Não se tratava de uma crítica ao comportamento de seus conterrâneos, pelo contrário, a animação foi apresentada como um aspecto positivo da cultura russa.

Conhecimentos trazidos do exterior e incorporados à sociedade são outra forma de perceber a associação de uma cultura a outra:

Enquanto não aparecia esse trabalho papai produzia em casa mesmo... pérolas artificiais. Isso mesmo, pérolas de imitação, tipo “Maiorca”¹⁴, que ele fabricava,

¹⁴ As pérolas, segundo se diz, nunca saem de moda, sendo um acessório feminino desejado por muitas mulheres. No entanto, não são todas que têm condições econômicas para possuir pérolas naturais. As pérolas sintéticas satisfazem a necessidade daquelas que não têm condições de ter as autênticas – as produzidas no interior das ostras a partir de micro-organismos que ali se infiltram. Conhecidas como Maiorca, as pérolas sintéticas são produzidas em Palma de Mallorca, na Espanha, desde 1890, pela empresa Majorica.

banhando contas de vidro num produto que, precavidamente, trouxera da Europa. Era um líquido nacarado, chamado, em alemão, *fischsilberwasser* – “água de prata de peixe” –, feito, imaginava eu, com as escamas de um certo peixe, não sei qual. (Belinky, 2003, p. 125).

Tendo o conhecimento e o produto necessário para fazer pérolas sintéticas, o pai de Belinky trouxe o líquido nacarado para o Brasil, serviu-se dele como meio de subsistência econômica para começar a vida no estrangeiro. Esse partilhar de conhecimentos também propiciou a introdução de técnicas desconhecidas até o momento no país de acolhida. A mobilidade social favoreceu o compartilhamento de experiências e conhecimentos tecnológicos que foram bons para ambos os lados, tanto para quem os acolheu, quanto para quem foi acolhido.

Para que a integração seja satisfatória, o estrangeiro precisa se aprofundar no conhecimento da cultura do país que o acolhe. Nesse sentido, Tatiana Belinky referiu-se ao almanaque como fonte para conhecer algumas curiosidades sobre o Brasil:

[...] havia o anúncio do Biotônico Fontoura – “o mais completo fortificante” – ao qual, aliás, eu devo uma das minhas primeiras leituras em português: o *Almanaque do Biotônico Fontoura*, publicado pelo Laboratório Fontoura e Serpe, recheado, como convém a um almanaque, de coisas interessantes e informações curiosas sobre esse Brasil, ainda tão desconhecido para mim. Por seu intermédio, tive o meu primeiro contato com Monteiro Lobato, através da história de Jeca Tatuzinho, a quem conheci antes de ler as histórias do Sítio do Pica-pau amarelo, que iriam ter uma enorme importância na minha vida anos mais tarde. (Belinky, 2003, p. 121).

Na época, o *Almanaque do Biotônico Fontoura*¹⁵ era um folhetim de farmácia bastante popular, o qual tinha Jeca Tatu como personagem símbolo, criado por Monteiro Lobato. O almanaque era distribuído gratuitamente nas farmácias, o que facilitou aos estrangeiros o seu acesso. Além disso, como os colaboradores eram médicos, educadores, sanitaristas e intelectuais, o almanaque trazia, além de anúncios de medicamentos, informações úteis, como dicas para o cotidiano familiar, época apropriada para plantio, textos sobre a História do Brasil e os aspectos geográficos do país, bem como pequenas narrativas e poemas.

Por meio do personagem Jeca Tatuzinho, que ilustrou as páginas do folhetim, Tatiana Belinky teve acesso à figura do caipira, morador do interior paulista, considerado o brasileiro típico na época. O contato com esta criação do Monteiro Lobato antecedeu até mesmo o contato com o livro *Reinações de narizinho*, ao qual teve acesso na escola americana. Nesse trecho de *Transplante de menina*, Tatiana-narradora fez alusão ao que lhe ocorreria anos mais tarde, já adulta, quando adaptou várias histórias do Sítio do Pica-Pau Amarelo para a televisão, consagrando-se como roteirista de teatro infantil; ou seja, a atuação profissional de Belinky importa menos que sua infância nesse livro.

¹⁵ “O almanaque do Biotônico foi elaborado e ilustrado por Monteiro Lobato em 1920. Ele nasceu do tônico criado pelo farmacêutico Cândido Fontoura, natural de Bragança Paulista, que em 1915 levou a fórmula do Biotônico para São Paulo e este ganhou fama de ser um tônico capaz de mudar a vida, tornando-a mais cheia de energia, transformando apatia em desempenho, preguiça em vontade”. (Trizotti, 2008, p. 310).

3

Os espaços

Os espaços são imagens-lembranças contidos na memória, que, por sua invocação, são presentificados. Não existem no mundo “real” tal como eram nos anos 1920 e 1930, sendo atualizados pela narração. Na instância narrativa, as transformações dos espaços sociais apresentaram-se de forma mais contundente. Todos os acontecimentos fizeram parte de um tempo vivido, mas principalmente em diferentes espaços habitados.

A palavra *transplante* no título da autobiografia já induz o leitor a relacionar um órgão do corpo ao ato ou efeito de transplantar, pois é a definição mais popular, principalmente, após à difusão das campanhas para doação de órgãos. Entretanto, foi possível pensar na ideia de transplante usada por Belinky de duas formas: o transplante das recordações para um corpo narrativo, conforme Butler (2015, p. 55): “Na construção da história, crio-me em novas formas instituindo um ‘eu’ narrativo que se sobrepõe ao ‘eu’ cuja vida passada procuro contar” Entretanto, o “eu” narrativo de Belinky estava em outra temporalidade, a do tempo presente, por isso se apresentava renovado e experiente. Nesse sentido, estabeleceu-se a relação entre a condição de estrangeira de Belinky e o gênero narrativo autobiográfico que ela escolheu para registrar a fase de sua vida em que tantas situações lhe causaram dores e traumas.

A outra forma, talvez mais próxima do objetivo da Tatiana-autora, foi o uso da palavra *transplante* para promover a inter-relação de sentidos análogos a fim de caracterizar a transferência, não de um órgão do corpo, mas do corpo inteiro para outro espaço. Vale ressaltar que o transplante de órgãos também é caracterizado por uma substituição involuntária, cujo

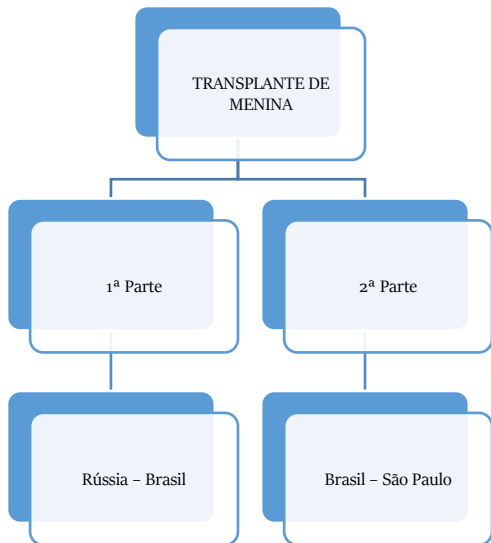
procedimento é efetuado devido à necessidade. Situação semelhante ocorreu com Belinky, sua vinda para o Brasil foi involuntária, foram as dificuldades econômicas e a situação política da Letônia que motivaram sua família a sair do país. Além de ter sido uma decisão tomada pelos pais; ou seja, uma decisão que não partiu dela, já que são os adultos que decidem pelas crianças.

Ao comparar a sua migração a um transplante, a Tatiana-autora antecipou ao leitor uma indicação sobre como se daria sua integração à cultura brasileira. A possibilidade de o corpo rejeitar um órgão é grande – a rejeição está relacionada às diferenças genéticas –, por isso se faz necessário medicação de imunossuppressores e tempo para a aceitação do órgão pelo corpo. No seu caso, a rejeição sofrida seria social, não biológica; contudo, a analogia é possível.

Na condição de estrangeiro, o indivíduo se estabelece em um novo espaço e necessita de tempo para se adaptar e se integrar à nova cultura. Durante o processo de des(re)territorialização, choques culturais e situações de enfrentamento podem ocorrer. A fim de amenizar essas situações, faz-se necessário negociar para ser aceito no novo país. É certo que o processo não é fácil, podendo ser, inclusive, traumático, como foi o de Belinky: “levei algum tempo até me ‘aclimatar’ e se acostumar com todas as coisas novas [...]. Às vezes isso foi relativamente fácil, mas muitas vezes foi difícil, duro e traumatizante” (Belinky, 2003, p. 10).

A autobiografia apresenta as circunstâncias e o processo de des(re)territorialização. Ao narrar suas memórias, a macroestrutura da narrativa foi organizada de forma a estabelecer uma relação com a ideia de transplante, visto que a narrativa foi organizada espacialmente em um antes e um depois da vinda da autora para o Brasil; ou seja, antes e depois do transplante, considerando que foi dividida em duas partes, conforme ilustra a Figura 1:

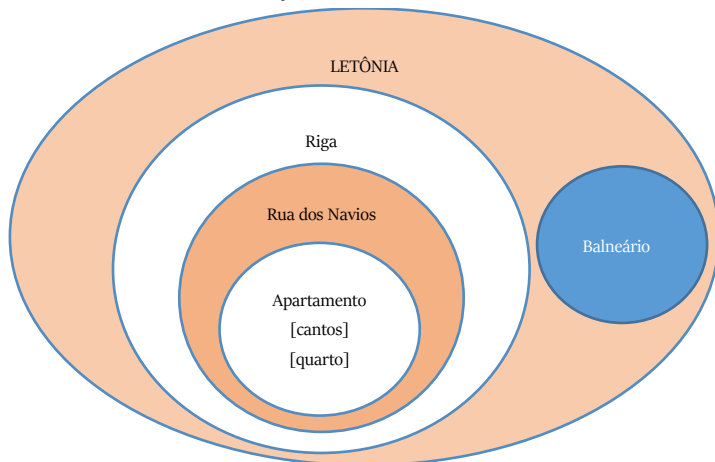
FIGURA 1 – ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO NARRATIVO



Fonte: criação própria.

No que concerne à “Primeira Parte, Rússia – Brasil”, foram identificados vários espaços dentro de um espaço geográfico maior, conforme ilustra a Figura 2.

FIGURA 2 – ESPAÇO FELIZ EM TRANSPLANTE DE MENINA



Fonte: criação própria.

Os espaços mencionados no país báltico apresentaram um afinilamento, do mais amplo ao mais íntimo. Vale ressaltar que se tratava de lugares físicos, entretanto, “alojados” na memória. Os espaços já habitados permanecem conosco, não importa para onde se vá, para lá eles também irão:

Não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão “alojados”. Nosso inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das “casas”, dos “aposentos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas. (Bachelard, 1988, p. 20).

Os espaços descritos na primeira parte da autobiografia possuem características que se assemelham muito com o que o filósofo Gaston Bachelard (1988) nomeou de *topofilia*, ou seja, de *espaço feliz*. Segundo o filósofo, é possível, por meio desses espaços, determinar o valor humano que lhes é conferido, porque, sendo espaços amados, possuem uma carga afetiva.

Por razões não raro muito diversas e com as diferenças que as nuances poéticas comportam, são *espaços louvados*. Ao seu valor de proteção, que pode ser positivo, ligam-se também valores imaginados, e que logo se tornam dominantes. [...]. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em especial, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protege. (Bachelard, 1988, p. 19).

Esses espaços louvados são manifestos por imagens de uma intimidade, incorporadas no sujeito que as profere, que as vivifica por meio da palavra. São imagens prenhes de uma afetividade profunda, enraizadas nas camadas do inconsciente. Torna-se, então, uma casa onírica; e não mais a casa natal: “O mundo real apaga-se de uma só vez, quando se vai

viver na casa da lembrança” (Bachelard, 1990, p. 75). Novos valores são agregados a essa “casa dos sonhos”, além daqueles agregados à casa natal; outros podem ser intensificados, como o valor de aconchego e proteção.

O geógrafo humanista Yi-Fun Tuan (2012, p. 19) definiu o termo topofilia como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”. Nesse sentido, ambos os conceitos de topofilia, tanto o de Bachelard quanto o de Tuan, complementam-se. Tuan propôs, entretanto, haver diferenças entre espaço e lugar, não sendo, portanto, simples caso de sinonímia. O espaço é desprendido, por isso se relaciona à sensação de liberdade, de amplitude; o lugar é o conhecido, por isso se relaciona à segurança, à afeição. “O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 2013, p. 14). O espaço que causa estranhamento no início, pode de modo gradativo se tornar um lugar, ou seja, as experiências vitais cotidianas podem gerar o sentimento de pertencimento. A afetividade de relações familiares, de amizade, de coleguismo permite novos atributos, por isso o espaço (antes estranho) torna-se lugar. O mesmo ocorre no processo de des(re)territorialização, em que, de forma gradativa, o indivíduo vai se familiarizando ao novo território até se sentir fazendo parte deste. De forma a dispor de ambas as conceituações, pois desse modo se ampliam as perspectivas de análise, adotou-se o termo “lugar” em referência a espaços íntimos e afetivos, e o termo “espaço” em referência a locais estranhos.

Considerando a condição de estrangeira e o que as memórias de infância representam, a Letônia foi o *lugar feliz* da escritora Tatiana Belinky, já que se trata de seu país de origem e os lugares louvados não ficam circunscritos à moradia. Houve também situações tristes ocorridas na Letônia, tais como: uma infestação de parasitas nos seus cabelos, o que fez com que sua mãe os tosasse completamente; a incineração de seus bichos

de pelúcia; a operação das amídalas; a morte de seu cão de estimação. Entretanto, pesando os prós e contras, os laços culturais a prendiam à terra natal, o que transpareceu em sua narrativa por meio da nostalgia. O apartamento na Rua dos Navios, onde viveu os dez primeiros anos de sua vida, foi seu lugar íntimo. São Petersburgo, cidade onde nascera, deu-lhe a nacionalidade russa; contudo, devido a ter saído de lá antes de um ano de idade, não chegou a ter afetividade por ela. Os laços que a prendiam a São Petersburgo foram os familiares e a língua, o que a fazia se considerar russa, e não letã.

Não obstante, na “Segunda Parte, Brasil – São Paulo”, apesar de a Tatiana-autora mencionar a relação afetiva com a cidade de São Paulo, praticamente não fez referência aos lugares íntimos na cidade paulista, como os vividos na Letônia. Logo à sua chegada, a cidade de São Paulo tinha sido um espaço desconhecido, pelo qual não sentia nenhuma afeição, apenas curiosidade; tratava-se de um espaço a ser explorado para adquirir familiaridade. Em sua maioria, os espaços referidos na autobiografia foram aqueles partilhados com os habitantes da cidade, como a Rua Jaguaribe, o centro, a Santa Casa, a igreja e as escolas, alemã e americana.

A segunda parte da autobiografia tratou justamente da exploração desse novo espaço para o qual foi deslocada. A Tatiana-autora engendrou, na composição temática, a transformação da cidade de São Paulo de “espaço” para “lugar”, à medida que passou a se ressignificar mediante as experiências ali vivenciadas.

Letônia: Rua dos Navios

Quando a história de vida de Tatiana Belinky iniciou-se, ou seja, quando ela começou a narrar os acontecimentos vivenciados no passado e não no tempo presente da escrita (prólogo), a Tatiana-narradora começou a narração fazendo referência ao inverno:

O frio que fazia em Riga, no inverno, não era brincadeira. A temperatura chegava a cair abaixo dos trinta graus centígrados, e nesses dias nós, crianças, ficávamos presas em casa, no apartamento, como passarinhos na gaiola. A gente só podia ficar espiando o lado de fora pelas vidraças enfeitadas por caprichosos desenhos de cristais de geada, que a gente esfregava para formar uma claraboia transparente. (Belinky, 2003, p. 12).

A imagem oferecida ao leitor o remetia a cenas de inverno em países onde são comuns a neve e o frio intenso, mas principalmente ao aconchego de um lar onde crianças estão à janela, cujo parapeito “a neve acolchoava de branco fofo e festivo” (Belinky, 2003, p. 19). Para habitantes de um país tropical que não conhecem a neve, essa imagem assemelha-se às ilustrações de cartões natalinos, por isso, por não fazer parte da experiência daqueles que nunca vivenciaram esse tipo de clima, a cena pode parecer exótica. Contudo, para os habituados ao frio intenso, “o inverno *evocado* é um reforço da felicidade de habitar. No reino da imaginação, o inverno lembrado aumenta o valor de habitação da casa” (Bachelard, 1988, p. 57, grifo do autor). Parece ser isso o que ocorreu quando a Tatiana-narradora descreveu a moradia da infância, pois é bastante evidente a afetividade relacionada ao apartamento na Rua dos Navios, primeiro lugar íntimo referido na narrativa. É nesse apartamento, na Letônia, que se concentraram os acontecimentos felizes: os momentos de intimidade da família. “A memória distante não se lembra deles [fatos] senão dando-lhes um valor, uma auréola de felicidade” (Bachelard, 1988, p. 72).

No apartamento, “uma das nossas distrações preferidas, no inverno, era ficar olhando pelas janelas – sempre fechadas, trancadas e mesmo calafetadas com tiras de papel [...]” (Belinky, 2003, p. 22-23). A janela tinha a função de proteger os moradores do rigor do inverno. Para um adulto, uma moradia bem aquecida no inverno traz a sensação de aconchego, de

calor humano, de proteção; quanto mais intenso o frio, mais aconchegante e seguro é o lugar que nos acolhe.

Na narrativa, o apartamento assemelhava-se ao ninho, o que foi reforçado pela metáfora criança/pássaro. No entanto, ao fazer referência ao sentimento de quando era criança, a Tatiana-narradora comparou a si e ao irmão a passarinhos, e o apartamento, a uma gaiola, inferindo-se que a vontade deles era de se aventurar no exterior da moradia. Como no Brasil, que, quando chove, algumas crianças são impedidas de brincar fora de casa. Tatiana-menina também teve essa experiência: “Já os meninos da rua podiam brincar na chuva e até ‘nadar’ na enxurrada [...]. Nós, nem pensar numa temeridade dessas: e o perigo da pneumonia?” (Belinky, 2003, p. 135). No Brasil, foram as chuvas torrenciais que obrigavam as crianças a permanecer em casa; na Letônia, tinha sido o frio intenso. Para ambas as situações, é o adulto que vê a casa como um abrigo contra as intempéries do tempo, e temem pela saúde dos filhos caso saiam de casa. A criança não se preocupa com essas coisas, o seu desejo é divertir-se por meio das possíveis brincadeiras que se pode fazer com a neve ou com a água da chuva. Para demonstrar que compreendia as crianças, neste trecho: “Por isso mesmo, anos mais tarde, os meus filhos sempre puderam tomar banho de chuva à vontade, nunca os impedi, antes pelo contrário...” (Belinky, 2003, p. 135), a Tatiana-adulta afirmou tomar uma atitude diferente da que era tomada pelos pais nessas situações, não reproduzindo certas ações.

Isso não invalidou o apartamento como lugar íntimo. As memórias felizes foram quase todas relacionadas ao apartamento: as maçãs assadas no frio congelante, as brincadeiras com os irmãos, os saraus improvisados pelo pai e a mãe, as dramatizações infantis. Essas atividades faziam parte do cotidiano, já que no tempo retratado ainda não existia a televisão e a família não dispunha de um rádio, conseqüentemente, os pais dedicavam

mais tempo às crianças e praticavam atividades de lazer das quais todos usufruíam. Anthony Giddens (2002) explicitou a importância dessa intervenção do adulto na formação da criança:

A criança pequena não é um “ser”, mas um “ser sendo”, que deve ser “chamado à existência” pelo ambiente educativo criado por quem cuida dela. A disciplina da rotina ajuda a constituir um “referencial” para a existência, cultivando um sentido de “ser”, e sua separação do “não-ser”, que é um elemento da segurança ontológica. Incluem orientações em relação a aspectos do mundo dos objetos que carregam resíduos simbólicos para a vida posterior do indivíduo. (Giddens, 2002, p. 42).

O ambiente educativo proporcionado pelos pais e a formação cultural europeia ajudaram-na a enfrentar as adversidades, ainda que os referenciais básicos, como vestimenta e idioma, constituídos para viver no ambiente da Letônia, se apresentassem, inicialmente, como marcas de diferença entre ela e as crianças da Rua Jaguaribe. A formação cultural de um indivíduo não está reduzida àquilo que é visível ou audível, há outras referências culturais simbólicas que moldam a personalidade de forma a se enquadrar nas necessidades e valores de sua cultura. No caso de Belinky, o gosto pela leitura, pela arte pictórica, pela dramaturgia, pela diversidade de idiomas, além da produção de artefatos manuais, tudo era indício de sua formação cultural prévia que contribuiu para a integração no Brasil.

Entretanto, mesmo na casa, as lembranças podem refugiar-se em outros lugares, aos quais retornamos durante os devaneios. Logo, é possível que no interior de um lugar possa haver lugares ainda mais restritos onde o indivíduo possa isolar-se do convívio social. Conforme afirma Bachelard (1988, p. 91), “O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta.

[...]. O espaço interior do armário é um espaço de *intimidade*, um espaço que não se abre para qualquer um”. Em *Transplante de menina*, um vão foi comparado a um armário:

Por exemplo, eu gostava de me meter no vão, de uns cinquenta centímetros de fundo, entre as duas portas da entrada do apartamento – porque a porta do *hall* do elevador também era dupla, como as janelas, [...]. Aquele vão era como uma espécie de armário, o lugar mais escuro da casa, e por isso eu me enfiava lá, com um pente de osso na mão, para fazer saltar faíscas do meu cabelo. (Belinky, 2003, p. 19).

Na descrição, a Tatiana-narradora comparou o vão a um armário para que o leitor brasileiro tivesse uma ideia aproximada de como se constituía este vão, pois não é comum no Brasil que a porta de entrada da moradia seja dupla. Na autobiografia, foram as semelhanças entre o vão e um armário que foi preciso levar em conta para apreender a relação entre eles. Em seu interior escuro, a Tatiana-criança brincava com a eletricidade estática: “Isso mesmo: o frio seco gera eletricidade estática, e o meu cabelo, basto e crespo, submetido a repetidas passadas do pente de osso, crepitava forte e soltava uma chuva de ‘estrelinhas’, fagulhas elétricas luminosas [...]” (Belinky, 2003, p. 19). As crianças costumam ser atraídas por locais, no interior da casa (como vãos, armários ou atrás da cortina), onde possam brincar de esconde-esconde ou fazer outros tipos de brincadeiras.

No trecho transcrito “eu me enfiava lá”, subentende-se um vão estreito. Nesse ponto, o vão assemelhava-se às características dos cantos apresentadas por Bachelard (1988, p. 145-146): “todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos, é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa. [...] ele é o local seguro, o local próximo de minha imobilidade”.

Outro lugar íntimo referido foi o quarto, mas este adquiriu importância na narrativa devido à existência de uma pequena claraboia que estimulava a imaginação da Tatiana-criança:

Outra coisa que eu gostava de fazer era *me* meter medo. Pois é, eu gostava de sentir um pouco de medo. Não medo de assalto ou violência verdadeira, como acontece no mundo agora, mas sim o medo do faz de conta, medo de fantasma, de ogro, de vampiro e outras bruxarias. E como de propósito, no nosso quarto, a minha cama ficava de frente para um quadrado negro e gradeado, pequeno, no canto superior da parede, junto ao teto – era algum respiradouro, claraboia, sei lá. O que sei é que aquele buraco gradeado que me servia às mil maravilhas para imaginar que, no escuro da noite, de lá sairia uma espécie de fumaça que se transformaria num gênio mau, como aquele da história das *Mil e uma noites*. (Belinky, 2003, p. 20).

O imaginário da Tatiana-criança era povoado por figuras da literatura fantástica, assim como lhe causavam medo, também lhe causavam prazer. Nesse caso, interpretou-se a claraboia como um portal para outro mundo, desconhecido, habitado por seres fantásticos. O quarto assemelhava-se à “casa-ninho” (Bachelard, 1988), pois mantinha a confiança da criança, ao mesmo tempo lhe permitia manipular o seu medo sem correr riscos. Inferiu-se que o hábito de estimular o imaginário poderia ser como um “objeto de transição [...]”, uma vez que são parte dos meios concretos pelos quais a criança passa do controle onipotente para o controle por meio da manipulação” (Giddens, 2002, p. 43). Controlar esse mundo “irreal” por meio da imaginação pode ser visto como uma inoculação emocional (Giddens, 2002).

Diferente do mundo fantástico que existia apenas no imaginário das crianças, havia outro mais próximo, visto através das janelas, que elas cobriam. Do quarto andar, via-se toda a movimentação do rio e o sobe e desce das três pontes que cortavam o rio Dáugava, que deságua no Golfo

de Riga, por onde navegavam grande navios cargueiros em direção aos “quatro cantos do mundo” (Belinky, 2003, p. 25).

O fato de as janelas do apartamento – onde a Tatiana-criança morava – darem para o rio Dáugava permitiu inferir o fascínio que o rio causava sobre o imaginário das crianças. Elas, confinadas em um lugar mensurável, mas próximas de outro que se perdia no horizonte. As janelas, assim como a claraboia, também podem ser vistas como um portal que deixava entrever um outro mundo. A posição da Tatiana-criança era, ao mesmo tempo, próxima e distante da cena, pois, como espectadora, não coparticipava do que passava na rua. De acordo com Tuan (2013, p. 40), as crianças “são seres pequenos em um mundo de gigantes e de coisas gigantescas que não foram feitas em sua escala”, por isso seu campo de visão é de baixo para cima. Morar no quarto andar do prédio, entretanto, possibilitou-lhe ver o cenário exterior sob outra perspectiva, via o mundo de cima. Um mundo a que podia ter acesso, mas apenas pela mediação de um adulto. Nesse sentido, inferiu-se que o apartamento e a cidade, o que era visto pelas janelas, estavam em oposição.

O apartamento era o lugar conhecido, seguro, que não oferecia mais surpresas para as crianças; o exterior, pelo contrário, oferecia a oportunidade de novas aventuras. O espaço exterior parecia exercer um fascínio sobre as crianças, pois a agitação externa, o vai-e-vem de carros e navios com destino desconhecido, apresentava uma vida pulsante em oposição à segurança proporcionada pelo lar. Contemplar os navios partirem em direção ao Golfo proporcionou mais que uma distração, também suscitou o desejo de conhecer espaços exóticos. Isso explicaria, num primeiro momento, por que a perspectiva de migrar foi bem recebida pela Tatiana-russa. Segundo Maffesoli (2001, p. 16): “O fato de querermos estar aqui e ali, o desejo e a insatisfação, a dialética constante contra a estática e a dinâmica”. Quantas vezes não teria, durante sua vida de imigrante, nos

momentos de devaneio, desejado retornar ao lar da infância, protegida pelas janelas que vedavam a hostilidade do inverno.

A paisagem vista das janelas era dinâmica, pois o rio transformava-se drasticamente conforme se alteravam as estações do ano. Essas mudanças de estado do Rio Dáugava, do líquido ao sólido, repercutiam no comportamento dos habitantes de Riga, que se viam condicionados cultural e economicamente.

A estação que causava as mais profundas alterações no cotidiano dos habitantes da cidade era o inverno. Logo, devido ao frio intenso, a água congelava, e os navios cessavam. Depois, com a chegada da primavera, vinha o degelo; e com ele situações inusitadas eram presenciadas da janela do apartamento:

Mas o espetáculo mais forte que o rio oferecia era, na chegada da primavera, o degelo. A temperatura ambiente aumentava, o gelo começava a derreter, o rio inchava, a água subia e, de repente, aquele “calçamento” duríssimo começava a rachar. Rompia-se em fendas, com estrondos que pareciam estampidos de alguma arma terrível – e a crosta de gelo, ainda profunda e dura, partia-se em grandes blocos irregulares que começavam a descer, atropelando-se na correnteza impetuosa do rio, rumo ao mar, com força total. E às vezes isso acontecia tão subitamente que arrastava o que encontrasse pelo caminho e até pegava de surpresa alguma criatura desprevenida que atravessava o rio naquele momento. Certa vez, vimos da nossa janela uma vaca sobre um bloco de gelo flutuante, mugindo apavorada e desamparada, levada inexoravelmente rumo ao mar. Que dó me deu daquela pobre vaquinha condenada a uma viagem fatal que não estava nos seus planos... (Belinky, 2003, p. 27).

O infortúnio da vaca que se encontrava em um bloco de gelo rumo ao mar bem poderia ser um prenúncio da emigração da Tatiana-russa. A vaca sobre o bloco de gelo também é relatada na biografia escrita por Roveri: “Os blocos de gelo rachavam e o rio ia levando os pedaços embora. Era um

espetáculo. Não me esqueço de uma vez em que eu vi uma vaca em cima daquele bloco de gelo. Coitada, ela estava atravessando e foi levada para o mar. Foi uma noite romântica aquela lá...” (Belinky apud Roveri, 2007, p. 42). As lembranças do degelo e principalmente da vaca podem ser consideradas memórias solidificadas, como definidas por Pollak (1992), por constar tanto na biografia quanto na autobiografia. Outro fator que se pode inferir que há nessa lembrança uma solidificação, propiciada pela forte impressão causada, é a expressão “Não me esqueço”; infere-se uma sugestão de empatia da Tatiana-narradora com a situação da vaca. Essa possibilidade intensifica-se ao interpretar o trecho já citado, “condenada a uma viagem fatal que não estava nos seus planos...”, já não fazendo referência à vaca, mas a si própria, que também faria uma viagem sem retorno. Devido às dificuldades de adaptação nos primeiros anos, a Tatiana-narradora subentende na narrativa uma condenação.

Logo após a menção à situação trágica da vaca, a Tatiana-narradora fez referência a outro evento que também indicava um prenúncio da migração e abre para outra possível identificação:

No último degelo a que assisti em Riga aconteceu uma coisa insólita: esse degelo foi tão forte, a correnteza da enchente foi tão violenta, que os enormes blocos de gelo soltos, na sua fúria indomável, simplesmente estouraram e arrancaram a ponte provisória, arrastando-a aos pedaços para o mar, diante dos nossos olhos atônitos e dos nossos ouvidos atordoados pelo estrépito daquela exuberância primaveril da natureza. Foi a nossa dramática despedida da primavera de Riga... (Belinky, 2003, p. 27).

Ambas as situações tratam da violência do rio Dáugava no período de degelo. Aquilo que se encontrava sobre o rio foi levado inexoravelmente em direção ao oceano. Diante da fúria da natureza, nem mesmo a intervenção humana – neste caso, a ponte provisória – havia sido capaz de

resistir. A Tatiana-narradora, mediante as reticências, deixou o evento em suspenso para que o leitor lhe completasse o sentido. O fato também foi descrito em sua biografia:

A terceira ponte, provisória, foi construída pelos alemães durante a Primeira Guerra Mundial, em 1914, quando o exército alemão passou pela Letônia. Minha última lembrança de Riga é desta ponte durante o inverno. O rio congelava e as pessoas e seus cavalos preferiam cruzar diretamente sobre ele. [...] O degelo da minha última primavera em Riga foi tão intenso que até a ponte foi levada. A ponte provisória, feita pelos alemães e que durou anos. Mas naquela primavera de 1929 ela foi arrancada e levada embora pelo rio. É a última imagem que tenho daquela cidade: a ponte sendo destruída e aquele barulho espetacular. (Belinky apud Roveri, 2007, p. 42).

Os dois excertos trataram do mesmo acontecimento, narrado pela mesma pessoa, e ainda assim contêm diferenças. O excerto autobiográfico foi mais detalhado e expressivo ao dar destaque à cena como algo incrível. Além disso, ao descrever a cena, a Tatiana-narradora mostra que suas impressões não se deram apenas pelo sentido visual, mas também pelo auditivo. Esse fato corrobora os estudos de Tuan (2012, p. 28) sobre o papel dos órgãos sensoriais para a percepção do homem sobre o ambiente que o cerca: “um ser humano percebe o mundo simultaneamente por meio de todos os sentidos”. O texto biográfico foi resumido e trouxe informações históricas, numa evidente preocupação em demarcar temporalmente os eventos. Talvez isso deva pela mudança de gênero, tendo o biógrafo a intenção de aproximar o relato das evidências históricas. Na autobiografia, a Tatiana-autora deu à sua narrativa uma característica mais lírica, mais literária.

Além do rio e os navios que atraíam a atenção das crianças, havia os passeios pelas proximidades, sempre acompanhados, a Tatiana-criança e o irmão, pela *Fräulein*, sua babá. Esses passeios eram tidos como pequenas

aventuras, pois podiam se aproximar dos navios que viam apenas à distância: “A *Fräulein* nos levava a pé até o rio, andávamos pela ponte de pontões, víamos os mastros e as chaminés dos navios passando na nossa frente, observávamos do parapeito os paquetes a bufar de lá pra cá, de cá pra lá. Ou íamos perambular pelas proximidades” (Belinky, 2003, p. 29).

No entanto, os navios não foram os únicos a excitar a imaginação das crianças. Durante os passeios com a *Fräulein*, às vezes iam até a Rua-do-Não-Sopre (nome dado pelas crianças), que ficava atrás do prédio onde moravam. Tratava-se de uma rua onde os prédios estavam em ruínas por causa de um tiroteio durante a Primeira Guerra Mundial: “Mas a gente gostava de passear na Rua-do-Não-Sopre, porque dava para imaginar toda sorte de coisas emocionantes que se passaram ali, dez, doze anos atrás, quando ainda nem havíamos nascido” (Belinky, 2003, p. 30). Inferiu-se que se tratava de um tiroteio durante a Primeira Guerra ao fazer uma estimativa temporal entre a experiência vivenciada e a idade aproximada da Tatiana-criança na época.

O transplante

Inicialmente, a mudança para o Brasil apresentou-se sob um aspecto positivo. A oportunidade de viajar, de conhecer um país diferente do qual nunca tinha ouvido falar, aos seus olhos era uma aventura: “Viajar para o Brasil! [...]. Um país que ficava na América, muito longe, do outro lado do oceano. E que nós íamos navegar até lá num navio transatlântico – que coisa romântica e empolgante! [...]. De qualquer maneira, fiquei muito excitada com a perspectiva dessa viagem [...].” (Belinky, 2003, p. 51).

Com a certeza da viagem, era o momento de saber mais sobre o país de destino: o Brasil. Para Michel Onfray (2009, p. 25), “o corpo se inicia nas experiências vindouras a partir de informações generalizadas. Toda documentação alimenta a iconografia mental de cada um. A riqueza de

uma viagem requer, a montante, a densidade de uma preparação [...]”. No entanto, na década de 1920, foram poucas as informações que se poderiam obter na Letônia sobre um país tropical como o Brasil.

A minha ideia do Novo Mundo não incluía a América do Sul: para mim, graças aos meus livros, América significava, por um lado, índios apaches e, por outro, os tais arranha-céus [...]. E do Brasil eu não sabia nada, ou quase nada. Na verdade, na minha cabeça, só duas coisas incluíam esse nome: um selo postal da coleção de papai, com a estampa de sacas de café e os nomes Santos e Brasil. E a letra de uma musiquinha em voga, que os adultos cantarolavam, e que dizia: ‘... e quando chegar o cruzador brasileiro, o capitão vos contará sobre as gueixas, a cínica (!) dança africana e o famoso holandês voador...’ Coisa sem pé nem cabeça, puro *nonsense*, que só serviu para me confundir ainda mais. (Belinky, 2003, p. 51).

Como no trecho transcrito, das informações obtidas, somente o selo trazia um fato concernente à cultura brasileira, o produto exportado pelo Brasil na época: o café, e a cidade portuária onde as sacas de café foram exportadas para outros países. A cultura do Café foi um dos motivos da aceitação da vinda de estrangeiros para o Brasil. As demais informações eram incorretas, pois não condiziam com a cultura brasileira, como as informações sobre países de clima tropical:

Durante a viagem, eu tinha ideia de que havia um país tropical à minha espera. Eu lia muito em alemão, tinha visto livros que não acabavam mais. Tinha lido que nos países tropicais as cobras andavam pelas ruas, isso quando havia ruas, além de macacos e feras, enfim, uma concepção completamente torta. (Belinky apud Rovey, 2007, p. 56).

Com tanta informação equivocada, não se poderia afirmar que a Tatiana-emigrante tenha se preparado previamente para o que encontraria no Brasil, pelo contrário, as informações obtidas serviram para aumentar

o estranhamento cultural. As únicas informações certas sobre o Brasil foram que daqui procediam as bananas que o pai comprava no mercado, no seu imaginário, “a banana aparecia em uma árvore grande, com dez metros de altura, e cada árvore dava apenas uma banana” (Belinky apud Rovey, 2007, p. 52). Além das bananas era conhecido que o Brasil, na época, era um grande exportador de café.

Entretanto, o desejo de viajar era grande. Nesse sentido, o transatlântico “General Mitre” atendia as expectativas de Tatiana-emigrante e de seus irmãos. Uma vez embarcados, a Letônia figuraria apenas na memória, é o que foi abandonado. O navio foi o espaço habitado por 22 dias durante a travessia do oceano Atlântico. Forma-se assim uma “extraterritorialidade” (Onfray, 2009, p. 37) que a família Belinky compartilhou com emigrantes de diferentes países e classes sociais, na esperança de uma vida melhor.

Para Onfray (2009, p. 35) espaços como aeroportos, navios e aviões são o entremeio entre o ponto de saída e o de chegada: “não mais no lugar deixado, ainda não no lugar cobijado. Flutuando, vagamente ligado a duas margens, num estado de ausência de peso espacial e temporal, cultural e social, [...], circulando nessa zona branca, neutra, [...]”. Não importa o meio de transporte, “a cabine de voo, o convés, o vagão e o assento são habitáculos que oferecem ocasiões de proximidade ou mesmo de promiscuidade, que forçam ao relacionamento ou obrigam à conversação. Nesse microcosmo comunitário tem lugar uma intersubjetividade limitada no tempo” (Onfray, 2009, p. 36).

As travessias realizadas no período, transportando levas de emigrantes europeus, apresentavam-se como oportunidades para trocas culturais, principalmente pelo tempo que demoravam para completar a viagem, forçando a sociabilização. De acordo com Sandra Pesavento (2008, p. 58),

Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. [...] o mundo do sensível é difícil de ser quantificado [...]. Ele incide justo sobre as formas de valorizar, classificar o mundo ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais.

Ao longo da narrativa, a sensibilidade apresentava-se de diferentes formas. Uma delas foi quando a Tatiana-narradora classificou os passageiros por sua condição social. Com o intuito de distinguir sua família dos demais, ela fez referência a um conjunto de códigos culturais de distinção social: a roupa, a linguagem, o comportamento, o grau de escolaridade.

A maioria das pessoas da terceira classe era gente do povo, camponeses, trabalhadores braçais, operários, gente pobre, fugindo da miséria e da falta de perspectivas da própria pátria, [...] Ninguém era como nós, gente de classe média, de nível universitário, como a mamãe, por exemplo. Vimo-nos de repente no meio de pessoas bem diferentes de nós, no aspecto, na roupa, nos modos de falar e se conduzir, e só isso já era o começo de uma aventura. [...] O capitão olhou para nós e logo percebeu que aquela não era uma família de operários ou camponeses. (Belinky, 2003, p. 57-59).

Com o término da travessia do oceano Atlântico, essa extraterritorialidade que se formou no espaço do navio se encerrava, bem como a comunidade que se tinha formado durante a travessia. Não houve raízes para esse tipo de relações, nem afetividades. Com a chegada ao Brasil, novas emoções prenunciavam-se. Nesse sentido, ao entrar na Baía da Guanabara, a visão do Rio de Janeiro apresentava-se como um cartão de boas-vindas aos imigrantes. A sensibilidade demonstrava-se na construção estética do texto, principalmente nas descrições. Dependendo do assunto tratado ou do espaço, a construção narrativa usava maior ou menor uso de figuras de estilo, o que ressaltou a valoração da Tatiana-autora

sobre os espaços. Além disso, segundo Pesavento (1999, p. 10), “o escritor, como espectador privilegiado do social, exerce sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores”.

Todo mundo correu para as amuradas, e ficamos olhando de longe aquela vista incomparável: a linha harmoniosamente curva da praia de Copacabana, toda faiscante no seu “colar de pérolas”, como era chamada, carinhosamente, a iluminação da Avenida Atlântica. Era uma feira de luminárias, postes de ferro estilosos, de três braços, como elegantes castiçais, sustentando grandes esferas luminosas e formando realmente um verdadeiro colar de três voltas, acompanhando a curva perfeita da praia. E atrás do “colar de pérolas” erguiam-se as silhuetas dos morros cariocas – Copacabana ainda não tinha prédios altos para esconder as montanhas, só havia casas, palacetes e jardins, e aquele bonito calçamento de mosaico português, imitando as ondas do mar que, esse sim, existe ainda hoje. (Belinky, 2003, p. 63).

Após a chegada definitiva ao Brasil, o primeiro contato com a cultura e o povo brasileiro ocorreu no Rio de Janeiro. A Tatiana-criança e sua família ficaram uma semana nessa cidade antes de se instalar em definitivo na cidade de São Paulo. Desse modo, foi no Rio de Janeiro que ela descobriu por que o Brasil havia sido considerado um país tropical e, para sua surpresa, viu que a banana dava em cachos: “Aquele cacho de bananas foi para mim o símbolo de... ‘Um país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza...’”. (Belinky, 2003, p. 67). A banana representaria a abundância e o exotismo da cidade que, para Belinky, era o paraíso: “E quando, muito mais tarde, eu soube que o nome científico da banana é *Musa paradisiaca* achei este nome muito justo e bem dado: tratava-se de fato de um fruto do paraíso”. (Belinky, 2003, p. 67). Para a Tatiana-narradora, o Brasil assemelhava-se ao paraíso nesse primeiro contato físico por meio da natureza exuberante do Rio de Janeiro na década de 1930.

Ao narrar as primeiras impressões sobre o país, a Tatiana-autora fez algumas relações intertextuais, como a música “País tropical”, composta por Jorge Ben Jor, na década de 1960, que já foi interpretada por diversos cantores brasileiros, dentre eles Wilson Simonal, Gal Costa e Ivete Sangalo. A música apresenta um tom ufanista, quase um hino à cultura brasileira, pois faz uma exaltação à natureza brasileira e à liberdade de viver satisfeito com o mínimo. Contudo, importa a intenção de Belinky em relacionar “País tropical” com a visão que os estrangeiros possuíam do Brasil: povo pacífico e feliz, paisagem exuberante, terra fértil que prometia uma vida próspera para os que aqui chegassem. Além da música, ela também comparou o Brasil a uma terra lendária mencionada em fábulas francesas e inglesas (Franco Jr., 1998), a *Schlaraffenland* (em alemão), também conhecida como *Cocagne*, que Belinky tematizou em seus livros:

[...] ninguém trabalhava, todos viviam refestelados e reclinados, na maior preguiça e *dolce far niente*, e as iguarias, os assados, os bolos, as frutas mais saborosas vinham voando sozinhos e se metiam de *motu próprio* na boca dos felizardos moradores daquela terra, que só tinham o trabalho de mastigar e engolir todas aquelas delícias... (Belinky, 2003, p. 66-67).

País onde ninguém trabalhava, o próprio alimento, farto, colocava-se na boca dos felizardos que morassem numa terra assim, tal foi a impressão que lhe causou ver tantas bananas juntas; sendo que se comia, em Riga, uma ou duas bananas por ano, a qual ainda era dividida com o irmão. A ideia de que o Brasil seria o paraíso, como a terra da *Cocagne*, uma espécie de terra prometida, disseminou-se com o imaginário construído pelos viajantes europeus que aqui estiveram desde o seu descobrimento. Na década de 1940, viajantes, como o escritor Zweig (1960), reforçaram essa ideia ao exaltar a natureza, o *modus vivendi* e o desenvolvimento do país:

Deu-se então minha chegada ao Rio, que me causou uma das mais fortes impressões de minha vida. Fiquei fascinado e, ao mesmo tempo, comovido, pois se me deparou, não só uma das mais magníficas paisagens do mundo, nesta combinação sem igual de mar e montanha, cidade e natureza tropical, mas também uma espécie inteiramente nova de civilização. Aqui havia inteiramente contra a minha expectativa, um aspecto absolutamente próprio, com ordem e perfeição na arquitetura, e no traçado da cidade, aqui havia arrojo e grandiosidade em todas as coisas novas e, ao mesmo tempo, uma civilização antiga ainda conservada de modo muito feliz, graças à distância. Aqui havia colorido e movimento; os olhos não se cansavam de olhar e, para onde quer que os dirigisse, sentia-me feliz. (Zweig, 1960, p. 4).

A realidade brasileira apresentada por Zweig parece quase idílica, e vai ao encontro da imagem que o Estado queria que repercutisse não apenas entre os que moravam no Brasil, mas também no exterior. O Brasil, na década de 1940, passava por uma ditadura, dessa forma, um discurso que exaltasse o Brasil como um Estado-nação em desenvolvimento que conseguisse unificar o povo, apesar de suas diferenças culturais, não deixava de ser uma propaganda positiva para o governo ditatorial de Vargas. De acordo com o historiador Hilário Franco Jr. (1998, p. 17),

O importante é que toda sociedade é, ao mesmo tempo, produtora e produto de seus imaginários. Logo, a verdadeira história, aquela que considera o homem na sua complexidade e totalidade, encontra-se na articulação entre a realidade vivida externamente e a realidade vivida oníricamente. Uma não existe sem a outra, e ambas constroem, juntas, os comportamentos coletivos, o suceder dos eventos históricos.

Essa realidade onírica, imaginada pelo escritor, foi influenciada por sua condição de judeu-austríaco errante, por causa da Segunda Guerra e a perseguição declarada aos judeus. Na impossibilidade de permanecer na sua pátria, a atmosfera pacífica que encontrou no Brasil – afinal, apesar

das diferenças, não havia um confronto armado – despertou sua sensibilidade para o que havia de bom no país, não levando em consideração os aspectos negativos. Ao contrário de Belinky que, com a integração ao novo espaço e residindo junto com o proletariado, percebia as diferenças socio-culturais que a população vivenciava.

São Paulo: Rua Jaguaribe

Por um lado, as memórias de Belinky trouxeram fatos importantes sobre a trajetória e o dia a dia dos imigrantes europeus que se instalaram no Brasil na década de 1930, especificamente na cidade de São Paulo. Por outro, observou-se que a intenção é enfatizar o choque cultural vivenciado em terras brasileiras, principalmente no convívio com as crianças da Rua Jaguaribe e da escola, conforme afirma no posfácio a Tatiana-autora: “E os meus primeiros anos no Brasil, em São Paulo, Rua Jaguaribe, foram uma verdadeira ‘pororoca’, um choque cultural, um terremoto psicológico” (Belinky, 2003, p. 159).

Segundo Maffesoli (2001, p. 16), “o próprio da mudança [...] é ser dolorosa e essencialmente traumática. Socialmente, ela se exprime através de tensões graves, e destruições de toda ordem a acompanham. É no vazio dessas destruições que se aninha a elaboração daquilo que está para nascer”. Os acontecimentos da infância na Letônia foram em sua maioria narrados em tom nostálgico, era a fase idílica da personagem. O transplante ocorreu num período de turbulência emocional: a pré-adolescência. A adaptação, nos primeiros anos, foi marcada por tensões agravadas devido à fase de desenvolvimento humano em que se encontrava, por isso se inferiu que os eventos de rejeição social atingiam, aos seus olhos, um grau de intensidade maior, pois a pré-adolescência, por ser um período de transição, é uma fase em ebulição. Como afirmou Janet Belsky (2010), é o momento em que o indivíduo começa a preocupar-se com a popularidade,

e eventos negativos podem afetar a sua autoestima, propiciando tormentas emocionais.

A partir da segunda parte da autobiografia, com a chegada de Tatiana à cidade de São Paulo, começou o período de adaptação. Inicialmente, criou-se uma expectativa sobre os novos espaços, pois a primeira cidade que ela havia conhecido foi o Rio de Janeiro: “Como é bonito o Brasil, pensei: primeiro aquele Rio de Janeiro maravilhoso, e agora este caminho tão pitoresco e belo. Eu só queria ver logo como era a cidade de São Paulo, onde íamos morar” (Belinky, 2003, p. 74).

No entanto, o Brasil é um país de paisagens e culturas diversificadas. Na época em que Tatiana chegou ao Brasil, São Paulo já se apresentava como uma metrópole. Sua paisagem urbana diferia muito da natureza exuberante do Rio de Janeiro, onde se viam os morros ainda com mata nativa, o que lhe deu a impressão de estar no paraíso. Por isso a primeira impressão que teve de São Paulo foi de estranhamento e quebra de expectativa:

Finalmente chegamos à Estação da Luz. E a minha primeira impressão de São Paulo, [...] foi uma rua de construções que me pareceram muito esquisitas: de porta na própria calçada, baixinhas, térreas ou de um andar só e que, a julgar pelas aparências, eram predominantemente lojas. (Belinky, 2003, p. 74).

A Tatiana-narradora, em comparação à descrição da cidade do Rio de Janeiro com adjetivos elogiosos e figuras de estilo, descreveu a cidade de São Paulo de uma forma objetiva, o que ressaltou o caráter comercial da cidade. Um olhar sobre a cidade que Zweig (1960, p. 173) pareceu compartilhar: “Para apresentar a cidade do Rio de Janeiro teria eu propriamente que ser pintor, e para descrever São Paulo precisaria ser estatístico ou economista”.

Ao chegar ao centro, em 1929, depararam-se com o prédio da *Light*, sede da empresa que fornecia energia elétrica, um dos símbolos de

modernidade da cidade. Os recém-chegados ficaram impressionados, pois não havia prédios altos em Riga, capital da Letônia:

Mas o que mais me impressionou naquela praça foi o edifício da “Light”, hoje Eletropaulo, que era o mesmo de agora, mas novo e bem tratado. E, mais importante, dominando a praça inteira, esplendorosamente branco-fosforescente, iluminado por todos os lados por possantes holofotes dirigidos diretamente para as suas fachadas – talvez para justificar o nome Light and Power, luz e força. E, para completar o deslumbramento, o prédio tinha, na cobertura, um enorme farol, cujo possante facho de luz varria todo o céu, de lado a lado, num vaivém lento e solene. Ficamos tão embasbacados com aquele espetáculo que papai até mandou o táxi parar, para que nós, crianças, pudéssemos apreciá-lo melhor. (Belinky, 2003, p. 76).

O local onde residiram por três anos, a Rua Jaguaribe, logo à sua chegada, não atendia as expectativas da menina. Diferentemente da Rua dos Navios, na Letônia, a Rua Jaguaribe foi descrita como uma rua grande, de cinco ou seis quadras, com casas baixas e geminadas: “casas que nos pareciam estranhas, com as janelas dando diretamente para a calçada, algumas até com portas de entrada abrindo direto para a rua” (Belinky, 2003, p. 79).

De acordo com Tuan, a perspectiva do visitante e do residente sobre o meio ambiente diferenciam-se. Entretanto, devido à capacidade de adaptação do ser humano, “Beleza ou feiura – cada uma tende a desaparecer no subconsciente à medida que ele aprende a viver nesse mundo. O visitante, frequentemente, é capaz de perceber méritos e defeitos, em um meio ambiente, que não são mais visíveis para o residente” (Tuan, 2012, p. 99). Dessa forma, com a familiaridade, o estranhamento causado pela arquitetura da periferia, com o tempo desapareceu, principalmente, por causa da afeição que passou a sentir pelo lugar: “Hoje – e já há muito

tempo, muito tempo – eu não trocava o Brasil por nenhuma espécie de ‘paraíso terrestre’ em qualquer parte do mundo” (Belinky, 2003, p. 11).

No primeiro mês, os pais e as três crianças ocuparam o mesmo quarto numa pensão que era mantida por um casal letoniense. Depois alugaram na mesma rua um sobradinho: “Era um apartamento de dois quartos, sala, cozinha e banheiro – pequenos, mas para nós, depois daquele quarto apinhado na pensão, aquilo era um luxo” (Belinky, 2003, p. 81). No andar térreo, havia um consultório dentário montado, que a mãe de Belinky assumiu como prático-dentista, já que possuía diploma universitário na área. Além disso, a família de Tatiana sublocou um quarto para outros imigrantes russos, estratégia comum praticada por imigrantes judeus como forma de sobrevivência (Blay, 2013). O pai, por não conseguir emprego, auxiliava a esposa, cuidando da casa e das crianças.

Nos três primeiros anos, a Tatiana-russa e sua família mudaram de residência por três vezes, todas na Rua Jaguaribe:

Ainda em 1930, mudamo-nos para a casa na esquina da mesma Rua Jaguaribe com a Rua Aureliano Coutinho, onde hoje se ergue um prédio de apartamentos, e lá ficamos até fins de 1933. Não foi uma simples mudança de residência, foi mais como uma mudança de *status*. A nova casa era muito maior que a primeira, isolada, com um bom quintal [...]. O gabinete dentário ficou bem instalado e eu ganhei uma cama só para mim, no quarto maior, junto com os irmãos. (Belinky, 2003, p. 134).

As mudanças de moradia ocorreram conforme a situação econômica melhorava. Desse modo, iam distanciando-se do centro de São Paulo e aproximando-se de uma zona mais nobre da cidade: “Na esquina em frente da nossa havia uma casa grande, ou melhor, um palacete: aquele ponto já era quase em Higienópolis, bairro de gente abastada” (Belinky, 2003, p. 136); até o momento que se mudaram definitivamente da Rua

Jaguaribe. Em vista disso, concluiu-se que as mudanças de residência estavam intimamente relacionadas à prosperidade da família.

Além das dificuldades econômicas, havia outras com que deviam preocupar-se. A vizinhança não era propriamente hospitaleira, mesmo habitando um bairro onde havia um número considerável de estrangeiros. Por narrar na primeira pessoa, foi pela percepção da Tatiana-russa que o narrador apresentou as experiências vividas, talvez por isso pareça que foram as crianças as mais afetadas pela mudança de país:

Na Rua Jaguaribe teve início, para nós, crianças, uma vida nova, que no começo foi muito difícil, por causa do idioma desconhecido, dos costumes desusados, do ambiente, do clima, e até da roupa que trouxemos conosco, especialmente a do meu irmão. [...]. Mas os meninos caçoavam dos nossos trajes, chamavam meu irmão de mariquinhas, perguntavam se aquilo era fantasia de carnaval... Nós nem sabíamos o que era carnaval [...]. (Belinky, 2003, p. 84).

A afirmação de que o processo de “transplante” foi difícil é constante na narrativa. Embora no início tenham estranhado o clima, os traumas não ocorreram devido a causas naturais, mas às intransigências do meio social. O “sistema simbólico” (Woodward, 2000), extremamente diferenciado entre os dois países, contribuiu para dificultar a adaptação, pois foram dois sistemas que, em algumas situações, apresentavam-se em oposição, como se comprova pela menção às roupas típicas da Letônia, usadas por Tatiana e seus irmãos. O desconhecimento do que seria o “carnaval” dificultou a compreensão até mesmo de uma ofensa, pois não compreendiam a migração de sentidos quando os meninos da Jaguaribe se referiram às roupas coloridas e folclóricas que vestiam.

Entretanto, os estranhamentos provinham de ambos os lados, pois a Tatiana-narradora fez referência à impressão de Tatiana-russa sobre as vestimentas dos meninos na época:

[...] os meninos da Rua Jaguaribe, quando se endomingavam, usavam “ternos”, miniaturas de roupas de adulto, só que de calças pelos joelhos, mas camisa, paletó e sapatos “de homem” – que eu aliás achava muito sem graça, feios mesmo, que os faziam parecer mais anões que crianças. (Belinky, 2003, p. 84).

Apesar de o bairro ser habitado por imigrantes de várias etnias, poder-se-ia pensar que a aceitação das diferenças foi um ponto pacífico; no entanto, a convivência harmônica entre as crianças da Rua Jaguaribe era algo, segundo o relato autobiográfico, impossível de ocorrer de forma permanente:

Ah, aqueles moleques da Rua Jaguaribe, como me lembro deles! Eles nos atormentavam, nos infernizavam a vida, e acho que nem era propriamente por mal, mas por puro instinto de... de quê? Exuberância infantil? Preconceito? Simples “espírito de porco”? Talvez. Embora muitos deles fossem *oriundi*, descendentes, e mesmo filhos, de italianos, alemães, sírios, portugueses, eles não perdoavam os “estrangeiros” novos, os “gringos”, e demonstravam o seu desagrado da maneira que sabiam, o que podia ser bastante desagradável e agressivo. (Belinky, 2003, p. 107).

Nessa passagem, a Tatiana-narradora demonstrou que não lhe era indiferente o tratamento dispensado a si e aos irmãos e se questionou sobre as atitudes das crianças da rua com os imigrantes em geral. Dessa forma, os conflitos existentes, nessa pequena parcela da população de São Paulo, já contradiziam a crença da convivência pacífica entre as diferentes etnias que habitavam o Brasil. Talvez por se apresentar na camada mais pobre da sociedade e por se tratar de crianças, a discriminação não era

velada; ao contrário, faziam questão de expor seu descontentamento com a inserção social de outros imigrantes na comunidade. As atitudes das crianças também podiam ser um reflexo do que os adultos pensavam sobre a chegada de novos imigrantes, afinal, tratava-se de aumento da concorrência para disputar os postos de trabalho nas fábricas, incipientes na época. As crianças seriam os porta-vozes de um preconceito existente na sociedade. Sem o conhecimento de formas simbólicas de discriminação, elas o faziam com o entusiasmo próprio da idade e da sua condição social:

Assim como eles [os moleques da rua] cantavam para nós “Alemão, bestalhão, come bosta com feijão”, provocavam do mesmo jeito o dono da venda de secos e molhados, gritando sempre que ele aparecia: “Olha o Fonseca, de bunda seca”. E o pacífico português ficava invariavelmente furioso, para grande alegria do bando. E nem o sapateiro italiano conseguia escapar das suas zombarias: “Italiano, carcamano, come bosta todo o ano” – era o refrão que ele tinha de ouvir, e ao qual revidava com uma bela enxurrada de “chumbo grosso” verbal, em italiano mesmo. (Belinky, 2003, p. 107, grifo próprio).

O “nós”, a que se refere Belinky, são ela e os irmãos, cuja origem era russo-letã. Dos povos da Europa Central e Oriental, os alemães foram os primeiros a emigrar para o Brasil a partir do século XIX; algumas cidades foram fundadas por eles na região Sul do país. Assim, na década de 1930, havia uma quantidade razoável de imigrantes alemães em São Paulo, os primeiros que os brasileiros conheceram com as características físicas dos povos da Europa Central. Contudo, o fato de tratar várias etnias como se fizessem parte de um bloco homogêneo, considerando apenas o tipo físico, foi uma forma de apagar as singularidades que lhes são inerentes. No caso dos imigrantes do Leste europeu, o que desagradava no refrão não foi somente a relação existente entre as palavras para rimar com “alemão” que causava um mal-estar, mas também a questão identitária que estava posta

em jogo ali. No caso do italiano, “carcamano” era uma forma depreciativa de se referir aos italianos e aos seus descendentes no Brasil.

Os moradores mais antigos, no caso os já estabelecidos, viam com reserva os imigrantes novos que chegavam para se instalar no bairro. De acordo com Elias e Scotson (2000, p. 174),

[...] às vezes, [aspectos migratórios da mobilidade social] são concebidos simplesmente como aspectos geográficos: tudo o que parece acontecer é as pessoas se deslocarem fisicamente de um lugar para outro. Na realidade, elas sempre se deslocam de um grupo social para outro. Sempre têm que estabelecer novos relacionamentos com grupos já existentes. Têm que se acostumar com o papel de recém-chegados que tentam fazer parte de grupos com tradições já estabelecidas ou que são forçados a uma interdependência com eles, tendo que lidar com problemas específicos desse novo papel. Muitas vezes lhes é atribuído o papel de *outsiders* em relação aos grupos estabelecidos e mais poderosos, cujos padrões, crenças, sensibilidade e costumes são diferentes dos seus.

A Tatiana-autora apresentou a Tatiana-russa, inserida no espaço da Rua Jaguaribe, como uma *outsider* que se empenhava em melhorar a sua situação. Mesmo com a pouca idade, ela percebeu a necessidade de agir em prol de sua aceitação social. Com esse objetivo, para amenizar as diferenças, a Tatiana-russa buscou uma aproximação por meio de negociações. Em um primeiro momento, essas negociações podem parecer um tanto pueris ao leitor; contudo, para uma criança de 10 anos, ela compreendeu logo que era necessário estabelecer um tipo de negociação de acordo com os interesses do grupo no qual tentava se inserir:

E para essa espécie de trégua muito contribuíram as minhas habilidades manuais, aprendidas em Riga com a nossa governanta. Por exemplo, eu sabia fazer os melhores e mais bonitos papagaios de papel de seda, papel-manteiga e varinhas de bambu de toda a Rua Jaguaribe. [...]. Mas acabei conquistando a

boa vontade de muitos deles, ajudando-os na feitura das suas pipas. (Belinky, 2003, p. 109).

Foi a sua condição de estrangeira que possibilitou essa negociação: artes manuais, que faziam parte de seu “capital cultural” (Bourdieu, 1998), ensinadas por sua *Fräulein*, na Letônia, possibilitaram essa aproximação. Entretanto, os momentos de paz não foram permanentes, pois tão logo seus conhecimentos não se faziam mais necessários, as hostilidades recomeçavam. Com a melhora da situação econômica da família, a Tatiana-russa passou a ter outros meios de adquirir a simpatia das crianças da Rua Jaguaribe:

Ganhei uma bicicleta, velho sonho finalmente realizado: eu era a única criança a ter uma bicicleta em toda a Rua Jaguaribe! E pela Rua Jaguaribe eu me pavoneava, orgulhosa, até “sem mãos”, porque sabia andar de bicicleta desde os cinco anos de idade, nos balneários do Báltico. A molecada da rua se roía de inveja, os garotos pediam para dar uma voltinha, e eu, magnânima, até deixava – com o que melhorou muito a minha situação política na rua. (Belinky, 2003, p. 156).

O sucesso obtido com as negociações demonstrou que as crianças não são tão inocentes quanto os adultos gostariam de acreditar. Desde cedo, percebem que o afeto pode ser “moeda de troca” para obter alguma vantagem de acordo com seus interesses.

Assim como na Rua Jaguaribe, nas escolas onde estudou no Brasil – uma escola era alemã e a outra americana –, ela também teve dificuldades de relacionamento com os demais. Com o intuito de diminuir o choque cultural, a primeira opção dos pais foi de matricular os filhos na escola alemã, onde ela e seu irmão permaneceram por três meses: “Só que aquela bonita, rica, bem instalada e bem equipada escola não foi nada boa para nós, meu mano e eu. Ela representou mais um dos grandes traumas do

nosso primeiro ano em São Paulo, e mesmo de toda a nossa vida de crianças” (Belinky, 2003, p. 139).

As relações interpessoais no ambiente escolar descritas na autobiografia não são positivas. Ao matricular os filhos na escola alemã, os pais tinham a intenção de amenizar o processo de adaptação, já que eles eram proficientes na língua alemã, contudo, essa escolha acabou por ser um desastre. Com a introdução de ideias antissemitas no Brasil, nos anos de 1920 e 1930, algumas experiências negativas vivenciadas pela Tatiana-judia e seu irmão no ambiente escolar foram devidas à situação política que o Brasil estaria enfrentando naquele período: “O que eu ouvi e aturei de xingamentos e desaforos naquele pátio, só eu sei: cheguei a ser acusada, em altos brados, até de ter crucificado Jesus Cristo...” (Belinky, 2003, p. 140).

Com a ascensão do nacionalismo, a entrada de imigrantes não era bem-visto no Brasil, principalmente judeus, insuflados pelas críticas antissemitas¹ difundidas pelo nazismo e pelo fascismo. Os argumentos dos regimes totalitários, na Europa, passaram a ser usados no Brasil. O nazismo e o fascismo só fizeram aumentar a perseguição aos imigrantes judeus. “A mudança mais significativa no discurso relativo aos imigrantes judeus foi a transformação da religião em uma categoria racial e ao uso de novas formas de linguagem para relacionar um sentimento anti-imigrante amorfo com ideias antijudaicas amplamente aceitas” (Lesser, 1995, p. 100). O judaísmo era visto pelos brasileiros como uma característica racial, porque apenas os judeus eram adeptos do judaísmo naquela época; enquanto

¹ “Em geral, a onda antissemita no Brasil dos anos 30 é atribuída às transformações econômicas ditadas pela crise de 1929, às alterações no quadro político resultantes da fragilidade do Estado liberal, ao avanço das propostas autoritárias de cunho nacionalista, ao florescimento de publicações antijudaicas, à crescente presença de imigrantes judeus nas grandes cidades e às pressões advindas do aumento das levas de refugiados judeus que procuravam escapar desesperadamente do nazismo. A conjugação desses fatores, em graus variados, fez com que esse grupo étnico fosse alçado à condição de problema no cenário brasileiro” (maio, 1999, p. 231-232).

o catolicismo e o protestantismo têm o cristianismo como uma raiz comum, além de ter adeptos tanto entre os brasileiros quanto entre os imigrantes.

Além disso, as aulas eram ministradas em alemão e a disciplina era rígida, com castigos corporais imputados pelos professores:

Mas o regime era duro, de disciplina rígida, “prussiana” mesmo. Por qualquer deslize, erro ou “pecado” escolar, as meninas levavam a maior descompostura pública e intermináveis tarefas de castigo. Mas era pior com os meninos: as faltas eram punidas – em pleno ano de 1930! – com os “réus” sendo chamados à frente da classe, para receberem... duas bofetadas no rosto, diante de todos os colegas. Plaft! Plaft! Uma bolacha em cada bochecha! (Belinky, 2003, p. 140).

Na época, não havia a proibição de castigos corporais no ambiente escolar, por isso os professores batiam nos alunos, que, por sua vez, reproduziam o comportamento dos professores no intervalo das aulas, isso mostra que a violência gerava mais violência. Uma forma de controle dos alunos pelo dispositivo escolar que trazia mais resultados negativos que positivos.

Esses intervalos foram de absoluta agonia para a Tatiana-russa e seu irmão: “E quanto a mim, caçoavam da minha roupa, provocavam, me insultavam – e eu tinha de me defender dessas agressões, sem descuidar da defesa de meu irmão [...] Essa agonia durou cerca de três meses [...]” (Belinky, 2003, p. 141). Nesse excerto, a Tatiana-autora revelou um *ethos* responsável, corajoso e protetor, pois se apresentava corajosa ao enfrentar os colegas; e protetora ao não se descuidar da segurança do irmão, que estava sob sua responsabilidade. Além desses, também se apresentava como boa filha, consciente das dificuldades enfrentadas pelos pais: “Eu e o mano íamos suportando aquilo, porque não queríamos contar nada aos nossos pais, para não os aborrecer, eles que já tinham tantos problemas e

preocupações” (Belinky, 2003, p. 141). Por outro lado, esse excerto também revelou que os pais não tinham mais o controle total sobre a vida dos filhos a partir do momento que estes entraram para a escola. As atitudes das outras crianças se enquadrariam no que hoje se convencionou chamar de *bullying*, atitudes agressivas e intencionais entre pares, o que poderia ser evitado caso os filhos denunciassem as agressões físicas e psicológicas aos pais e à direção da escola. Ao não denunciar os ocorridos, a Tatiana-russa apenas fez aumentar a sua agonia e a de seu irmão.

Quando seu irmão foi agredido pela professora, os pais, que desconheciam os métodos disciplinares da escola, transferiram Tatiana e o irmão para a escola americana, anexa ao Mackenzie College. Nesta outra escola, o ambiente escolar apresentava-se completamente diferente da escola alemã; mas nem por isso se pode afirmar que não havia conflitos, visto que a animosidade era velada: “[...] Muitas vezes eu me senti solitária, isolada, rejeitada – sem violência, sem agressões diretas, sem palavras ásperas –, mas mesmo assim rejeitada, como demonstram alguns incidentes que tiveram lugar durante os meus primeiros meses na Escola Americana” (Belinky, 2003, p. 144).

São as diferenças culturais entre os dois países que geraram os conflitos identitários entre a Tatiana-russa e seus irmãos e as crianças da Rua Jaguaribe e da escola. Mesmo com as negociações realizadas, persistiam as diferenças culturais que a Rua Jaguaribe abrigava:

[...] entre as crianças da Rua Jaguaribe percebiam-se três classes sociais bem delineadas e separadas até por uma latente animosidade: os (poucos) meninos “bem”, paulistanos antigos – que provavelmente hoje seriam chamados grã-finos; os (também poucos) estrangeiros, da *intelligentsia* europeia, como nós; e os meninos da rua, da classe média baixa, ou mesmo “proletária”, mais ou menos pobres, brancos, negros, morenos, muitos deles filhos de imigrantes italianos, sírios, alemães. (Belinky, 2003, p. 137).

No entanto, nem tudo era somente desgosto e tristeza. Um novo espaço sempre demanda a realização de um reconhecimento, não apenas das instituições, mas também dos habitantes. Quando morava na Letônia, a protagonista não tinha idade suficiente para fazer sozinha incursões nos arredores. Os passeios realizados sempre foram acompanhados por um adulto. No Brasil, tendo já certa idade, ela tinha licença dos pais para passear nas proximidades. Dessa forma, como uma pequena *flâneuse*, ela saía a fazer incursões pelo bairro e “tomar contato” com o novo ambiente:

Voltemos agora para a Rua Jaguaribe. Lá, eu podia passear sozinha e desacompanhada, até mesmo sem os meus irmãos – quando não estava tomando conta deles, bem entendido. E eu passeava mesmo, partia para toda sorte de aventuras, naquele breve percurso que na época me parecia muito grande, a rua mais longa dos meus dez aninhos e meio, e a mais “diferente” também. (Belinky, 2003, p. 104).

Antes da Rua Jaguaribe, foi a Rua dos Navios que ela conheceu mais intimamente. Em Riga, a Rua dos Navios ficava longe do centro, do outro lado do rio, por isso, com características mais residenciais. A Jaguaribe, pelo contrário, ficava próxima do centro de São Paulo e o primeiro sobradinho, onde morou, era vizinho à Santa Casa de Misericórdia e ao Largo do Arouche, locais com grande movimentação de pessoas. Além disso, a Rua Jaguaribe está situada na Vila Buarque, que, na época, acolheu imigrantes de várias nacionalidades, pois havia pensões e um pequeno comércio:

Quanta coisa curiosa, quantas atrações essa rua tinha para nós, meu mano e eu... A gente explorava de ponta a ponta, às vezes juntos, outras vezes eu gostava de sair sozinha, investigando o que havia por ali. Eram tantas coisas que eu não conhecia... (Belinky, 2003, p. 92).

A Tatiana-exploradora saía pelos arredores. Suas explorações não se atinham somente à Rua Jaguaribe, como uma pequena *flâneuse* à Baudelaire (Benjamin, 1991), ela observou o comércio local e o comportamento dos moradores dando um retrato da cultura social da época. Além disso, ampliou o território de observação: penetrou em instituições como a Santa Casa e a Igreja do Coração de Maria. Suas caminhadas eram pequenas aventuras em terreno desconhecido.

a) Os pregões

Passados os anos, entretanto, as explorações serviram de material para o narrar autobiográfico, como os pregões do comércio ambulante que atraíram a atenção da pequena espectadora:

Uma coisa que eu gostava na nossa rua eram os pregões. Não existia isso lá na cidade de Riga, pelo menos não na nossa Rua dos Navios. Todos os dias, passavam pela Rua Jaguaribe diversos ambulantes, vendendo toda sorte de coisas, de porta em porta, e anunciando a sua chegada com gritos e ruídos característicos. Lembro-me bem das diferentes “melodias” dos seus pregões, posso cantarolá-los ainda hoje, mais de sessenta anos depois. (Belinky, 2003, p. 111-112).

O vendedor ambulante, que oferecia seus serviços ou mercadorias de porta em porta, usava o pregão como meio de comunicação para chamar a freguesia. Era comum ouvir os gritos dos ambulantes, que criavam seus próprios pregões², que acabaram por se tornar uma característica da cidade de São Paulo nos primeiros anos do século XX. No Brasil contemporâneo, os pregões continuam, porém, alguns vendedores fazem

²Entretanto, não era uma prerrogativa da cultura brasileira. Em Lisboa, há registro dos pregões saloios como eram conhecidos desde o século XIX. Entretanto, os produtos que vinham nas naus da Índia eram apreoados desde o século XVI. No livro *Cancioneiro Popular Português* (1981), de Giacometti e Graça, há registro de vários pregões coletados no comércio popular.

uso de meios eletrônicos para oferecer sua mercadoria, por exemplo, o uso do alto-falante e o som do carro. Os pregões mais comuns são o carro do sonho no Paraná; as pamonhas de Piracicaba em São Paulo; as bolachas Globo e o mate com limão – os mais tradicionais – no Rio de Janeiro; além de uma profusão de ambulantes oferecendo desde alimentos a vestuário nas praias, alguns criam pregões para se destacar dos demais. Os ambulantes atuam no litoral e nas ruas de comércio do Brasil. Os jingles, criados com o propósito de divulgar uma marca ou um produto, são uma variedade do pregão de antigamente. Com letra e melodia simples, de curta duração, esses pregões modernos são fáceis de memorizar e valem-se do rádio e da televisão para se propagar. Os jingles também são muito utilizados em campanhas políticas para promover um candidato, geralmente, utiliza-se de um carro que circula pela cidade, aparelhado com som e alto-falantes. É uma forma de publicidade que se vê com mais frequência no período eleitoral e tem dado resultados positivos a muitos políticos.

Pode-se observar que, pelas informações contidas na autobiografia, a Tatiana-autora tinha a intenção de informar ao leitor, não apenas como era sua vida, mas também como era a sociedade paulista de antigamente. Os estrangeiros que não conseguiam se empregar nas indústrias se dedicavam ao comércio: ofereciam suas mercadorias em lojas apertadas, ou através do comércio ambulante.

O texto apresentou-se bastante informativo, pois ela reproduziu alguns pregões, como o do português das laranjas, o da peixeira portuguesa, o do amolador de facas russo, e fez referência a muitos pregões de vendedores ou prestadores de serviços, sempre carregados de forte sotaque estrangeiro:

Um pregão que nos primeiros tempos me deixava muito intrigada, porque tinha um som que lembrava o linguajar letoniano, do “povão” lá de Riga, mas

que, para mim, não significava nada. Eu o ouvia assim: “Quêeeetinhapamôoo!” O que poderia ser isso? Um dia, acabei descobrindo o que era: pamonha quentinha – “quentinha, pamonha!” (Belinky, 2003, p. 112).

Como também era estrangeira, conseguia distinguir os vários acentos estrangeiros e, assim, a Tatiana-russa identificava a nacionalidade do ambulante: “Passava o amolador de facas e tesouras, com a sua roda de pedal, anunciando-se não com palavras, mas com uma gaitinha de boca, da qual tirava um som de ‘ida e volta’: piriliiin-pirilaaaam – e quando falava, era com o forte sotaque russo, que ele era” (Belinky, 2003, p. 112).

A tendência na época era de generalizar as nacionalidades: “Com sons e sem palavras vinha também o imigrante sírio – mas que era chamado turco –, o mascate, sobrecarregado de bugigangas, batendo uma típica matraca, instrumento *sui generis* da sua profissão, sempre bem-recebido pela mulherada da Rua Jaguaribe” (Belinky, 2003, p. 112). Em seus estudos sobre os imigrantes, Seyferth (1990) confirmou que a atividade comercial era peculiar aos imigrantes sírios e libaneses – os quais se dedicavam ao pequeno comércio de tecidos e armarinhos, por isso o sucesso com a “mulherada” – e, no que diz respeito a essa generalização étnica que a Tatiana-narradora mencionou, esses comerciantes ambulantes eram chamados de turcos, uma identidade imposta pelos brasileiros a qualquer imigrante de origem árabe, uma forma de apagamento das singularidades étnicas.

Mesmo após tantos anos, a Tatiana-autora recordava-se dos pregões que havia ouvido na infância. Ao referenciá-los na sua narrativa, ela manteve os vestígios de uma forma de comunicação que mescla necessidade de sobrevivência com criatividade musical.

O pregão também apareceu na obra de outro escritor, o qual fez uma alusão ao gênero popular. Mário de Andrade aproveitou a musicalidade inerente aos pregões, dando-lhe outra finalidade. Em *Pauliceia Desvairada*

(1922), “a preocupação em refletir o nacional e transfigurar o popular moldara o trajeto de arlequim de *Pauliceia desvairada* em 1922, no crivo crítico de elementos de várias estéticas, compondo várias camadas de significação [...]” (Lopez, 2013, p. 153). Nesse livro, Mário de Andrade fez uso de um fragmento da paródia do Hino Nacional, de uma marchinha carnavalesca, bem como do pregão da batata-doce assada, segundo Lopez (2011), para a criação poética do poema “Noturno”. Essas apropriações e transfigurações consolidam “uma poesia franqueada à contribuição popular, no escopo de demolir fronteiras” (Lopez, 2013, p. 153). Em suas viagens ao Norte e Nordeste brasileiro, o escritor modernista coletou quadrinhas, parlendas, melodias e pregões durante suas viagens, que se encontram publicados em *Melodias de boi e outras peças* (2002), trata-se de uma publicação póstuma. O material serviria como exemplar genuíno da criatividade e musicalidade popular e para o seu fazer poético, tornando-se também vestígios memoriais da cultura imaterial popular.

b) A formação étnica

Os passeios não se limitaram à Rua Jaguaribe. Acompanhada dos pais, ela tinha acesso a outros espaços da cidade onde poderia continuar suas explorações. O que lhe permitiu passar por experiências diferentes das que ocorriam na rua onde morava.

Embora, na Rua Jaguaribe, o tratamento dado aos estrangeiros não fosse acolhedor – por vezes, até mesmo hostil –, no centro de São Paulo, o governo municipal criou mecanismos que facilitaram a locomoção e a inserção dos estrangeiros no espaço paulista, efetivando dessa maneira a hospitalidade de direito (Derrida, 2003). Assim, a Tatiana-estrangeira sentia-se mais acolhida no centro de São Paulo, porque este se apresentava mais hospitaleiro e preparado para receber os imigrantes do que a periferia, conforme o excerto a seguir:

Mas o melhor da Praça do Patriarca eram mesmo os dois cavalarianos, imponentes nos seus altos corcéis, estacionados quais estátuas equestres bem diante do viaduto, a encará-lo, sem se mexerem de lá durante horas e horas, sentinelas hieráticas e estáticas não sei do quê, contendo suas montarias, que pateavam impacientes, agitando as caudas e de vez em quando soltando no chão suas bolas de estrume, para alegria dos passarinhos. Os dois guardas montados ostentavam braçadeiras de várias cores, que eu soube logo serem as cores das bandeiras dos seus países de origem, cujos idiomas falavam, de modo que estrangeiros e turistas em geral podiam entender-se com eles, para orientação e informação. Um costume cordial e civilizado que a nossa cidade perdeu... (Belinky, 2003, p. 77).

Em vista disso, os estrangeiros usufruíram de condições especiais devido a uma política de governo que tinha interesse na vinda de imigrantes para o Brasil. Segundo a Tatiana-narradora, os cavalarianos eram imigrantes escolhidos pelo porte para desempenhar este trabalho. Atualmente, o Brasil está muito mais despreparado para receber os estrangeiros do que nos primeiros anos do século XX, pois, de acordo com que Rodrigues (2010, p. 142) afirmou, “a falta de um ambiente internacional nos grandes centros urbanos, que se refletiria em placas e indicações bilíngues e/ou trilingues em equipamentos públicos, gera dificuldades para os estrangeiros em geral que residem no país”. Como a maior parte da população brasileira fala somente o português, é difícil para os estrangeiros fazerem-se entender em território brasileiro.

Ainda sobre a estatura dos estrangeiros, o contraste com o porte físico do brasileiro não passou despercebido ao olhar aguçado da menina recém-chegada ao Brasil:

A propósito, uma das minhas primeiras lembranças – acho que foi até em Santos – é de uma tropa de soldados marchando atrás de uma banda militar. Eles

me causaram uma impressão de estranhamento: pareceram-me meio baixinhos, magros, e de coloração entre bege e marrom – eu não sabia nada da rica mistura étnica do povo brasileiro –, e o mais curioso era que eles andavam, ou assim me pareceu, não marchando, mas como que quase dançando... Muito diferentes dos “vikings” grandes espadaúdos, loiros e bem-nutridos, pisando empertigados e duros, lá de Riga. (Belinky, 2003, p. 78).

Considerando o interesse do governo em melhorar a raça, inferiu-se que a exposição dos cavalarianos na praça principal do centro de São Paulo não se devia unicamente ao desígnio de prestar informações aos estrangeiros, mas consistia também numa forma de embasar os argumentos para a vinda dos imigrantes. Os cavalarianos foram recrutados pela polícia por seu porte e altura, isto é, não bastava ser falante de um idioma estrangeiro, fazia-se necessário expressar fisicamente o modelo de imigrante que se desejava na época.

A coloração entre bege e marrom dos soldados brasileiros, observada por Belinky, era devida à miscigenação iniciada no período colonial, uma solução encontrada pelos portugueses para incorporar os indígenas e os negros em seus objetivos colonizadores.

Nesse contexto, as uniões mistas envolvendo a raça dominadora e raças dominadas tornar-se-iam a regra, predominando, dentre estas, a do branco com o negro, mais do que do branco com o índio, devido ao maior peso relativo da população africana, à sua maior resistência física e ao seu contato mais íntimo com o colono português. (Prado Júnior, 1972, p. 110).

Segundo Paiva (2013), no final do século XIX, não foram somente os aspectos econômicos que a política externa percebeu como positivo, a inserção do imigrante do Leste europeu, de preferência o alemão (Seyferth, 1990, 2002), no contexto nacional, foi visto como a possibilidade de igualar a sociedade brasileira aos padrões étnicos e sociais da Europa. Ou seja, a

mestiçagem brasileira iniciada na colônia não servia para a formação étnica que se desejava para a nação brasileira na década de 1930. Argumentos propostos por teorias eugênicas viam a possibilidade de “melhorar a raça” por meio da “introdução em massa de elementos brancos [o que] faria com que, num certo tempo, houvesse um *branqueamento* da população brasileira” (Paiva, 2013, p. 68). Nesse sentido, a figura imponente dos cavalarianos na Praça do Patriota, no centro de São Paulo, contrastava com a figura do brasileiro pobre.

O que eu também ainda não sabia era que o povo brasileiro, entre o qual era recrutada a tropa, já era subnutrido naquele tempo, razão da estatura baixa e da compleição franzina dos soldados. Já o andar dançante, aquele “jogo de cintura”, era algo que estava “na massa do sangue” dos brasileiros – outra coisa que eu viria a saber bem mais tarde. (Belinky, 2003, p. 78).

A interpretação sobre a situação do brasileiro com suas características físicas e sociais foi formulada mais tarde a partir de um conhecimento adquirido que pertenceu a um ser adulto. O “andar dançante”, que lhe chamou a atenção, tratava-se de um estereótipo que se apresentou como característico do brasileiro e marcou a percepção da Tatiana-narradora.

c) A Santa Casa de Misericórdia

A Santa Casa, por ser um hospital filantrópico, tem o caráter hospitaleiro e igualitário, não fazendo distinção de classe, credo ou raça. Na década de 1930, esse espaço apresentou-se como outro mundo, dentro da cidade de São Paulo, a ser explorado pela menina. Um mundo que recebia a todos que necessitavam de ajuda.

A primeira vez que a Tatiana-exploradora precisou ir à Santa Casa de Misericórdia, que ficava a poucos metros de sua casa, foi devido à necessidade de tratamento médico para a icterícia. Por esse motivo, ia à

Santa Casa tomar injeções, e ia sozinha, o que lhe dava “[...] uma sensação de independência, de ‘gente grande’, muito agradável” (Belinky, 2003, p. 85). Nesse espaço, ela teve contato com vários tipos de situações, porque, antes das injeções, perambulava pelas alas do hospital: “Então, ir para a Santa Casa era pra mim mais uma aventura – e bem maior do que eu esperava, na verdade. Porque, ao cruzar o grande portão da Rua Dr. Cesário Mota, eu penetrava num mundo fascinante, mas perturbador” (Belinky, 2003, p. 86).

Anônima entre as diversas pessoas que recorriam ao hospital em busca de cuidados médicos, ela presenciou as diversas enfermidades que acometiam as pessoas naquela época: “eram rostos devastados pela sífilis, horríveis de leishmaniose, que era chamada de ‘úlceras de Bauru’, tuberculoso escarrando sangue, gente com o terrível ‘fogo selvagem’...” (Belinky, 2003, p. 86). Atualmente, com o desenvolvimento da medicina, algumas dessas doenças já possuem tratamento satisfatório. Mesmo sendo criança, as pessoas mantinham uma atitude indiferente à sua presença, o que lhe conferiu o anonimato necessário para continuar suas explorações.

Um acontecimento, entretanto, fez com que fosse à Santa Casa somente quando indispensável:

Até que de repente me vi na porta de uma sala de consulta, onde se encontrava um grupo de rapazes, estudantes, rodeando uma mesa, sobre a qual estava sentada uma pobre mulher visivelmente muito doente. Seu rosto de coloração amarelo-suja era todo marcado e sulcado de rugas, o cabelo em desalinho, os olhos baixos. Mas o que me chocou mais foi que ela estava nua em pelo, e o professor que estava dando aquela aula prática explicava não sei o que aos moços, e tocava aquele pobre corpo esquelético sem a menor cerimônia – ou assim me parecia –, enquanto alguns daqueles rapazes riam e faziam, em voz alta, comentários que eu não entendia, mas percebia como um desrespeito e uma ofensa até aos meus próprios sentimentos. Que médicos eram esses, pensei comigo, que se comportam assim diante de uma pessoa pobre e doente?

Naquele dia, saí da Santa Casa deprimida, e depois disso nunca mais me atrevi a invadir uma enfermaria... (Belinky, 2003, p. 87).

O choque foi causado por presenciar a desumanização do ser humano representada pela atitude dos estudantes de medicina. A Santa Casa podia ser hospitaleira, mas o convívio diário desses estudantes com os pacientes promovia essa desumanização ao vê-los como objetos de estudos. Era a dessacralização da vida humana que se apresentou aos olhos da Tatiana-pré-adolescente, ao deparar com o aviltamento da condição humana, a impessoalidade em seu limite máximo.

d) Os templos religiosos

Em Riga, talvez lhe fosse impossível entrar numa igreja católica, já que sua família era judia, e ela ainda uma criança para ir até lá sozinha. Nesse sentido, as igrejas lhe despertaram a curiosidade:

[...] havia na “minha” rua mais uma instituição que me interessava e me intrigava muito. Era a Igreja do Coração de Maria, com o convento anexo. Igrejas, eu só conhecia algumas pelo lado de fora, lá em Riga. Eram muito antigas, seculares, de arquitetura gótica, com arcos em ogiva e torres pontiagudas, igrejas bonitas e, para mim, misteriosas. Mas eu nunca vira uma igreja católica, ou mesmo protestante ou ortodoxa, por dentro... (Belinky, 2003, p. 104).

No entanto, em São Paulo, ela gozou de alguma liberdade. Além disso, usufruía do anonimato possível nas grandes cidades, pois, na época, as cidades do interior eram menores, por isso qualquer forasteiro seria logo notado. O único inconveniente era de não a deixarem entrar por estar desacompanhada de um adulto, o que não ocorreu, de modo que ela se aventurou pelo interior da igreja. Essas pequenas aventuras lhe causavam impressões fortes que mexiam com seu estado interior:

Então, naquele dia, decidi entrar mesmo – “o que será, será!” – e dar uma olhadela. E foi o que fiz, depois de hesitar um pouco. Fui entrando pé ante pé, o coração aos pulos. [...]. Passei devagarinho entre as duas colunas e, como ninguém entre as pessoas que se encontravam ali sequer virou a cabeça na minha direção, fui entrando e olhando em volta. Era tudo muito novo, estranho, misterioso – o altar, as pinturas, as imagens, aquele silêncio solene, tudo aquilo me intimidava um pouco. Dei uma volta por um lado e saí pelo outro, bem quietinha, como entrei, sem entender muita coisa, contente por ninguém ter reparado em mim nem me ter dito nada: considerei que no mínimo escapara de um “carão” – menos mal, afinal de contas. (Belinky, 2003, p. 104-106).

Em datas religiosas, a movimentação que a Igreja do Coração de Maria fomentava na Rua Jaguaribe também despertou a curiosidade da Tatiana-exploradora, pois até o momento não havia presenciado uma procissão:

Eu já tinha presenciado coisas para mim meio estranhas, relacionadas com aquela igreja. Por exemplo, certo dia saiu de dentro dela uma porção de gente, padres e freiras, e mulheres de cabeça coberta por mantilhas de renda, e homens com faixas e braçadeiras, crianças vestidas de anjos e pessoas carregando padiolas – eu não sabia o que era um andor – com grandes estátuas de cabeças aureoladas e roupas coloridas, dramáticas, teatrais e suntuosas – ou era o que me parecia. E todos desfilavam em formação, entoando cantigas monocórdias: parecia algum tipo de festa, mas não me parecia alegre. Pois é, era uma procissão, eu nunca tinha visto uma, não sabia o que era, nem o que significava. Mas fiquei fascinada e intrigada com aquele espetáculo em plena rua. (Belinky, 2003, p. 105).

Esse ritual causou estranhamento à Tatiana-judia, pois havia os santos, algo que desconhecia. Como nunca havia presenciado esse tipo de cena na Letônia, os rituais católicos lhe eram desconhecidos, para ela, tratava-

se de costumes estranhos. Isso mostra que os rituais presenciados não tinham relação com os rituais judaicos dos quais ela já tinha participado ou presenciado. A procissão católica reverenciava os santos, porém, não expressava alegria; por isso, o que ela imaginava que deveria ser uma festa, devido à junção de pessoas e as roupas suntuosas dos santos, parecia-lhe um triste espetáculo. Assim, ela permanecia uma espectadora à parte do rito religioso, observando os hábitos e o comportamento dos que participavam, entre os curiosos, assim como ela:

Depois daquele dia, vi muitas procissões saindo da igreja, e vi os terríveis moleques da Rua Jaguaribe arremedarem a cantoria dos fiéis, entoando em coro, em altos brados, em vez de “Ave, ave, ave Maria”, simplesmente “Ave, ave, ave-struz!” – com uma desfaçatez que me chocava como, no mínimo, uma falta de educação escandalosa, tanto mais que os transeuntes tiravam os chapéus – todos usavam chapéus, palhetas, bonés – e se persignavam respeitosa e... (Belinky, 2003, p. 106).

Suas observações, nesse excerto, enfatizaram o desrespeito para com a religião dos outros, o que lhe pareceu como a não aceitação das diferenças; porque nem todos estavam ali pela fé católica, havia os “moleques” que gostavam de achincalhar os fiéis. Foi feita também uma referência a um hábito antigo, em desuso atualmente: os homens não saíam de casa com a cabeça descoberta. Em momentos solenes como esse, eles descobriam a cabeça, e as mulheres as mantinham cobertas com mantilhas, esses hábitos eram tidos como sinal de respeito ao santo.

Na infância, a Tatiana-judia conhecia apenas o interior da sinagoga de Riga: “[...] com seu altar de cortinas e os grandes rolos da Torá, com uma luz maravilhosa filtrando-se pelos vitrais...”; onde seus familiares foram assassinados durante a Segunda Guerra: “A velha sinagoga de Riga, onde iria perecer, assassinada pelos nazistas, junto com muitos outros,

grande parte de nossa numerosa família, velhos e jovens, mulheres e crianças. As mesmas crianças com quem eu e meu irmão brincávamos tanto [...]” (Belinky, 2003, p. 104).

A Letônia havia sido ocupada pelos nazistas entre 1941 a 1944, junto com outros países do Báltico. Foi no ano de 1941 que a Sinagoga Grande Coral, situada no centro de Riga, foi incendiada com judeus letonienses no seu interior. (Lumans, 2006). Pela forma lírica com que a Tatiana-narradora descreveu o interior da sinagoga de Riga, pôde-se inferir um estado de espírito melancólico, pois, como adulta, tinha consciência de que essa experiência nunca mais se repetiria, por isso a valorização da cena por meio da adjetivação. Além disso, a autora personificou a sinagoga quando afirmou que ela havia sido assassinada juntamente com os familiares, isso contribuiu para igualar o sentimento de perda dos entes queridos com o do templo, que foi totalmente destruído, sem a possibilidade de restauração. Com a morte dos familiares e a destruição do templo, devido ao nazismo, na biografia escrita por Roveri (2007, p. 35), a Tatiana-narradora afirmou que “depois que o partido nazista chegou ao poder na Alemanha e Hitler começou a invadir os países europeus, toda a nossa família e nossos amigos foram mortos, em campos de concentração ou fuzilados”; do que se pôde deduzir que os laços físicos que prendiam a Tatiana-russa à Letônia também foram extirpados, ficaram os laços imateriais como a língua, os costumes e as lembranças. Também na biografia constou que Tatiana Belinky havia retornado à Riga aos 45 anos, como turista. Mesmo após tantos anos, ela reconheceu a cidade da infância: “Mas, ao chegar lá, eu conhecia tudo. Eu dispensei o guia turístico, disse que não precisava dele. Saí sozinha fazendo turismo pelas ruas. Eu sabia andar pelas ruas, lembrava-me do apartamento em que a minha família morava”. (Belinky apud Roveri, 2007, p. 27-28).

A migração salvou Belinky e seus pais de irem para um campo de extermínio ou, até mesmo, de perecerem na sinagoga. Entretanto, mesmo não sendo uma sobrevivente de um campo de concentração, a narrativa de Belinky também é uma denúncia dos crimes nazistas cometidos contra os judeus da Letônia, uma forma de não serem esquecidos pelas gerações futuras.

e) Símbolos de modernidade

Na década de 1930, alguns símbolos de modernidade já faziam parte do cotidiano dos habitantes da cidade a alguns anos. A transformação urbana que se operava no país teve início com a instalação de indústrias geradoras de energia elétrica no final do século XIX, ainda no período imperial. A introdução da eletricidade, no Brasil, sob forma de iluminação e força motriz para o transporte coletivo e os fornos metalúrgicos foram a motivação necessária para o desenvolvimento da incipiente indústria brasileira, promovendo a modernização do país (Magalhães, 2000); embora, no início do século XX, a economia brasileira fosse agroexportadora, sendo o café o produto mais exportado. O desenvolvimento do setor industrial e o aumento significativo do proletariado (formado por imigrantes e brasileiros) promoveram uma necessária “renovação do espaço urbano, no início do século XX, anseio endossado e elaborado pela elite nacional [...] – e que foi acompanhada, entre outros efeitos, pela disseminação das aplicações da eletricidade” (Magalhães, 2000, p. 40).

A eletricidade associada à renovação urbana transformou São Paulo, em meio século, passou de uma província rural à cidade cosmopolita. Os signos da modernidade já se faziam presentes na cidade nos primeiros anos do século XX, por isso, quando a Tatiana-russa chegou ao Brasil na década de 1930, os habitantes citadinos já usufruíam da iluminação pública, do transporte coletivo feito por bondes elétricos, do rádio e do

cinema. Iniciava-se a construção de arranha-céus, pois já se podia chegar ao cume de elevador. Todos esses signos de modernidade necessitavam da eletricidade para seu funcionamento.

Para os estrangeiros europeus – não familiarizados com uma cidade que não possuía nenhum monumento com mais de quatrocentos anos –, São Paulo contrastava com as cidades europeias, como era o caso da Letônia. Dessa forma, o olhar do estrangeiro era mais aguçado para perceber as transformações, ainda não habituado às mudanças que estavam se operando na cidade desde o final do século XIX.

Na década de 1930, São Paulo estava se afirmando como grande centro urbano, ainda estavam presentes alguns resquícios do século XIX, como o “homem do lampião” que ainda se fazia presente nas ruas da periferia da cidade:

[...] a Rua Jaguaribe era fascinante: tinha até lampião de gás, devia ser uma das últimas ruas com essa iluminação, em São Paulo. E nós não nos cansávamos de ver o “homem do lampião” acendê-lo ao entardecer, com o foguinho que trazia na ponta de uma longa vara, e apagá-lo com a mesma vara, de manhã bem cedinho. Achávamos esse sistema muito mais interessante que a luz elétrica, dentro de casa... (Belinky, 2003. p. 92).

A figura que repetia as mesmas ações no final de tarde e início da manhã deu um tom nostálgico à autobiografia de Belinky. Tratava-se de uma profissão muito em voga no século XIX, mas, como outras, havia perdido sua razão de existir com o advento da energia elétrica, como bem ressaltou a Tatiana-narradora ao considerar que a Rua Jaguaribe devia ser uma das últimas a ter iluminação pública a gás. Portanto, o “homem do lampião” foi uma figura pitoresca da Rua Jaguaribe que atraía a atenção das crianças. A menção à iluminação dentro de casa, a qual os moradores

da Rua Jaguaribe já tinham acesso na época, revelou as contradições urbanas da cidade: luz elétrica no interior da casa e lâmpião no exterior.

Os bondes elétricos instalados pela *Ligth*, em São Paulo, em 1900 (Magalhães, 2000), tiveram destaque em *Transplante de menina* pela descrição detalhada dos bondes e pelas mudanças de comportamento dos hábitos citadinos. De acordo com as observações da Tatiana-narradora, os bondes também revelaram a estratificação social da cidade:

Duzentão era também o preço de uma passagem de bonde, na primeira classe, isto é, no carro principal, onde não era permitido entrar sem paletó e gravata, por muito calor que fizesse! Mas havia o carro-reboque, segunda classe, usado pelos operários e gente pobre em geral, cuja passagem custava só um tostão, e onde se podia entrar em mangas de camisa ou até de macacão de trabalho. (Belinky, 2003, p. 119).

Eles foram adaptados ao clima do país, por isso havia bondes abertos, embora também houvesse os fechados como os de Riga, fechados devido ao frio intenso da cidade. O fato de a maioria dos bondes ser aberto originou novos costumes: “E ver os ‘pingentes’ viajando no estribo, ou pessoas tomando o bonde andando e saltando dele também em movimento, era divertido e dava uma certa inveja, vontade de fazer o mesmo” (Belinky, 2003, p. 120). Também deu origem a um jargão metafórico para caracterizar certas situações, como “camarão”, o bonde vermelho, e “pingente”, passageiros pendurados ao bonde. Esse jargão, usado numa situação comunicativa determinada, desapareceu junto com a desativação dos bondes, por isso ele foi marcado por uma temporalidade. As palavras continuam fazendo parte do vocabulário, porém, em outros contextos, provocam outros efeitos de sentido.

O bonde também servia como veículo propagandístico:

Os bondes eram interessantes também por causa da propaganda que levavam – oficial e comercial. “São Paulo é o maior centro industrial da América do Sul”, era a frase que aparecia do lado de fora. E, dentro, havia cartazes e anúncios coloridos, que ficaram “clássicos”, como o famoso versinho do Rhum Creosotano: “Veja ilustre passageiro/ O belo tipo faceiro/ Que o senhor tem a seu lado / E no entanto acredite / Quase morreu de bronquite / Salvou-o o Rhum Creosotano”. Ou o cartaz representando só um olho enorme, com o aviso: “Assim como me vês, são vistos todos os anúncios deste bonde”. (Belinky, 2003, p. 120).

O discurso publicitário, conhecido como reclames comerciais, cujo tom era marcadamente injuntivo e bem-humorado, distraía os passageiros e buscava convencê-los sobre a eficácia dos produtos. Em vista disso, a modernização fazia-se presente não só no veículo tido como moderno, pois se locomovia com rapidez devido à eletricidade, como também pelo discurso publicitário de exaltação à cidade de São Paulo, considerada a metrópole brasileira. A exaltação à ciência médica fazia-se por meio de anúncios publicitários de elixires que prometiam a cura definitiva das doenças, como o Elixir Dória, para problemas digestivos, e o Elixir 914, para doenças venéreas. Os cartazes faziam-se presentes no interior dos bondes e em *outdoors* pelo Largo do Arouche e na Rua Jaguaribe, exaltando a ciência como cura para todos os males.

Assim como os bondes deram dinamicidade à cidade, o cinema e o rádio inseriram novas formas de passar o tempo ocioso. Esses hábitos passaram a fazer parte do cotidiano da família Belinky, semelhante aos lares brasileiros nessa época, o rádio teve um lugar de honra, num canto da sala:

Maravilha! Quanta alegria, quanta distração, quanta informação útil e importante nos trouxe aquela caixinha sonora! Com o rádio, aprendemos muito português, ouvimos notícias, e – o mais importante – entramos em contato

com a música brasileira, em especial a popular, para nós totalmente desconhecida. (Belinky, 2003, p. 132).

Para os estrangeiros, o rádio foi uma porta de acesso à cultura brasileira. Além disso, modificou os hábitos da família de quando moraram na Letônia, onde faziam saraus domésticos ou ouviam música na vitrola. No Brasil, mesmo com poucas emissoras, segundo a historiadora Lia Calabre (2004, p. 23), “Na década de 1930, [...] Buscando atrair um público maior, elas [as emissoras de rádio] apresentavam programas mais populares, com um ritmo dinâmico, prendendo melhor a atenção do ouvinte”. A finalidade do rádio era divertir, por isso havia vários gêneros musicais, cantados por cantores populares contratados pelas emissoras, como Carmen Miranda, Francisco Alves, Linda Batista, Mário Reis e Marília Batista. Na família Belinky, cada morador tinha sua preferência musical, pois o repertório radiofônico era variado: “uma verdadeira cornucópia de novidades musicais!” (Belinky, 2003, p. 133).

Devido ao rádio, para quem passasse em frente à casa dos Belinky, aquele poderia passar por um lar brasileiro. A importância do rádio para os estrangeiros não se deu apenas como um meio de aproximação da cultura brasileira, mas também, para a Tatiana-russa, foi um mecanismo mais hospitaleiro que o convívio com os vizinhos: “O rádio foi muito importante nos nossos primeiros anos de Brasil, quando vivíamos ainda muito isolados. Era divertido, instrutivo, alegre – e nos fazia companhia quando companhia era o que mais nos fazia falta” (Belinky, 2003, p. 133). Essa percepção coaduna com as afirmações de Eric Hobsbawm (1995) que viu o rádio como um agente socializador:

Pois o rádio transformava a vida dos pobres, e sobretudo das mulheres pobres presas ao lar, como nada fizera antes. Trazia o mundo à sua sala. Daí em diante, os mais solitários não precisavam mais ficar inteiramente sós. E toda a

gama do que podia ser dito, cantado, tocado ou de outro modo expresso em som estava agora ao alcance deles.

Outro divertimento que não fez parte da rotina na Letônia, mas passou a fazer parte da rotina dos Belinky, no Brasil, foram as idas ao cinema: “[...] havia o cinema do Largo do Arouche, o Cine Coliseu, uma sala popular, onde as pessoas iam levando bebês de colo, mamadeiras e sacos de amendoim. Não havia limite de idade para as crianças [...]” (Belinky, 2003, p. 133). Assim como o rádio, o cinema se tornou uma forma de lazer das massas. Local onde não havia a preocupação com a etiqueta, como se pôde perceber pelas observações sobre o comportamento dos frequentadores do cinema pela Tatiana-narradora: “O ambiente lá dentro era animado, crianças choravam, as pessoas fumavam e comiam amendoim, jogando as cascas em qualquer lugar, até do alto do balcão nas cabeças da plateia. E a gente se divertia à beça” (Belinky, 2003, p. 122).

Quando da chegada de Tatiana-russa ao centro de São Paulo, o edifício Martinelli, em fase de construção, também a impressionou. Iniciava nesse período a expansão e a verticalização da cidade de São Paulo, sendo o edifício Martinelli o primeiro arranha-céu da cidade:

A Praça do Patriarca também era baixa, rodeada de prédios de poucos andares, como aliás toda a cidade. O único edifício alto mesmo, o primeiro “arranha-céu”, não só de São Paulo, mas de toda a América Latina, era o Martinelli, de espantosos vinte e dois andares, que ainda estava em final de construção – e que por sinal também ostentava um farol poderoso, com seu facho de luz varrendo o céu noturno. (Belinky, 2003, p. 77).

No ano em que Tatiana Belinky chegou ao Brasil, em 1929, o edifício Martinelli contava apenas com doze andares, sendo finalizado apenas em 1934. Segundo Milton Parron (2004, p. 28), o prédio foi “símbolo de um tempo em que a cidade era tida como a locomotiva do Brasil, [...] marcou

o começo da verticalização de São Paulo, seguindo a tendência norte-americana que via os arranha-céus como símbolos de progresso”. Idealizado por um imigrante e projetado para ser “um monumento à vitória dos imigrantes no país e um marco na cidade”, não é por acaso que este prédio foi exaltado na narrativa, como se observou pelos adjetivos que o caracterizaram e pelo título que lhe fizeram referência. Em 1935, ele havia perdido o título de mais alto da América Latina e, em 1947, do de São Paulo.

A força da mão de obra estrangeira também fez parte da história da construção do prédio Martinelli. Em referência a isso, a Tatiana-narradora relatou a participação de um dos inquilinos de sua mãe na construção do prédio:

[...] estava ele trabalhado no vigésimo andar do prédio Martinelli, na parte elétrica de um dos elevadores, meio dependurado sobre o poço, como de costume, confiando na sua própria força e equilíbrio, quando se deu o imprevisto: o elevador deu um tranco, e o nosso Samuca simplesmente despencou no poço hiante daquele elevador, da altura de vinte e dois andares!

Não era para ele sair vivo daquele acidente – ou era? Quem sabe o anjo da guarda do Samuca se lembrou dele no último instante? [...]. (Belinky, 2003, p. 127).

A cidade de São Paulo, como a conhecemos hoje, deve muito ao trabalho dos imigrantes estrangeiros que a transformaram numa cidade transnacional. O maior prédio da época, em solo brasileiro, construído pela iniciativa de um italiano, com a mão de obra de um russo, além de outras nacionalidades que deviam também estar presentes na sua construção. São Paulo foi marcada pela diversidade em todos os sentidos.

Entretanto, uma cidade em desenvolvimento que atraiu tantas pessoas também possuía os seus vícios:

Outra vizinhança curiosa, também na calçada fronteira à nossa, era a de duas moças que eu achava lindas demais. Volta e meia elas apareciam na janela que dava para a rua, muito enfeitadas e maquiadas – “produzidíssimas”, como se diz agora –, cordiais e sorridentes de chamar a atenção. Ao contrário do casal alemão, elas recebiam muitas visitas, todos os dias, especialmente no fim da tarde e à noite, e eram sempre cavalheiros, moços e senhores de idades diversas. Eu as achava simpáticas, achava natural que elas tivessem tantos amigos, e só não entendia por que os adultos sorriam e trocavam olhares “impróprios para crianças” quando se referiam àquelas bonitas vizinhas... (Belinky, 2003, p. 138).

A partir das observações da Tatiana-narradora, inferiu-se que o ofício das “bonitas vizinhas” era a prostituição. Pelo relato, foi possível perceber que, na época, os adultos tinham o cuidado de não tratar de determinados assuntos diante das crianças. No entanto, a Tatiana-pré-adolescente mostrou-se muito observadora, pois mesmo com as dissimulações, ela percebeu pela troca de olhares que havia alguma coisa a mais que não estava sendo dita. Na sua inocência, no momento, não tinha o discernimento necessário para elucidar a situação; como Tatiana-adulta, já teve total entendimento do que se passava. Mesmo o assunto sendo a prostituição, por meio da ironia, a Tatiana-autora fez referência ao tema na autobiografia, deixando-o subentendido. Isso comprova que sua narrativa não tencionou para um caráter moralizante, pelo contrário, pois criticou situações que envolviam questões de gênero e mencionou temas tabus para a época que abrange a narrativa, como a prostituição.

Conclusão

A participação do estrangeiro permitiu uma formação singular da literatura brasileira, como é o caso de Tatiana Belinky, cuja percepção sobre suas próprias experiências e o processo de integração lhe serviram de material literário. Nesse sentido, pode-se afirmar que a autobiografia *Transplante de menina* não foi construída apenas de relatos de memória, mas também de arte literária.

Neste estudo, refletiu-se, embora de forma abrangente, sobre três pontos fundamentais e os seus desdobramentos na referida obra: a escrita de si, a condição de estrangeiro e os espaços – todos passíveis de uma análise mais aprofundada.

A autora Tatiana Belinky, por meio da autobiografia, partilhou de sua sensibilidade sobre os acontecimentos que lhe sucederam na fase de sua infância. Uma visão de mundo infantil que ela buscou reconstruir, no entanto, o que se apresentou foi uma visão híbrida: a de uma menina estrangeira russa com a de uma adulta neobrasileira. Nesse sentido, pode-se dizer que um dos aspectos que caracterizou a composição estética em *Transplante de menina* foi o hibridismo decorrente do processo de des(re)territorialização.

Na intenção de partilhar suas percepções e afecções com o leitor, a autora reconstruiu seu passado sob a forma de narrativa no final da década de 1980, quando estava com 70 anos. Belinky apresentou sua infância na Letônia e refletiu sobre sua condição de estrangeira no Brasil, ou seja, trabalhou com duas temporalidades, o lá (passado) e o cá (presente da escrita). Nesse vaivém, os tempos entrelaçaram-se. As fronteiras do tempo se tornaram difusas na construção do discurso, pois quis abarcar o

passado e o presente, de forma a transmitir sua experiência de vida para os novos imigrantes que chegam com a intenção de se integrar à cultura brasileira.

Nesse sentido, a escrita de si foi elucidativa. O exame de consciência como uma prática subjetiva que passou em revista experiências vivenciadas (Foucault, 1992; Rago, 2013; Butler, 2015) permitiu que Belinky tomasse consciência de si mesma. Ou seja, num movimento de dentro, olhar para si, examinar-se, pensar sobre si, e, para fora, reconstruir-se (Butler, 2015). A linguagem permitiu que se materializasse a reconstrução de um novo “eu”, de forma que se pudesse dialogar com um outro, o seu leitor. Na escritura de memórias, a figura do leitor foi importante, porque as escreveu com a intenção de deixar um legado, algo que fosse lembrado na posteridade. Assim imaginou um leitor virtual que lhe servisse de modelo (Eco, 1994). Primeiro, na apresentação, referiu-se a eles como jovens leitores; contudo, no posfácio, afirmou que a narrativa interessaria a qualquer tipo de leitor: estrangeiro, brasileiros, crianças, jovens e adultos.

Maingueneau (1993) definiu que a imagem que os leitores projetam de um autor é um *ethos* pré-discursivo e este pode influenciar na escritura, isto é, no ato da escrita, o autor leva em consideração a imagem que o seu público leitor faz de sua pessoa. Isso posto, ao reconstruir-se discursivamente, Belinky já possuía uma carreira reconhecida no meio literário, ou seja, uma função social definida no meio cultural literário, precisamente na literatura infantojuvenil. Seu público já tinha uma imagem de sua pessoa, uma imagem que foi construída por uma produção literária dedicada ao público infantojuvenil, a função-autor conforme denomina Foucault (2013). Nesse sentido, não foi apenas um “eu empírico” que escreveu, mas um “eu reconstruído” condizente com o que se esperava dela e o que ela esperava de si mesma, caso os dois “eus” sejam similares, será apenas coincidência.

A imagem de si (*ethos*) que Belinky construiu ao longo de sua carreira, ela deixou transparecer em suas entrevistas e em sua produção infantojuvenil. De acordo com Maingueneau (1993), o *ethos* é construído pelo discurso, o qual nomeou de *ethos* discursivo, sendo assim, *Transplante de menina* apresenta dois *ethos*: um infantojuvenil, a imagem da menina-adolescente; e um *ethos* adulto, a imagem da autora. As fronteiras entre esses *ethos* também são difusas, pois a forma como foi estruturada a narrativa, num jogo de lá e cá temporal, os *ethos* misturaram-se. Além disso, a autora dá a entender que algumas características da personalidade da menina permaneceram na mulher adulta.

Ainda relacionado ao leitor, um aspecto que chamou a atenção na composição estética foi o narrador, como concebeu Benjamin (2012). A autora foi uma contadora de histórias em vida, não pela percepção do leitor, mas pela competência discursiva verificada na sua narrativa. Ela sabia dialogar com o seu público, envolvê-lo, torná-lo participante, em suma, sabia como contar uma história. Uma história comum, desinteressante, pode se tornar uma boa história nas mãos de um contador competente, porém o inverso também poderá ocorrer. *Transplante de menina* é um conjunto de histórias sobre a percepção do estrangeiro que nas mãos de uma contadora competente ganhou em plasticidade e sensibilidade. A imagética e o lirismo apresentado, mesclado com a nostalgia e a melancolia, envolve o leitor, criando uma relação empática com as muitas *tatianas* que se apresentaram no discurso.

Transplante de menina conquista o leitor na sua aparente simplicidade. Não possui uma estrutura complexa, pelo contrário, sua macroestrutura marcada pelo espaço dialético, o antes e depois do transplante, permite que um leitor infantojuvenil não se perca no vaivém temporal, pois as histórias não seguiram uma ordem linear. O tema da

infância também permite a empatia, com seus percalços e aventuras, principalmente na aventura de cruzar o Atlântico e conhecer outro país. Entretanto, o leitor brasileiro cruzará o Atlântico em sentido inverso. Na sua perspectiva, acostumado com o clima tropical e familiarizado com os hábitos brasileiros, a Letônia também lhe parecerá exótica, com seu clima de frio intenso, com a neve presa no balcão da janela, com o rio e seu degelo. Já a nostalgia e a melancolia agradarão ao leitor mais experiente, pois talvez lhe faça lembrar da própria infância no Brasil de antigamente.

Transplante de menina possui um vocabulário variado: alguns vocábulos em desuso, algumas gírias, alguns vocábulos estrangeiros, alguns tabus. Na multiplicidade de termos, um leitor inexperiente poderia se perder na compreensão dessa cornucópia lexical, mas nada que o contexto não elucide. Para os leitores experientes, há as “piscadelas” textuais: os sentidos encobertos, as metáforas e as ironias que o leitor deve interpretar para compreender a obra. Em suma, a obra *Transplante de menina* foi realizada para alcançar e agradar vários tipos de leitores, escrita com a intenção de parecer um bate-papo da autora com o seu leitor, daí o caráter informal que a obra apresenta.

Para tanto, como se trata de um bate-papo cujo objeto de discursividade foram suas memórias, para textualizá-las, dois gêneros apresentam-se como os mais adequados para a empreitada: o gênero memórias e o gênero autobiográfico. Guardadas as semelhanças – ambos tematizam experiências vivenciadas –, importou refletir sobre suas diferenças e a relação existente entre esses gêneros e a obra *Transplante de menina*.

Segundo Gusdorf (1991a apud Silva, 2009), os limites entre os dois gêneros são difusos, ou seja, também possuem um caráter híbrido. No entanto, foi possível identificar algumas diferenças levando-se em conta as características propostas por Gusdorf (1991b, 1991a) e Lejeune (2014). Pode-se dizer que o gênero em *Transplante de menina* é híbrido, pois os

acontecimentos em que a reflexão e os juízos de valor se destacaram – no que diz respeito às relações sociais – privilegiaram as sensações e os sentimentos, dando um tom nostálgico e melancólico à narrativa. Esses momentos que representam a maior parte da obra, e a justificam, caracterizam-na como autobiográfica. Em *Transplante de menina*, os fatos históricos foram em sua maior parte silenciados, o que fez com que a gênese da personalidade da autora se destacasse. Cabe ao leitor resgatar e interpretar os silêncios político-históricos, municiado desse conhecimento a compreensão será aprofundada, atingindo outro nível de leitura. Caso o leitor não tenha conhecimento de mundo suficiente, a compreensão da narrativa não é comprometida, pois os dados sócio-históricos que a obra dispôs deram conta da contextualização necessária para a sua interpretação. Nesse sentido, contribuíram para a verossimilhança dos devires-outros da autora, adquirindo maior relevo quando apresentado o devir Tatiana-exploradora, pois, nesses momentos, a modernização da cidade de São Paulo ganhou destaque na narrativa.

Pensar sobre o papel da memória na construção da narrativa foi fundamental, visto que foi em suas memórias de infância que Belinky buscou material para a escrita de si. As experiências vivenciadas são uma multiplicidade de imagens-lembranças armazenadas, grosso modo, na memória. Entretanto, materializar na linguagem essa multiplicidade de acontecimentos demandou uma seleção, da qual o esquecimento e a transformação fizeram parte, o resultado pode se aproximar, mas não será igual ao ocorrido, pois eles são irrepetíveis. Portanto, os acontecimentos foram reconstruídos e, nessa recapitulação, eles passaram por juízos de valor (Gusdorf, 1991b) que deram margem para que singularidades do eu se apresentassem.

Em *Transplante de menina*, essas singularidades apresentaram-se como devires que descentralizaram sua identidade. Dessa maneira várias

Tatianas transcenderam o “eu” empírico, o que revelou também que a identidade não é algo coeso, mas fragmentado. Assim, não há um “eu”, mas vários que põe em jogo diferentes identidades que agem e refletem de acordo com a situação vivenciada. A desterritorialização de Belinky já era singular porque provinha de um ambiente culturalmente híbrido, onde ainda estavam acomodando diferenças culturais devido às constantes disputas pelo território da Letônia, que passava por transformações sociais na época¹.

Nesse sentido Belinky possuía uma identidade híbrida: judia-russa-letã. Em contato com a cultura brasileira, ela incorporou mais os costumes brasileiros à cultura que já tinha. Não foi uma aculturação, mas um processo de hibridização; a ponto de que as diferentes culturas se integrassem, formando então uma nova identidade, uma identidade neobrasileira.

Como disse a Tatiana-autora em *Transplante de menina*: “isso não foi fácil”. No processo de des(re)territorialização (Deleuze; Guattari, 1997), muitas vezes ocorreram situações que lhe deixaram sequelas, como traumas e ressentimentos, pois as trocas culturais colocaram-se numa relação de encontro/confronto na interação social. Nem tudo era diferente de uma cultura para outra. Alguns aspectos culturais podem se equivaler ou se aproximar, vai depender da situação, porém outros podem se colocar em oposição. A língua como traço identitário pode exemplificar a relação do confronto entre culturas, porque é a primeira barreira encontrada pelo estrangeiro em um outro país.

¹ Em 1918 a Letônia tornou-se independente da Rússia, mas não por muito tempo. A Letônia como outros países bálticos fez parte da União Soviética de 1940 a 1990, quando se tornaram independentes novamente. No tempo presente da escrita a Letônia ainda estava integrada à Rússia. Isso explica o porquê de quando questionavam Belinky sobre sua nacionalidade de origem, a autora afirmava ser russa, sem considerar o seu lado letão, já que viveu em São Petersburgo apenas no primeiro ano de vida.

Belinky tematizou o seu processo de des(re)territorialização em *Transplante de menina*. As dificuldades em se integrar à nova cultura permearam a narrativa na segunda parte do livro. Entretanto, o que se colocou em pauta foram as relações sociais, porque, sobre estas, ela refletiu, justificou-se e emitiu juízos de valor. Os conflitos identitários ocorreram num espaço onde a diversidade étnica era evidente: a Rua Jaguaribe, uma pequena parcela de um todo maior, a cidade de São Paulo no início do século XX. Houve também as escolas por onde Belinky circulou e entrou em contato com habitantes da cidade que não pertenciam à Rua Jaguaribe, mas nem por isso as relações foram menos conflitantes. A Tatiana-autora não esclareceu o porquê do tratamento discriminatório das crianças, fez apenas especulações sobre divergências entre classes sociais. Porém, na narrativa transpareceu o ressentimento pela forma como havia sido tratada pelas outras crianças da Rua Jaguaribe, de quem ela esperava acolhimento e amizade, mesmo porque muitos eram descendentes de estrangeiros. Nesse sentido, a reflexão sobre os conflitos identitários e as relações sociais poderiam ser aprofundadas.

Tarefa para o leitor interpretar o que levou as crianças a se discriminarem mutuamente (a Tatiana-pré-adolescente também discriminava os “moleques” da rua), e cada leitor pode chegar às próprias conclusões. Na leitura realizada, os integrantes da família Belinky podem ser considerados os *outsiders* (Elias; Scotson, 2000) que buscavam uma convivência pacífica com os vizinhos já integrados à cultura brasileira. Considerando o contexto sócio-histórico da época, os Belinky chegaram em um momento que o nacionalismo – que vinha se consolidando sob a forma de uma política de Estado desde a virada do século –, contrário à entrada de imigrantes no país, começava a atingir um público mais amplo. Para os nacionalistas,

os imigrantes representavam uma ameaça à homogeneização que se buscava para a formação de uma nação brasileira (Lesser, 1995; Seyferth, 1990; Paiva, 2013).

Com a crise do café, os imigrantes que vieram trabalhar nas lavouras se dirigiram (ao menos parte deles) para os centros urbanos – ainda com um setor industriário incipiente. Com um número maior de imigrantes, que continuavam entrando no país, aumentou o contingente de pessoas em busca de emprego. É de se deduzir que novos estrangeiros não fossem bem-quistos no bairro. Além disso, os costumes dos Belinky divergiam muito do que a sociedade estava habituada: a língua, as roupas, o comportamento (a mãe trabalhava, o pai cuidava das crianças), o fato de serem judeus, a mãe comunista etc. As mudanças de moradia na própria rua, sempre para uma casa melhor, representavam alteração de *status quo*. Dessa maneira, eles possuíam todos os atributos difundidos pelos nacionalistas para não serem vistos com bons olhos pela vizinhança.

Em razão disso, o mito da democracia racial brasileira deve ser questionado. A hospitalidade brasileira, considerada um traço identitário, na prática não condiz com a realidade. Um dos méritos de *Transplante de menina* é dar visibilidade ao ponto de vista do estrangeiro sobre o tratamento que lhe foi dispensado e seus sentimentos em relação a isso. Na autobiografia transpareceu o ressentimento pela forma como era tratada pelas outras crianças na Rua Jaguaribe, de quem ela esperava acolhimento e amizade, sendo que o grupo, em sua maioria, era formado por descendentes de estrangeiros. Para alguns estrangeiros, as fases inicial e intermediária podem ser as mais difíceis do processo de des(re)territorialização, pois se demoram a se adaptar às situações novas e inesperadas. Depois, com o tempo, vão se familiarizando com os novos hábitos, e os outros também vão se acostumando com aquela presença estranha que

tomou parte numa convivência diária. Assim a influência é mútua, o estrangeiro adquire novos hábitos, porém também dissemina os seus. Isso não quer dizer que ocorra sem conflitos, porém faz parte do processo de hibridização (Canclini, 2003).

A língua é um elemento responsável, entre outras coisas, pela união de uma nação, como é o caso da língua portuguesa; mas também pode dividi-la, como é o caso da Letônia, cuja diversidade de idiomas deu-se pelas mudanças sócio-históricas, caracterizando o país por um rizoma (Deleuze; Guattari, 1995) linguístico. Como já mencionado, quando emigrou para o Brasil, a Tatiana-russa já tinha uma formação cultural híbrida. No território brasileiro, sua formação diversificou-se mais, o que marcou a sua condição de estrangeira no Brasil e permitiu a formação de uma identidade neobrasileira.

Cada cultura que ela incorporava, também tinha o seu próprio idioma, assim, na Letônia ela se expressava em quatro idiomas: russo, alemão, letão e ídiche. Por grau de importância social na Letônia, o russo foi a língua considerada de prestígio, desde a dominação do território pelo império russo. O alemão e o letão (língua do povo), principalmente, línguas mais funcionais, utilizadas, respectivamente, nos institutos educacionais e na vida social cotidiana. No Brasil, a Tatiana-russa incorporou mais três línguas: português, inglês e francês. Nesse sentido, foi possível pensar a autora como uma nômade linguística, visto que se expressava em diversas línguas desde pequena. Mesmo no Brasil continuou se comunicando em alemão e russo com os imigrantes dessas nacionalidades, além dos pais e inquilinos de sua mãe. O português aprendeu na Rua Jaguaribe e na escola, o qual aprimorou ao se engajar na carreira literária. O inglês lhe foi ensinado no Mackenzie College ao fazer secretariado, e depois o aprimorou ao trabalhar como intérprete numa empresa. O francês aprendeu em casa com o pai, a quem ela descreveu como um poliglota.

Portanto, uma formação cultural orientada para a apreensão de várias línguas explique, em parte, o fato de a autora ter-se voltado para o ramo da tradução na fase adulta.

Para Flusser (2007), a língua é um domicílio em várias pátrias. No caso de Belinky, então, ela tinha vários domicílios que, de acordo com a situação comunicativa, mudava de um para outro, como um nômade que se movimenta num extenso território, mas sempre acampando em algum ponto deste (Maffesoli, 2001). A interação social em diferentes línguas a distinguiu dos demais porque participou de várias comunidades linguísticas, além das de origem. Ela tinha acesso ao que muitos brasileiros não tinham, e, por meio da leitura, ela mantinha o contato com essas comunidades. Viajar por outros mundos, foi assim que a Tatiana-narradora se referiu aos momentos de fruição com o ato de leitura.

Os livros literários, lidos em sua língua original, apresentavam uma realidade diferente daquela que vivenciava na cultura brasileira. Mais tarde, as histórias lidas nesses livros se transformaram em material literário para roteiros de teatro, o que se pode verificar nas edições da *Revista Teatro da Juventude*², e em seus livros infantojuvenis; ou seja, seu engajamento à cultura brasileira lhe fez usar de suas pátrias linguísticas em prol do país que a havia acolhido. Flusser (2007), em suas próprias memórias,

² Tatiana foi convidada, em 1965, a organizar um Setor Infanto-Juvenil na Comissão Estadual de Teatro (CET) por Nagib Elchmer, na época presidente da comissão. Nessa ocasião, Tatiana criou a *Revista Teatro da Juventude*, nos moldes de publicações semelhantes em países da Europa e dos Estados Unidos. A revista trazia, além de peças, artigos e textos de orientação para educadores interessados em promover o teatro nas escolas. A distribuição era acessível e gratuita somente para escolas, clubes, grêmios culturais, bibliotecas e grupos teatrais. As publicações fizeram tanto sucesso que foram distribuídas para o interior do estado de São Paulo e até para fora do país. Cada edição contava com 2500 exemplares, sendo que foram 43 números com mais de 240 textos teatrais e vários artigos publicados. A revista sobreviveu a três governos do Estado, de 1965 a 1972, ano em que encerrou suas atividades. Após 23 anos, a revista retorna na década de 1990, como *Teatro da Juventude Anos Noventa*, possibilitando que novos dramaturgos divulgassem seu trabalho. O primeiro número saiu em 1995, tendo 45 edições ao todo, encerrando as atividades em 2002. Desta vez foram publicados 161 textos teatrais, inúmeros artigos e seções de cartas e dicas de leitura. Nos números 23 a 38, de abril de 1999 a dezembro de 2000, por conta dos 500 anos do descobrimento do Brasil, clássicos da dramaturgia nacional foram publicados na revista. (Carrara, 2015).

viu esse engajamento como a necessidade de agir dentro da cultura brasileira, de certo modo, o engajamento permitiu a criação de pontes entre as culturas. Essa foi a consequência do nomadismo linguístico da autora e de outros imigrantes que pertenciam a mais de uma comunidade linguística e atuaram como tradutores, críticos ou escritores, como Paulo Rónai, Otto Maria Carpeaux, Anatol Rosenfeld, entre outros que aqui se estabeleceram e contribuíram para a formação de uma literatura brasileira.

Não é por acaso que a autora organizou a macroestrutura espacial de *Transplante de menina* em duas partes: Rússia e Brasil. Suas memórias estão intimamente ligadas aos espaços pelos quais ela se deslocou e combinaram com a ideia de transplante que ela conferiu já no título da obra.

Na primeira parte da autobiografia, a autora conta que nasceu em São Petersburgo, na Rússia, por isso sua nacionalidade por nascimento era russa. Com um ano de idade, aproximado, ela foi morar com os pais na Letônia, considerado um país independente e mais seguro para se viver do que a capital da Rússia. No entanto, as lembranças da infância, em sua maioria, dizem respeito à Letônia, onde viveu com a família em Riga. Na autobiografia de Belinky, o espaço feliz que Bachelard (1988) conceituou em seus estudos foi a Letônia; porque os acontecimentos de sua vida pré-Brasil, alguns considerados dramáticos pela autora, foram associados à Letônia. Nem todas as experiências foram felizes, mas em seu conjunto, foi no apartamento da Rua dos Navios, comparado às moradias da Rua Jaguaribe, que ela viveu os momentos mais felizes, por isso o tom nostálgico ao retratar a infância. A viagem no transatlântico e o desembarque na cidade do Rio de Janeiro se deu na primeira parte da autobiografia. Essas experiências ficaram marcadas como momentos de aventura e grande emoção.

Na segunda parte, ela já se encontrava em São Paulo, um espaço desconhecido onde as relações se caracterizaram pelos conflitos identitários.

Com o transplante e a idade, a Tatiana-russa passou a ter mais responsabilidades, como cuidar dos irmãos, mas também lhe foi dado mais liberdade para fazer o reconhecimento do novo território, dessa maneira, a Tatiana-russa explorou a Rua Jaguaribe. Esse devir-outro revelou-se observador e perspicaz dos costumes da época, o que o aproximou do *flâneur* (Benjamin, 1991).

Os pais permitiam que a Tatiana-exploradora percorresse as proximidades sozinha, assim ela conheceu diferentes espaços: como a Igreja Coração de Maria e a Santa Casa de Misericórdia. Locais que, na sua condição de judia e de “menina protegida”, na Letônia seria impensável ela percorrer. Foram nesses espaços que a Tatiana-russa conheceu a Roda dos Expostos e os rituais católicos, costumes que lhe causaram estranheza, pois em nada se pareciam com os que ela estava habituada em Riga. Outros aspectos da cidade de São Paulo que lhe causaram estranhamento foram os símbolos da modernidade presentes na sociedade: a eletricidade, o bonde, o cinema, o rádio, os pregões; e as transformações urbanas que originaram novos hábito citadinos.

A cidade do Rio de Janeiro recebeu destaque especial pela sua natureza exuberante e exótica aos olhos estrangeiros. Presenciar o carnaval carioca contribuiu para reforçar a impressão de um país exótico. Esse traço cultural brasileiro, tipo exportação, agradou-a por seu caráter inebriante, alegre e extrovertido. Em *Transplante de menina*, as descrições detalhadas e a sensibilidade sobre os costumes sociais da cidade de São Paulo, nos anos de 1930, apresentam-se como uma fonte de pesquisa para os Estudos Culturais.

Outro tema importante que se fez presente na autobiografia de Belinky foi a sua formação de leitora. Em *Transplante de menina*, a autora refletiu sobre as práticas de leitura e os agentes sociais que contribuíram para a sua formação cultural literária na infância, bem como o papel que

veio desempenhar sobre sua vida adulta. Entretanto, essa temática não é analisada neste estudo.

Em *Transplante de menina*, os encontros e confrontos vivenciados pelos devires-outros da autora marcaram sua fase de integração à cultura brasileira de tal maneira que ainda apresentavam suas marcas no tempo presente da escrita. Nas experiências vivenciadas, principalmente às que a Tatiana-narradora se referiu como traumáticas, percebeu-se um alívio emocional da autora ao reconstruir e refletir sobre sua condição de estrangeira: uma espécie de purgação emocional que ocorreu durante a escrita de si, mas que também pode se estender ao leitor. No leitor, a catarse depende da empatia que ele estabelece com a personagem e a obra. Nesse sentido, *Transplante de Menina*, visto pelo aspecto político-social, também permite a conscientização e a transformação da sociedade por meio da leitura.

Referências

- ALTENFELDER, Anna Helena; CLARA, Regina Andrade. O gênero memórias literárias: Memórias e escola. In: *Escrevendo o Futuro*. [on-line]. 23 jul. 2008. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1339/o-genero-memorias-literarias>. Acesso em: 1º jan. 2017.
- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). Tendências Globais sobre refugiados e outras populações de interesse do ACNUR. Disponível em: < <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/>>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- ANDRADE, Mário de. *Melodias de boi e outras peças*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.
- ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.
- ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. *Biblioteca virtual do estudante brasileiro*. 2012. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2016.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DESCENDENTES DE JUDEUS DA INQUISIÇÃO (ABRADJIN). Os judeus e as divisões geo-culturais. 25/07/2012. Disponível em: <http://anussim.org.br/os-judeus-e-as-divisoes-geo-culturais/>. Acesso em: 16 jan. 2017.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira. A Lei Brasileira de Refúgio – Sua história. In: _____ (org.). *Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas*. 1. edição. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: < http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Re_fugio_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

BELINKY, Tatiana. *Bidínsula e outros retalhos*. São Paulo: Atual Editora, 1990.

_____. *Sete contos russos*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 1995.

_____. *Transplante de menina: da Rua dos Navios à Rua Jaguaribe*. 3. edição. São Paulo: Moderna, 2003.

_____. *17 é Tov*. São Paulo: Cia das Letrinhas, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. 2. Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991. Obras Escolhidas III.

_____. *Rua de mão única*. 5. edição. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução, apresentação e notas Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2002.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin. 8. edição revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BELSKY, Janet. *Desenvolvimento humano: experienciando o ciclo da vida*. Porto Alegre, RS: Artmed, 2010.

BERND, Zilá. *Por uma estética dos vestígios memoriais: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

BLAY, Eva Alterman. *O Brasil como destino: raízes da imigração judaica contemporânea para São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 16. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). *Escritos de educação*. Tradução Magali de Castro. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 71-80.

BUTLER, Judith. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução: Rogério Bettoni. Belo Horizonte, MG: Editora Autêntica, 2015.

CALABRE, Lia. *A era do rádio*. 2. edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

CAMARERO, Jesús. *Autobiografía: escritura y existencia*. Barcelona: Anthropos Editorial, 2011.

CARRARA, Júlio. *Tatiana Belinky: um centro irradiador de cultura e arte*. Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Disponível em: <http://cbtij.org.br/tatiana-belinky/>. Acesso em: 17 ago. 2015.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução: Ana Regina Lessa, Heloisa Pezza Cintrao. 4. edição. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo, SP: Contexto, 2012.

CHAMPLIN, Russell Normam. Batismo judaico. In: _____. *Enciclopédia de bíblia, teologia e filosofia*. 9. edição. São Paulo: Hagnos, 2008. Vol. 1 (A-C).

CLIFFORD, James. *Dilemas de la cultura*. Antropología, literatura y arte en la perspectiva posmoderna. Barcelona: Gedisa, 1995.

- DAMATTA, Roberto. O carnaval como rito de passagem. In: _____. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. Antropologia 3. p. 121-168.
- DEBRET, Jean Baptiste; MATHIAS, Herculano Gomes; WULFES, Alexandre. *A viagem pitoresca e histórica ao Brasil*: todas as ilustrações originais devidamente explicadas. Rio de Janeiro: Tecnoprink, 1980.
- DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade*: ensaio sobre a natureza humana. 2. edição. Tradução: Luiz b. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka*: por uma literatura menor. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.
- _____. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Vol. 1.
- _____. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997. Vol. 5.
- DERRIDA, Jacques. *Le monolingüisme de l'autre*. Paris: Galillé, 1996.
- _____. Questão do estrangeiro: vinda do estrangeiro. In: DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Tradução: Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico*: escrever uma vida. Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Editora Edusp, 2009.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*: e outros ensaios. 12. edição. Campinas (SP): Papyrus, 1993.
- DUFOURMANTELLE, Anne. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. Tradução: Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DUTRA, Kátia. A vida e a obra de Tatiana Belinky. *Rede Moderna*, São Paulo, 18 jun. 2013.

Disponível em: <http://redes.moderna.com.br/2013/06/18/a-vida-e-a-obra-de-tatiana-belinky/>. Acesso em: 7 jan. 2017.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução: Hildegard Feist. 12. Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução: Vera Ribeiro; Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

ESPIG, Márcia Janete. A construção da Linha Sul da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (1908-1910): mão de obra e migrações. *Varia história*, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 849-869, dez. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752012000200017>.

FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007. (Coleção Comunicações).

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

_____. O que é um autor? In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 3. edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 268-302. (Ditos e Escritos III).

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

FRIEDERICHSEN, Max. *Países Bálticos*. Traducción: Carlos de Salas. Barcelona: Editorial Labor, 1930. (Coleccion Labor, Geografía; v. 233).

GIACOMETTI, Michel; GRAÇA, Fernando Lopes. *Cancioneiro Popular Português*. Portugal: Círculo de Leitores, 1981.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

GONDAR, Jô. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 11-26.

_____. Memória individual, memória coletiva e memória social. *Morpheus – Revista Eletrônica em Ciências Humanas*, ano 8, número 13, não paginado, 2008. Disponível em: < <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4815/4305>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

GONZÁLEZ, Elena Palmero. Deslocamento/desplacamento. In: BERN, Zilá et al. (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 109-127.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUSDORF, Georges. *Auto-bio-graphie*. Paris: Odile Jacob, 1990. (Lignes de vie 2).

_____. *Les écritures de moi*. Paris: Odile Jacob, 1991a. (Lignes de vie 1).

_____. Condiciones y límites de la autobiografía. In.: LOUREIRO, Ángel G. *La autobiografía y sus problemas teóricos: estudios e investigación documental*. Barcelona: Editorial Anthropos, 1991b. p. 9-18. (Monografías temáticas, suplementos nº 29).

HARDT, Michael. Das abas do livro. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997. Vol. 5.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. Tradução: Marcos Santarrita. 2. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. [e-book].

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. edição. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 3, nº 6, p. 89-112, ago. 1989. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

JÜNGER, Friedrich Georg. *Gedächtnis und Erinnerung* [memória e recordação]. Frankfurt, 1957, p. 48.

KAS, Leonel; LODDI, Nigge. *Cristo Redentor: história e arte de um símbolo do Brasil*. São Paulo: Aprazível Edições e Arte, 2008.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. A Roda de Expostos: o óbvio e o contraditório da instituição. *Resgate: revista de cultura*, Campinas (SP), v. 2, n. 3, p. 66-75, 1991. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/issue/view/3/showToc>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico. In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. 2. edição. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2014. p. 15-55. (Original publicado em 1975).

_____. O pacto autobiográfico, 25 anos depois. In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. 2. edição. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2014. p. 81-99. (Original publicado em 2005).

_____. Autobiografia e ficção. In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. 2. edição. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2014. p. 120-127. (Original publicado em 2005).

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Tradução: Marisa Sanematsu. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LOPEZ, Telê Ancona. Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem de sua biblioteca e de seu marginalia. *Revista Escritos*, ano 5, n. 5, Fundação Casa Rui Barbosa, 2011.

Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/index.php>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

_____. O Macunaíma de Mário de Andrade nas páginas de Koch-Grünberg. *Manuscrita: revista de crítica genética*, São Paulo, n. 24, 2013, p. 151-161. Disponível em: <<http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/viewFile/1481/1314>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

LUMANS, Valdis O. *Latvia in World War II: The global human and ethical dimension*. EUA: Fordham Univ Press, 2006.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A luneta mágica*. Obras imortais de nossa literatura. São Paulo: Editora três, 1972.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo*. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGALHÃES, Gildo. *Força e Luz: eletricidade e modernização na República Velha*. São Paulo: Editora Unesp: Fapesp, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Discurso literário*. Tradução: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.

MAIO, Marcos Chor. Qual anti-semitismo? Relativizando a questão judaica no Brasil os anos 30. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 229-256.

MALHAÇÃO do Judas. Quem lembra? *Jornal eletrônico Novo Milênio*, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/ho116.htm>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil (1726-1950). In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 51-76.

- MARTINS, Estefânia Maria Almeida. *Espaços da imaginação no processo criativo de Tatiana Belinky*. 2011. 168f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, CE, 2011.
- NANCY, Jean-Luc. La existencia exiliada. Tradução: Juan Gabriel López Guix. *Archipiélago*, n. 26, 27, invierno 1996.
- NOGUEIRA FILHO, Paulo. *A Guerra Cívica: ideais e lutas de um burguês progressista*. São Paulo: UAE S/A, 1981. Vol. 4.
- NICÉAS, Alcides Barbosa. *Verbetes para um dicionário do carnaval brasileiro*. Sorocaba (SP): Fundação Ubaldino do Amaral, 1991.
- OLNEY, James. Algunas versiones de la memoria/ algunas versiones del bios: la ontología de la autobiografía. In.: LOUREIRO, Ángel G. La autobiografía y sus problemas teóricos: estudios e investigación documental. Barcelona: Editorial Anthropos, 1991. p. 33-47. (*Monografías temáticas*, suplementos nº 29).
- ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Tradução: Paulo Neves. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 2009.
- PAIVA, Odair da Cruz. *Histórias da (I)migração: imigrantes e migrantes em São Paulo entre o final do século XIX e o início do século XXI*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2013. (Coleção Ensino e Memória, 2).
- PARANHOS, Ana Lúcia Silva. Des(re)territorialização. In: BERN, Zilá et al. (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. p. 147-166.
- PARRON, Milton. *São Paulo, a trajetória de uma cidade: história, imagens e sons*. São Paulo: Nobel, 2004.

PESAVENTO, Sandra. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 1999.

_____. *História e história cultural*. 2. edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008. (Col. História e Reflexões).

POGROM. In: *LAROUSSE* encyclopedie. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

POSSENTI, Sírio. Índícios de autoria. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 105-124, jan./jun. 2002.

PORTO, Rosane de Albuquerque. *Roda dos expostos: deslocamentos do livro ao jornal*. 2011. 226 fl. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

PRADO JUNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: colônia*. 12. edição. São Paulo: Brasiliense, 1972.

PRIORE, Mary Del.; VENANCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

RAMA, Angel. Transculturação na narrativa latino-americana. *Cadernos de Opinião*, Rio de Janeiro, n. 2, 1975.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Tradução: Mário Pontes. 3. edição. Rio de Janeiro: Difel, 2011.

RODRIGUES, Gilberto M. A. O futuro do refúgio no Brasil e seu papel no cenário humanitário. In: BARRETO, Luiz Paulo Teles Ferreira (org.). *Refúgio no Brasil: a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas*. 1. edição. Brasília: ACNUR, Ministério da Justiça, 2010. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2010/Refugio_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2016.

ROVERI, Sérgio. *Tatiana Belinky: ...e quem quiser que conte outra*. São Paulo: imprensa oficial, 2007. (Coleção Aplauso: Perfil). Disponível em: <http://aplauso.imprensaoficial.com.br/>. Acesso em: 21 jun. 2014.

SAER, Juan José. O conceito de ficção. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 8, jul. 2012.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Tradução: Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHLINK, Bernhard. *O leitor*. Tradução: Pedro Sússekind. 10. edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SCHILLER, Friedrich. *Sobre a educação estética do ser humano numa série de cartas e outros textos*. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda, 1993.

SCHPUN, Mônica Raisa. Corpo versus texto. Margareth Levy e Aracy de Carvalho: entre a Alemanha nazista e o Brasil da era Vargas. In: AREND, S. F.; RIAL, C. S. M.; PEDRO, J. M. (orgs.). *Diásporas, mobilidades e migrações*. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2011. p. 79-102.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

_____. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 199-228.

_____. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>> Acesso em: 12 dez. 2016.

SILVA, Henrique Manoel. *Os imigrantes da Letônia no oeste paulista*: adaptação pioneira e construção de uma comunidade histórica e imaginária em terras brasileiras 1922-1940. Maringá: EDUEM, 2002.

SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SILVA, Maria Beatriz de Oliveira e. *A Irmandade da Misericórdia de São Paulo e a assistência aos expostos*: recolher, salvar e educar (1896-1944). 2010. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10797>. Acesso em: 15 dez. 2016.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel*: sociologia. Organizador Evaristo de Moraes Filho. Tradução: Evaristo de Moraes Filho ... [et al.]. São Paulo: Ática, 1983. (Série grandes cientistas sociais, n. 34).

STEINER, George. *Extraterritorial*: a literatura e a revolução da linguagem. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

STEVENSON, David. *1914-1918*: A história da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Novo Século, 2016.

TCHEKHOV, Anton et al. *Salada russa*. Tradução: Tatiana Belinky. São Paulo: Paulinas, 1988.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. Almanques: história, contribuições e esquecimento. *DIALOGUS*, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, 2008. Disponível em: https://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/dialogus/2008/pdf/almanques_historia_contribuicoes_esquecimento_2008.pdf. Acesso em: 09/12/2016.

TROTSKY, Leon. *A Revolução de Outubro*. Tradução: Daniela Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2007.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2012.

_____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença, a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. pp. 7-72.

ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1960. (Obras completas, vol. VI).

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org